

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO AMBIENTES LITORÂNEOS E INSULARES  
Mestrado em Ciências Ambientais

**MILENA APARECIDA RODRIGUES DA SILVA**



**A COMUNIDADE DE EUFRASINA E O TURISMO DE BASE  
COMUNITÁRIO: POTENCIALIDADES AMBIENTAIS, CULTURAIS E  
SOCIAIS**

Programa de Pós-Graduação  
em Ambientes Litorâneos  
e Insulares - UNESPAR

Paranaguá

2026

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO AMBIENTES LITORÂNEOS E INSULARES  
Mestrado em Ciências Ambientais

**MILENA APARECIDA RODRIGUES DA SILVA**

**A COMUNIDADE DE EUFRASINA E O TURISMO DE BASE  
COMUNITÁRIO: POTENCIALIDADES AMBIENTAIS, CULTURAIS E  
SOCIAIS**

Programa de Pós-Graduação  
em Ambientes Litorâneos  
e Insulares - UNESPAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambientes Litorâneos e Insulares – PALI – da Universidade Estadual do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientador(a): Prof. Dr. Cleverson Molinari Mello

Paranaguá

2026

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Aparecida Rodrigues da Silva, Milena

A comunidade de Eufrasina e o turismo de base comunitário: potencialidades ambientais, culturais e sociais / Milena Aparecida Rodrigues da Silva. -- Paranaguá-PR, 2026.

97 f. : il.

Orientador: Cleverson Molinari Mello.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ambientes Litorâneos e Insulares) -- Universidade Estadual do Paraná, 2026.

1. Interdisciplinar. 2. Turismo de Base Comunitária (TBC). 3. Sustentabilidade. 4. Litoral do Paraná. I - Molinari Mello, Cleverson (orient). II - Título.

## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Na presente data realizou-se a sessão pública de defesa da Dissertação intitulada **POTENCIALIDADES AMBIENTAIS, CULTURAIS E SOCIAIS DA ILHA DE EUFRASINA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA**, sob orientação de CLEVERSON MOLINARI MELLO, apresentada pela discente **Milena Aparecida Rodrigues da Silva (20251PNG.PALI.20200035)** do Curso **MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS - AMBIENTES LITORÂNEOS E INSULARES (Paranaguá)**. Os trabalhos foram iniciados às 14 horas pelo Professor presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **Cleverson Molinari Mello** (Presidente)
- **Fernando Henrique Lermen** (Examinador Interno)
- **Mayra Taiza Sulzbach** (Examinadora Externa)
- **Adilson Anacleto** (Examinador Suplente Interno)
- **Elaine Cristina Lopes** (Examinadora Suplente Interna)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo da Dissertação, passou à arguição da candidata. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pela discente, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

Aprovado

Reprovado


Nota (quando exigido): \_\_\_\_\_

**Observação / Apreciações:**


A referida aprovação fica condicionada: a) Correção na íntegra de toda Dissertação (incluindo todos os pontos levantados pela banca); b) Revisão da gramática; c) Verificação por parte do orientador e demais membros da banca quanto aos ajustes solicitados.

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu **CLEVERSON MOLINARI MELLO** lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

Paranaguá / PR, 16/03/2026


Documento assinado digitalmente  
 **MAYRA TAIZA SULZBACH**  
Data: 20/03/2026 15:06:15-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Mayra Taiza Sulzbach**

Documento assinado digitalmente  
 **FERNANDO HENRIQUE LERMEN**  
Data: 20/03/2026 17:29:46-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Fernando Henrique Lermen**

**Adilson Anacleto**

Documento assinado digitalmente  
 **CLEVERSON MOLINARI MELLO**  
Data: 16/03/2026 15:51:24-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Elaine Cristina Lopes**

**Cleverson Molinari Mello**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança ao longo desta caminhada.

Dedico também aos meus queridos e amados pais Dona Maria e Seu Jose, que sempre foram minha fonte de inspiração e apoio incondicional. Acreditando em mim, bem como suas constantes palavras de incentivo e orações foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

À minha família, meus irmãos, minha madrinha e padrinho, meus tios, meus primos e em especial ao meu tio Geraldo e ao meu irmão Ernandes, que sempre me apoiaram e incentivaram nos momentos de dificuldade.

Não posso deixar de dedicar também aos meus amigos que fiz em Paranaguá por suas companhias e pela motivação diária, que me mostravam que apesar de morar sozinha eu não estava sozinha.

Dedico também ao meu querido orientador Prof<sup>o</sup> Dr.Cleverson, por confiar em mim como sua orientanda e acreditar no meu potencial durante esses dois anos.

De modo especial, este trabalho é dedicado a todos que acreditam no poder do conhecimento e na busca constante pela aprendizagem.

Obrigada por estarem comigo nesta jornada!!

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Dessa forma, agradeço com especial carinho, à CAPES, pelo apoio e incentivo concedidos durante o desenvolvimento desta pesquisa, tornando possível que eu seguisse esta trajetória acadêmica com mais tranquilidade, dedicação e esperança.

Acima de tudo e de todos, gostaria de expressar minha profunda gratidão a Deus, por ser meu sustento, por seu infinito amor e bondade para comigo. Agradeço por nunca me deixar sozinha e por estar ao meu lado ao longo de toda esta caminhada.

Um agradecimento especial à minha família, que sempre acreditou em mim e me proporcionou um ambiente de amor e apoio.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Cleverson Molinari Mello, que não foi apenas um orientador, mas também um amigo durante todo esse período. Agradeço pela orientação dedicada, pela paciência, compreensão e sensibilidade ao longo de todo o processo de construção desta dissertação. Sua postura humana, atenciosa e sempre disponível foi fundamental para que eu pudesse superar os desafios da pesquisa, tornando este percurso mais leve e enriquecedor.

Agradeço à banca examinadora, ao Prof. Dr. Fernando Henrique Lermen e à Profa. Dra. Mayra Taiza Sulzbach, pelas valiosas contribuições, sugestões e apontamentos realizados ao longo da avaliação deste trabalho, os quais foram fundamentais para o aprimoramento da pesquisa e para o fortalecimento de sua qualidade acadêmica.

Aos professores que contribuíram com seus ensinamentos ao longo da minha trajetória acadêmica, sou grato pelos conhecimentos que me foram transmitidos e que foram essenciais para minha formação.

Aos meus amigos e colegas que percorram juntamente comigo na turma de mestrado do PALI de 2024.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, colaboraram na realização deste trabalho, seja com conselhos, sugestões ou apoio moral. Cada contribuição foi valiosa e muito apreciada.

SILVA, Milena Aparecida Rodrigues da Silva. **A COMUNIDADE DE EUFRASINA E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIO: POTENCIALIDADES AMBIENTAIS, CULTURAIS E SOCIAIS** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ambientes Litorâneos e Insulares (PALI), Universidade Estadual do Paraná, *Campus Paranaguá*, 2025.

## RESUMO

O presente estudo visa analisar como as potencialidades ambientais, culturais e sociais da Comunidade de Eufрасina podem contribuir para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC). A pesquisa justifica-se em virtude de o turismo comunitário ser uma alternativa de desenvolvimento sustentável, tendo em vista os benefícios para as comunidades locais e para o meio ambiente. Para tanto, utilizar-se uma abordagem qualitativa para tratar dos fundamentos teóricos do turismo comunitário, de estudos realizados em outras localidades e entrevistas com moradores e líderes da comunidade de Eufрасina e integrantes da Rede Caiçara de Turismo e Acquaplan. Os resultados demonstram as potencialidades ambientais, culturais e sociais da Comunidade de Eufрасina, articuladas ao engajamento comunitário e as práticas de conservação para o desenvolvimento do TBC, indicando caminhos e estratégias para o fortalecimento do território. A pesquisa também contribui com uma discussão do setor turístico no litoral do Paraná, em especial nas comunidades insulares.

**Palavras-chave:** Interdisciplinar. Turismo de Base Comunitária (TBC). Sustentabilidade. Litoral do Paraná.

SILVA, Milena Aparecida Rodrigues da Silva. **A COMUNIDADE DE EUFRASINA E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIO: POTENCIALIDADES AMBIENTAIS, CULTURAIS E SOCIAIS.** Dissertation (Master's) - Postgraduate Program in Coastal and Island Environments (PALI), State University of Paraná, *Campus Paranaguá*, 2024

SILVA, Milena Aparecida Rodrigues da Silva. **La comunidad de Eufrasina y el turismo de base comunitaria: potencialidades ambientales, culturales y Sociales.** Disertación (Maestría) - Programa de Postgrado en Ambientes Costeros e Insulares (PALI), Universidad Estatal de Paraná, *Campus Paranaguá*, 2024

### ABSTRACT / RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar cómo el potencial ambiental, cultural y social de la Community Eufrasina puede contribuir al desarrollo del Turismo Comunitario (TCB). La investigación se justifica por el hecho de que el turismo comunitario es una alternativa de desarrollo sostenible, considerando los beneficios para las comunidades locales y el medio ambiente. Para ello, se utilizó un enfoque cualitativo para abordar los fundamentos teóricos del turismo comunitario, estudios realizados en otras localidades y entrevistas con residentes y líderes de la Isla Eufrasina, así como con miembros de la Red Turística de Caiçara y Acquaplan. Los resultados demuestran el potencial ambiental, cultural y social de la Community Eufrasina, articulado con la participación comunitaria y las prácticas de conservación para el desarrollo del TCB, indicando caminos y estrategias para fortalecer el territorio. La investigación también contribuye al debate sobre el sector turístico en la costa de Paraná, especialmente en las islas.

**Palabras clave:** Interdisciplinar. Turismo de Base Comunitaria (TBC). Sostenibilidad. Litoral de Paraná.

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b>	Fluxograma da Seleção de Artigos para análise Bibliométrica	45
<b>Figura 2:</b>	Produção Científica do País	50
<b>Figura 3:</b>	Mapa temático dos principais tópicos abordados nas publicações sobre TBC em Comunidades	52
<b>Figura 4:</b>	Nuvem de Palavras	55
<b>Figura 5:</b>	Comunidade de Eufrasina	74
<b>Figura 6:</b>	Biodigestores Artesanais da Comunidade de Eufrasina	80
<b>Figura 7:</b>	Casas das Farinheiras da Comunidade	89
<b>Figura 8:</b>	Prato de peixe fresco preparado por uma das moradoras da Comunidade	93

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b>	Tendências na Produção Científica Anual	51
<b>Gráfico 2:</b>	Top 10 Principais Fontes de Publicações sobre TBC em Comunidades	51
<b>Gráfico 3:</b>	Diagrama de Zipf das palavras	54

**LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1:</b>	Classificação Hierárquica Descendente de Palavras para Dimensões Temáticas	56
<b>Tabela 2:</b>	Estrutura das Barreiras, Estratégias e <i>Stakeholders</i> Identificados por Classes de Palavras por Dimensões Temáticas	65
<b>Tabela 3:</b>	Agenda de Pesquisa para o futuro do TBC em Comunidades	67

**LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1:</b>	Descrição dos Resultados	53
<b>Quadro 2:</b>	Potencialidades, Barreiras e Estratégias para o TBC na Comunidade de Eufrasina	92

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2. AS ESPECIFICIDADES DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA</b>	<b>20</b>
2.1 A Cultura como construção social e importância do Turismo de Base Comunitária	22
2.2 Geração de Renda versus Conservação dos Recursos Naturais nas Comunidades Tradicionais	32
<b>3. REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA</b>	<b>42</b>
3.1 Metodologia	44
3.2 Bibliometria	49
3.3 Análise de Conteúdo	52
3.4 Potencialidades, Barreiras e Estratégias	58
3.5 Discussão	62
<b>4. A COMUNIDADE DE EUFRASINA E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA</b>	<b>72</b>
4.1 Entre Desafios e Potencialidades: A Visão Comunitária sobre o Turismo De Base Comunitária (TBC) na Comunidade de Eufrasina	73
4.2 Potencialidades, Barreiras e Estratégias para o Turismo de Base Comunitária na Comunidade de Eufrasina	92
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>116</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>117</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Turismo de Base Comunitária (TBC) tem se tornado uma estratégia para promover o desenvolvimento sustentável em diversas localidades, incluindo regiões insulares, como as ilhas e comunidades. Aqui, considera-se o turismo uma atividade capaz de promover a conservação ambiental e fortalecer as comunidades locais, integrando a proteção dos recursos naturais com a geração de benefícios sociais.

A literatura destaca esse estilo de turismo como uma forma de repensar os modos de desenvolvimento, inserindo atividades sustentáveis que contribuem para a conservação ambiental e o fortalecimento das comunidades locais (Huffner et al., 2018). Além disso, a ocupação urbana, a pesca, o turismo e outras atividades humanas geram pressões ambientais nas ilhas costeiras, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais sustentável (Martins et al., 2011).

Estudos sobre ilhas e comunidades insulares evidenciam a necessidade de se considerar as particularidades desses ambientes, como a sazonalidade dos recursos e a importância das ilhas menores na história e no desenvolvimento humano (Fitzpatrick et al., 2016). O TBC mostra-se especificamente adequado a esse ambiente por valorizar essas especificidades, ao promover a gestão participativa dos recursos, fortalecer as práticas tradicionais e incentivar a conservação dos ecossistemas que promovam o modo de vida insular.

No caso da Comunidade de Eufрасina<sup>1</sup>, essa perspectiva pode desempenhar um papel relevante na promoção do desenvolvimento econômico, social e ambiental das comunidades ali presentes.

A integração de atividades turísticas comunitárias, que valoriza a cultura local e promove a preservação ambiental, envolve ativamente os moradores e apresenta potencial para contribuir para a sustentabilidade da ilha. Diante dessa situação, este estudo busca compreender como as potencialidades ambientais, culturais e sociais da Comunidade de Eufрасina podem contribuir para o desenvolvimento do TBC, considerando seu contexto específico e sua dinâmica local.

A Comunidade de Eufрасina está localizada no Município de Paranaguá, Litoral Norte do Paraná. A mesma é uma área rica em biodiversidade, abrigando uma comunidade composta por cerca de 100 moradores, marcada por vínculos sociais e

---

modos de vidas associado ao cotidiano insular. A pesca, realizada tanto para consumo quanto para comercialização, constitui a principal atividade econômica local (Diretoria de Meio Ambiente da Portos do Paraná, 2021).

A Comunidade de Eufrasina possui características culturais e ambientais associadas à conservação e aos modos de vida locais, podendo ser acessada principalmente por via marítima. Sua paisagem, seus ecossistemas conservados e os modos de vida locais configuram um conjunto de características que pode favorecer iniciativas de TBC. Embora existam estudos sobre ilhas do Litoral do Paraná, como a Ilha do Mel, a produção científica acerca da Comunidade de Eufrasina ainda é limitada, especialmente no que se refere ao TBC.

Diante do contexto, este estudo tem como objetivo analisar como as potencialidades ambientais, culturais e sociais da comunidade de Eufrasina podem contribuir para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC). O foco central da pesquisa está no TBC, buscando identificar e compreender as dinâmicas que podem transformá-lo em uma alternativa sustentável e justa para as comunidades locais. A pesquisa parte da necessidade de entender como as características desta, influenciam o desenvolvimento do TBC. O estudo pretende identificar quais elementos do contexto local podem favorecer ou limitar a adoção de práticas turísticas participativas e sustentáveis, levando em conta o modo de vida dos moradores, o ambiente insular e as dinâmicas sociais que ali existem.

O presente estudo é justificado por três frentes: pessoal, social e científica. A minha justificativa pessoal baseia-se na escolha da comunidade de Eufrasina como objeto de estudo, fundamentada em experiências prévias adquiridas durante a graduação, quando desenvolvi pesquisas relacionadas as ilhas e suas dinâmicas. A seleção dessa comunidade foi motivada pela conveniência e pela relação de proximidade construída com os moradores locais, o que facilita tanto a coleta de dados quanto o entendimento das especificidades culturais e sociais da comunidade.

Esse contato direto serve como base para a elaboração de uma pesquisa que respeite as particularidades locais e integre o conhecimento acadêmico às vivências da comunidade insular. Por outro lado, a proximidade com moradores requer uma distância mínima que garanta condições de objetividade e olhar imparcial.

A justificativa social desta pesquisa está fundamentada na promoção de um turismo mais justo, onde a população local desempenha um papel central em todas as fases do planejamento, execução e gestão das atividades turísticas. O objetivo é

fortalecer a participação da comunidade nas tomadas de decisão, valorizando os saberes locais e apoiando formas de desenvolvimento que estejam alinhadas com a realidade socioeconômica da Comunidade de Eufрасina. Dessa forma, o estudo busca reforçar práticas de turismo que respeitem as identidades culturais e promovam a equidade social.

A justificativa científica baseia-se na necessidade de preencher uma lacuna ainda pouco explorada na literatura acadêmica, considerando a escassez de estudos sobre o TBC na Comunidade de Eufрасina. Essa ausência de investigação dificulta uma compreensão mais aprofundada sobre o potencial turístico local e sobre como suas características socioambientais podem favorecer processos participativos de desenvolvimento. Ao analisar as especificidades da Comunidade de Eufрасina, a pesquisa tem como objetivo expandir o referencial teórico e fornecer subsídios que orientem iniciativas comunitárias voltadas para o turismo, visando fortalecer o Turismo de Base Comunitária (TBC) como uma alternativa social e ambientalmente responsável.

A hipótese desta pesquisa é que as potencialidades ambientais, culturais e sociais da Comunidade de Eufрасina influenciam o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC), considerando as particularidades locais e a participação dos moradores nos processos relacionados ao turismo. Para alcançar esse objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- I. Compreender os princípios e elementos do Turismo de Base Comunitária (TBC) e sua relação com as dinâmicas sociais, culturais e ambientais das comunidades locais.
- II. Analisar experiências de TBC já praticadas em outras localidades, identificando suas características, estratégias e resultados para as comunidades envolvidas.
- III. Identificar as potencialidades ambientais, geográficas, culturais e sociais da Comunidade de Eufрасina, considerando as práticas e conhecimentos de experiências anteriores de Turismo de Base Comunitária (TBC) no Brasil.

Os procedimentos metodológicos selecionados visam possibilitar uma análise que atenda aos objetivos da pesquisa de forma adequada e coerente. Sendo assim, a pesquisa envolve um levantamento inicial de informações teóricas para fundamentar os conceitos abordados, por meio da busca em diversas fontes. Neste contexto, a

metodologia utilizada permitirá investigar, selecionar e analisar informações provenientes de documentos impressos e eletrônicos relevantes para o tema. Desta forma, a pesquisa será orientada de maneira indutiva, conforme necessário, e buscará apresentar de forma clara os conceitos e aspectos a serem explorados.

De acordo com Okoli & Schabram (2015), esse método envolve uma revisão da literatura já existente para que assim possam ser identificadas possíveis lacunas do conhecimento e fornecer informações e suporte teórico para o estudo e contextualização do tema. Assim, a pesquisa não se limita ao campo teórico, pois também envolve a análise de estudos que abordam desafios, práticas e discussões relacionadas ao tema, contribuindo para ampliar a compreensão necessária ao desenvolvimento deste trabalho.

O trabalho caracteriza-se como um estudo de caso, ou sejam em uma pesquisa que investiga um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos. Este enfoque permite uma análise aprofundada das interações e dinâmicas envolvidas, contribuindo para a compreensão abrangente do objeto de estudo. Esse tipo de pesquisa pode ser útil para explorar questões complexas, fornecer *insights* detalhados e ilustrar a aplicação de teorias em situações práticas (Gagnon, 2009).

O estudo também é descritivo, pois busca levantar opiniões, atitudes e crenças para descrever características de um grupo e de um contexto específico. Um estudo descritivo refere-se a um tipo de abordagem de pesquisa, que busca fazer a descrição dessas características sem que haja manipulação ou interferência dos resultados (Munn et al., 2018). Nesse tipo de método envolve a coleta e análise de dados para que assim o estudo possa oferecer uma maior representação do problema de pesquisa (Munn et al., 2018).

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, por buscar compreender um tema ainda pouco investigado e que apresenta potencial para ampliar as discussões sobre o mesmo. Além disso, adota uma abordagem qualitativa, para interpretar os dados à luz dos contextos social, político e econômico nos quais estão inseridos. Essas abordagens permitem examinar o fenômeno, favorecendo uma compreensão mais precisa das dinâmicas e potencialidade da Comunidade de Eufrasina.

A abordagem qualitativa é um método de pesquisa que tem como finalidade compreender fenômenos mais complexos e explorar suas interpretações a partir das

experiências dos participantes da pesquisa (Gil,2008). Para isso, são empregadas técnicas como entrevistas, observações e análise de conteúdo para a coleta e interpretação dos dados (Gil, 2008). Para tanto, foram entrevistados 11 (onze) pessoas no total responderam o questionário, sendo: 06 (seis) moradores da referida comunidade; 02 (dois) líderes comunitários; 01 (um) responsável pela *Secretaria de Turismo de Paranaguá*; 01 (um) integrante da Rede Caiçara de Turismo Comunitário<sup>2</sup>; 01 (um) integrante da *Acquaplan*<sup>3</sup>.

Sendo assim, o questionário semiestruturado utilizado na pesquisa foi elaborado a partir dos objetivos do estudo e dos referenciais teóricos sobre Turismo de Base Comunitária, contemplando questões relacionadas à percepção dos moradores sobre o turismo. Ele abrange questões relativas à percepção dos moradores sobre o turismo, às potencialidades locais, às dificuldades enfrentadas e às expectativas em relação ao futuro dessa atividade na comunidade. A escolha desse instrumento permitiu flexibilidade nas respostas, favorecendo que os entrevistados expressassem suas experiências, interpretações e percepções de forma livre, respeitando seus contextos socioculturais e níveis de escolaridade.

O questionário semiestruturado foi aplicado a três grupos de atores sociais diretamente envolvidos com o turismo na Comunidade de Eufrasina: moradores, líderes locais e representantes de organizações de turismo de base comunitária. Os detalhes sobre esses grupos podem ser encontrados nos anexos A, B e C deste estudo. O mesmo, destinado aos moradores da comunidade foi composto por 24 questões, já o aplicado aos líderes locais contou com 27 questões, e o questionário direcionado aos representantes da Rede Caiçara de Turismo e da *Acquaplan* foi estruturado com 25 questões. Os instrumentos foram organizados em eixos temáticos que contemplaram a caracterização dos sujeitos, a dinâmica socioeconômica local, as percepções sobre os impactos do turismo, o grau de participação comunitária, os aspectos ambientais e culturais, bem como as potencialidades e diretrizes para o fortalecimento do turismo de base comunitária, permitindo uma análise qualitativa do presente estudo.

---

<sup>2</sup> A Rede Caiçara de Turismo Comunitário parte do projeto de educação ambiental do Terminal de Contêineres de Paranaguá (TCP). O objetivo é promover o desenvolvimento do turismo comunitário nas comunidades da Bahia de Paranaguá de forma valorizar a cultura, a culinária e os atrativos locais, sem promover impacto ambiental e contribuindo para o sustento das próprias comunidades.

<sup>3</sup> A ACQUAPLAN – Tecnologia e Consultoria Ambiental Ltda. É uma empresa que possui atua no gerenciamento de informações ambientais. Desenvolve e articula projetos integrados de caráter multi e interdisciplinar, nos mais diversos setores produtivos, com articulação com os órgãos governamentais.

Os questionários foram aplicados de forma presencial e gravados em áudio com o consentimento dos participantes, utilizando um formato com perguntas semiestruturadas. A decisão de gravar teve como objetivo evitar constrangimentos para os respondentes que não são alfabetizados. A opção pela gravação foi adotada com o intuito de evitar qualquer constrangimento aos entrevistados que não possuem alfabetização. Através dessa coleta foi possível compreender melhor a comunidade e suas potencialidades para aderência ao turismo comunitário. Além disso, para embasar o estudo a pesquisa utilizou de: dados coletados no Portal de Transparência do Município de Paranaguá; dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e cadernos Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.

A interpretação dos dados se deu por meio da análise de conteúdo DE Bardin (2016), uma ferramenta para realizar a interpretação e a elaboração desta, de forma estruturada e rigorosa. A análise de conteúdo DE Bardin vem a ser um método constituído de três etapas, sendo: a pré-análise, a exploração do material, e tratamento e interpretação dos dados obtidos (Bardin, 1977).

O estudo adotou um método de análise que envolveu a transcrição e o tratamento dos dados coletados a partir dos questionários aplicados. Os dados foram categorizados com o auxílio do software Excel, de acordo com os temas e padrões emergentes da pesquisa, permitindo uma análise aprofundada das respostas dos participantes. Após a finalização desse tratamento, procedeu-se à interpretação e à discussão dos resultados obtidos.

## **2 AS ESPECIFICIDADES DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC)**

O turismo é comumente definido como a atividade de viajar para locais fora do ambiente habitual para lazer, negócios ou outros fins (OMT, 2020). Trata-se de uma

atividade econômica importante e de um contribuinte significativo no quesito de geração de emprego e de participação no Produto Interno Bruto (PIB) de um país (Mcnaughton et al, 2020). Essa atividade, ao longo do tempo, passou a se manifestar de diferentes formas, variando conforme os contextos sociais, econômicos e territoriais em que se desenvolve. Nesse cenário, sobretudo a partir das últimas décadas do século XX, intensificaram-se os debates sobre os efeitos do turismo em larga escala e suas implicações nos destinos receptores (Graciano & Holanda, 2020).

No Brasil, esses questionamentos ganharam força a partir da década de 1990, quando o país passou a integrar às discussões sobre formas alternativas com abordagens não alinhadas ao TBC, dando início aos debates sobre o Turismo de Base Comunitária (TBC), ou seja, a sustentabilidade no Turismo de Base Comunitária envolve também uma dimensão política, na medida em que pressupõe processos de organização social, tomada de decisões coletivas, gestão do território e autonomia comunitária. Nesse sentido, o TBC articula práticas econômicas, ambientais e socioculturais a formas de participação política local, ainda que não necessariamente vinculadas à atuação direta do Estado associadas à preocupação com os impactos gerados pelas atividades turísticas nos locais visitados (Graciano & Holanda, 2020). Desse período em diante, a literatura científica tem explorado diversos aspectos sobre esse método, desde a análise de sua evolução global até a reflexão sobre seus conceitos práticos (Grimm et al., 2017).

O TBC tem como uma proposta sustentável para melhorar o planejamento e promover o desenvolvimento das comunidades e regiões inseridas, através da do protagonismo da comunidade local (Graciano & Holanda, 2020). Esse estilo de turismo está fundamentado nos conceitos da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável, surgindo como uma alternativa ao turismo de massa ao articular conservação ambiental, dinâmica sociais locais e geração de subsistência para comunidades envolvidas (Graciano & Holanda, 2020).

O TBC é um estilo de turismo que visa conciliar de uma forma conjunta tanto o desenvolvimento turístico como a conservação ambiental e o fortalecimento das comunidades locais (Mendonça Neto e Nascimento, 2024). Em outras palavras, o TBC é compreendido como uma forma de turismo orientada ao fortalecimento das dinâmicas sociais locais e a conservação ambiental, a partir da participação da comunidade no uso turístico do território (Huffner et al., 2018).

Esse tipo de turismo busca beneficiar a comunidade como um todo, tanto na questão de geração de emprego, como no aumento da renda da população local. Diferente disso, o TBC surge como uma forma de promover a igualdade entre as comunidades locais e beneficiar todos que ali residem, além de ter um olhar para a preservação da biodiversidade local e da natureza (Graciano & Holanda, 2020; Canalejo et al., 2015).

Para Sampaio et al. (2014, p.46) “o turismo comunitário é uma estratégia de comunicação social para que comunidades tradicionais, com desvantagens históricas, viabilizem seus respectivos modos de vida”. Nesse tipo de turismo tem-se um olhar voltado ao desenvolvimento das comunidades locais com vistas à sustentabilidade, onde as comunidades são envolvidas e agem em conjunto para promoção de serviços, geração de renda e preservação do meio ambiente. O TBC, nas comunidades geralmente recepcionam os turistas em suas casas e se juntam para oferecer serviços aos visitantes com os recursos que eles detêm, o que faz com que haja uma certa equidade na renda dessa população e um olhar mais solidário entre eles. À vista disso, o TBC faz das hospedagens nas casas dos moradores locais uma experiência de cultura única, através de um contato direto com os costumes, culinária, aromas e sons (Moraes, 2021). Conforme Khatri (2023), no TBC os hóspedes têm a oportunidade de experimentar a cultura local, vivendo como membros da família anfitriã, usando suas cozinhas e participando das rotinas diárias, criando assim uma sensação de estar em um lar longe de casa.

O TBC pode contribuir para o fortalecimento do sentimento de pertencimento da comunidade local e para a valorização de sua identidade cultural, ao possibilitar a geração de trabalho e renda associada às atividades turísticas, considerando práticas desenvolvidas de forma mais compatível com as dinâmicas locais. Nesse contexto, torna-se pertinente aprofundar a discussão sobre as dimensões culturais envolvidas no TBC, especialmente no que se refere às formas pelas quais as práticas turísticas podem se relacionar com os processos de construção e fortalecimento da identidade cultural das comunidades locais (Moraes, 2021).

O autor anterior sugere que o Turismo Baseado na Comunidade (TBC) pode ser um agente de fortalecimento do sentimento de pertencimento e valorização da identidade cultural das comunidades locais, destacando a geração de trabalho e renda como uma de suas principais contribuições. No entanto, essa perspectiva pode ser criticada por considerar a renda como um fator suficiente para promover a identidade

cultural, quando, na realidade, a relação entre turismo e cultura é muito mais complexa.

A geração de renda, por si só, não garante a valorização da identidade cultural. É fundamental que as práticas turísticas não apenas se alinhem às dinâmicas locais, mas também respeitem e preservem as tradições e práticas culturais da comunidade. Se o foco do TBC se limitar à maximização de lucros, pode haver uma comercialização da cultura, onde elementos culturais são diluídos ou transformados em produtos para atender demandas externas, perdendo sua essência. Essa forma de turismo pode, na verdade, levar à alienação cultural, onde as comunidades se tornam meros espectros de suas próprias tradições, adaptando-se a um modelo que não reflete sua verdadeira identidade.

Embora a geração de renda seja um aspecto relevante do TBC, ela não deve ser considerada a única contribuição do turismo para a comunidade local. A valorização da identidade cultural é um processo que deve ser cuidadosamente mediado, envolvendo os membros da comunidade e procurando preservar e promover suas práticas e tradições de forma autêntica, de modo que o turismo possa realmente servir como um veículo de fortalecimento cultural, e não como um agente de sua erosão.

## **2.1 A Cultura como construção social e a importância do Turismo de Base Comunitária**

O ser humano é um ser social que habita em comunidades, nas quais os indivíduos se agrupam e se distinguem por meio de suas línguas, crenças, práticas e instituições. Essa diversidade é compreendida como uma dimensão cultural. A evolução da humanidade está intrinsecamente ligada à sua capacidade de socialização (Descola, 2015). Esse conjunto de elementos que orienta e distingue os modos de vida dos grupos humanos é compreendida como cultura (Descola, 2015).

Para Hall (1997), a cultura não se restringe a manifestações formais ou eruditas, estando presente nas práticas cotidianas e sendo produzida e circulada por diferentes meios de comunicação, como a música e as imagens, que integram o cotidiano dos indivíduos. O autor complementa que, a cultura é responsável por

influenciar a forma de como vemos e adquirimos algo, ligando muitas vezes nosso ambiente às tendências globais. Diante disso, a cultura não é apenas parte da nossa vida diária, mas tornou-se também um modelo industrial lucrativo, movimentando a economia e moldando a forma como interagir, viver e consumir.

Quanto à sua definição, de cultura por diferentes correntes teóricas, que variam conforme os contextos analíticos e as perspectivas adotadas, não havendo um único entendimento consensual sobre esta (Güss, 2015).

Segundo Güss (2015) o conceito de cultura é amplo e multifacetado que engloba: comportamentos, crenças, valores, normas e práticas compartilhadas por um grupo de indivíduos, sendo uma força influente que molda a vida e as interações dentro de comunidade. Esta não se limita a aspectos como localização geográfica, contexto histórico ou origens étnicas; é, na verdade, pautada na transmissão de conhecimentos, habilidades e valores que possibilitam a interação com o mundo e com outras pessoas.

De acordo com Mesoudi (2015), a cultura é definida como um conjunto de informações que são transmitidas de forma social entre os indivíduos.

O autor ainda complementa que “a cultura, como as naves espaciais, a física quântica e os mercados financeiros, são o produto cumulativo de incontáveis indivíduos ao longo de muitas gerações” (Mesoudi, 2015, p. 11). A cultura não se restringe apenas ao conhecimento formal, mas abrange todas as informações que são compartilhadas e perpetuam no interior de uma comunidade.

Segundo Hall (1997), a cultura não se restringe a um conjunto de práticas ou tradições, podendo ser compreendida como um sistema dinâmico de categorias e formas de pensamentos. Esses sistemas são produzidos, compartilhados e utilizados por meio da linguagem, a qual possibilita a atribuição de significado as experiências cotidianas (Hall, 1997). Nesse sentido, a língua desempenha papel central nos processos de construção de sentido na vida social.

A cultura de um povo é caracterizada como um todo integrado, uma identidade geral composta por um conjunto de práticas cotidianas (Oyserman, 2017). A cultura está associada à construção das identidades individuais e coletivas e orienta os métodos cognitivos por meio dos quais os membros de um grupo social compreendem e interagem com aspectos da vida compartilhada (Dressler *et al.*, 2018).

Para Oyserman (2017, p. 436), “a cultura pode ser definida como a parte do ambiente feita por humanos”. A cultura é defendida pelo autor como uma expressão

humana que transforma e dá significados ao ambiente. Alcântara et al. (2015, p. 18) acrescentam que “a cultura engloba todas as formas de expressão do homem: sentir, agir, pensar, fazer, bem como as relações entre os seres humanos e destes com o meio ambiente”.

De acordo com Hall (1997), toda ação social de um grupo é cultura, pois todas as atividades sociais transmitem ou compartilham um certo significado, tornando-se, práticas de interpretação, ou seja, todas as ações realizadas em um contexto social carregam consigo significados culturais, sejam eles na forma de costumes, valores, símbolos ou tradições.

O autor enfatiza que a cultura permeia todas as esferas da vida social de um povo e se torna fundamental para a compreensão do comportamento humano e das dinâmicas sociais.

Os compartilhamentos ocorrem por meio da comunicação, a observação e a participação em práticas coletivas, permitindo a continuidade e a renovação dos significados culturais entre as gerações.

As pessoas vivenciam processos contínuos de transformação social, nos quais a cultura é produzida e reelaborada a partir das interações humanas. Nesse sentido, Mesoudi (2015) argumenta que as informações culturalmente compartilhadas podem ser alteradas ao longo do tempo por meio da transmissão social. Nesse processo, conhecimentos, práticas e modos de pensar podem ser mantidos, reinterpretados ou substituídos em função dos contextos sociais. Tais transformações não seguem um padrão linear ou uniforme, mas resultam em interações, aprendizagens e adaptações que podem contribuir para a permanência ou para a mudança da cultura entre diferentes gerações (Mesoudi, 2015).

A cultura pode ser compreendida como um conjunto de conhecimentos e práticas socialmente apreendidos e compartilhados, que transmitem entre diferentes gerações por meio das interações sociais. Essa prática ocorre tanto no convívio com membros mais experientes da comunidade quanto por meio de trocas culturais que surgem do contato entre diferentes grupos e contextos sociais. De acordo com Udok (2020), a cultura é uma construção social que exerce influência sobre os indivíduos e as comunidades em diversos aspectos, como identidade, valores, comportamentos e práticas sociais, independentemente de sua disciplina ou origem. A cultura é composta por elementos que incluem “produtos” tangíveis e conhecimentos técnicos desenvolvidos pelos seres humanos em contextos específicos, abrangendo desde

ferramentas e afetos materiais até habilidades e técnicas utilizadas na relação com os ambientes físicos e sociais (Udok, 2020).

Para Güss (2015), a cultura é entendida como um conjunto de saberes e práticas socialmente compartilhados que orientam a maneira como os indivíduos interagem com o mundo e uns com os outros. Esses saberes, manifestos em aspectos como preferências alimentares, normas sociais e rituais, são formados e perpetuados por meio das interações sociais e não estão relacionados a variações biológicas entre grupos. As diferentes culturas variam em suas normas, valores e modos de pensar (Güss, 2015). Assim, a cultura é moldada dentro de cada comunidade, apresentando características próprias e não universais, o que faz com que conceitos, hábitos, crenças e práticas sociais adquiram significados diferentes conforme os contextos em que estão inseridos.

Segundo Dressler et al. (2017), a cultura serve como base para as relações sociais, pois oferece referenciais compartilhados que guiam as interações entre os indivíduos. Essas interações são moldadas por um conjunto de normas, valores, crenças e práticas que são socialmente construídos e mantidos dentro de um grupo. Essa combinação de elementos proporciona um referencial comum que influencia tanto as dinâmicas sociais quanto a maneira como os indivíduos formam percepções sobre o mundo e estabelecem prioridades em suas vidas cotidianas. Dessa forma, fica claro que as normas, valores e crenças atuam como componentes fundamentais da cultura, moldando as interações e a identidade dos indivíduos dentro de suas comunidades (Dressler et al., 2017).

Güss (2015) ressalta que, mesmo sem percebermos conscientemente, as influências culturais moldam a visão de mundo e as escolhas que fazemos ao longo da vida. Atualmente, há uma diversidade de culturas no mundo, cada uma cultivando valores distintos que são transmitidos de geração para geração. Esses valores influenciam estilos de vida e moldam decisões ao longo da existência em sociedade. Esses valores constituem o ser, os gostos, o que se come, o que se veste, o que se ouve, como se comporta e como se age. A cultura exerce uma influência constante, inclusive nas decisões sobre a profissão ou carreira a serem seguidas no futuro (Güss, 2015).

A cultura é um elemento central na vida humana, moldando identidades, comportamentos e interações sociais. Ela é fundamental para promover a diversidade, a inclusão e, acima de tudo, a compreensão mútua entre diferentes grupos sociais

(Fang et al., 2018). Spillman (2016) argumenta que a cultura permite que indivíduos construam significados, atribuam valores e perpetuem práticas que estruturam a coexistência e a vida em sociedade. A cultura se manifesta nas interações interpessoais, nas instituições e nas dinâmicas de poder de uma sociedade. Desse modo, ela desempenha um papel crucial na transmissão de conhecimentos, além de favorecer a coesão social e a compreensão entre os indivíduos.

A apropriação da cultura ocorre por meio de diferentes processos de socialização, os quais podem ser classificados em assistemáticos e sistemáticos. A forma assistemática é aquela que ocorre de uma maneira mais informal, ou seja, não é estruturada e muitas vezes se dá por meio das experiências cotidianas, observações e interseções do indivíduo com determinado ambiente cultural (Queiroz & Motta, 2015). Ao contrário, a aprendizagem sistemática possui uma maior formalidade e é mais organizada, envolvendo métodos estruturados de educação formal, programas específicos de estudos e a transmissão intencional dos conhecimentos culturais (Queiroz & Motta, 2015; Alves, 1999; Marsiglia, 2006).

Segundo Steil et al. (2015, p. 4),

As conexões entre a aprendizagem e a cultura têm como foco os sujeitos enquanto organismos-pessoas que habitam mundos constituídos por contextos atravessados por fluxos de materiais que tornam possível a vida em suas diferentes formas e expressões.

Steil et al. (2015), enfatiza que a aprendizagem e a cultura estão intimamente ligadas, pois, os indivíduos são vistos como organismos inseridos em contextos sociais complexos. Esses contextos são permeados por fluxos de materiais que não apenas sustentam a vida, mas também moldam as diferentes formas e expressões culturais das pessoas. A cultura é um elemento central na vida humana, moldando identidades, comportamentos e interações sociais. Ela é fundamental para promover a diversidade, a inclusão e a compreensão mútua entre diferentes grupos sociais (Fang et al., 2018). O autor destaca que, por meio da cultura, os indivíduos constroem significados, atribuem valores e perpetuam práticas que estruturam a convivência em sociedade. A cultura se expressa nas interações interpessoais, nas instituições, nas estruturas sociais e nas dinâmicas de poder de uma sociedade (Spillman, 2016). Além disso, desempenha um papel crucial ao facilitar a transmissão de conhecimentos e ao favorecer a coesão social e a compreensão entre os indivíduos. Dessa forma, a cultura exerce um papel central na manutenção e na continuidade das diferentes formas de

vida e de constituição dos sujeitos, sendo fundamental para a identidade cultural e a integração social (Steil et al., 2015).

No Brasil, a Constituição Brasileira reconhece e assegura a proteção das identidades culturais no país. Os Artigos 215 e 216 da Constituição abordam Educação, Cultura e Esportes, destacando a importância da valorização cultural e do acesso à educação para todos os cidadãos. É essencial rever a redação para evitar a mistura de temas, focando na análise dos artigos sobre educação e cultura, sem mencionar tratados internacionais como a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Dessa forma, o enfoque deve se restringir apenas às diretrizes constitucionais.

Destaca-se a importância da identidade cultural para os povos indígenas e as comunidades tradicionais (O'Dwyer, 2007). A Constituição reconhece e valoriza o patrimônio cultural brasileiro, promovendo a diversidade cultural como um aspecto constitutivo da sociedade (Alves & Nascimento, 2019).

Alves & Nascimento (2019) enfatizam a importância do acesso aos bens culturais, incluindo aspectos relacionados às tradições e aos modos de vida. Essa diversidade cultural e as especificidades culturais são compreendidas como elementos associados ao respeito aos grupos e comunidades. As especificidades de um grupo social referem-se à sua identidade cultural, entendida como o conjunto de características historicamente constituídas que contribuem para sua identificação social (Alves & Nascimento, 2019). A dimensão política da identidade cultural é um tema central nas discussões sobre políticas públicas voltadas ao reconhecimento, à valorização e à gestão das expressões culturais, especialmente no contexto do Turismo de Base Comunitária (TBC) (Silva, 2024).

As políticas públicas voltadas à cultura contribuem para o fortalecimento da identidade cultural de comunidades. A discussão sobre identidade cultural está frequentemente ligada a processos de reconhecimento e valorização. Segundo Machado (2019), a diversidade cultural é abordada nas políticas públicas por meio do reconhecimento das expressões culturais das comunidades e de seus modos específicos de organização social.

A implementação de leis relacionadas as tradições locais podem ser compreendidas como parte das políticas voltadas ao reconhecimento das expressões culturais e das dinâmicas sociais dos grupos que as produzem (Torres, 2024). A pesquisa de Alves (2017) ressalta que a educação desempenha um papel essencial

na construção das identidades culturais e que as políticas educacionais devem refletir e valorizar a diversidade.

A identidade cultural permite compreender os elementos que caracterizam um grupo social, como costumes, saberes e práticas compartilhadas.

Esse entendimento da identidade cultural torna-se crucial, especialmente em contextos onde o intenso afluxo de turistas resultante de modelos turísticos convencionais exerce influência sobre a comercialização e a uniformização da cultura local nas comunidades e pontos turísticos (Torres, 2024).

Isso, por sua vez, propicia o surgimento de experiências artificiais, que alteram tanto a identidade cultural quanto a autenticidade do destino turístico. Assim, é evidente que as abordagens não alinhadas ao TBC trazem consequências negativas para a identidade desses locais, pois acabam promovendo a mercantilização e a diluição abrangente da identidade cultural das comunidades envolvidas.

O autor Alcântara et al. (2015) argumenta que o Turismo de Base Comunitária (TBC) transcende a simples noção de turismo, configurando-se como uma abordagem de desenvolvimento que valoriza integralmente o contexto local, a vizinhança e a comunidade. Esse estilo de turismo reconhece e valoriza a maneira como essas comunidades utilizam os recursos naturais de maneira sustentável e respeitosa, ao mesmo tempo em que buscam transformar e ressignificar seus modos de vida. O objetivo dessa abordagem é não apenas preservar esses modos de vida, mas também promover “qualidade de vida, inclusão social e oportunidades econômicas justas para os membros da comunidade local” (Alcântara et al, 2015, p. 6).

Segundo Graciano & Holanda (2020), o Turismo de Base Comunitária (TBC) é um estilo de turismo que visa promover o desenvolvimento sustentável em sua localidade por meio da participação ativa das comunidades locais, que assumem a responsabilidade de gerir os recursos e serviços.

O TBC tem a comunidade como objeto central de suas atividades, onde elas têm o poder de decidir o tamanho do desenvolvimento turístico que desejam, priorizando (Alcântara *et al.*, 2015). Tendo a comunidade como protagonista, um dos objetivos do TBC é proteger a cultura, crenças, costumes e os valores locais pertinentes à localidade inserida. Esse estilo de turismo contribui para dar continuidade no modo de vida das populações tradicionais presentes, por promover a valorização da identidade cultural da população local (Graciano & Holanda, 2020).

O Turismo de Base Comunitária tem como objetivo preservar e promover a autenticidade da identidade cultural de cada comunidade local, valorizar e proteger as tradições locais, os costumes e as histórias que fazem parte da identidade cultural de cada comunidade (Alcântara *et al.*, 2015).

Além disso, essa abordagem turística enfatiza as dimensões humanas e culturais, incentivando o intercâmbio entre visitantes e comunidades anfitriãs por meio de encontros interculturais e experiências compartilhadas (Boulhosa, 2020).

O Turismo de Base Comunitária (TBC) desempenha um papel fundamental no fortalecimento da identidade cultural das comunidades locais ao promover a valorização de suas tradições, costumes e saberes. Ao envolver os moradores nas atividades turísticas, o TBC permite que as narrativas e práticas culturais sejam compartilhadas de maneira autêntica, proporcionando aos visitantes uma experiência mais enriquecedora e respeitosa (Silva, 2024). Além disso, o TBC incentiva a preservação de patrimônios culturais imateriais, como danças, artesanato e festividades, que são essenciais para a identidade de um grupo (Pereira, 2025).

Com isso, as comunidades não apenas mantêm suas características culturais, mas também têm a oportunidade de revitalizá-las, adaptando-as aos novos contextos sem perder sua essência. Essa troca cultural também gera um senso de pertencimento e orgulho entre os moradores, fortalecendo os laços sociais e a união comunitária. Em síntese, o TBC não apenas apoia a geração de renda, mas essencialmente contribui para a continuidade e o reconhecimento da identidade cultural local (Toledo, 2024).

O Turismo de Base Comunitária (TBC) fortalece a identidade cultural ao permitir que as comunidades locais, ao se tornarem protagonistas de suas narrativas, expressem suas tradições, saberes e práticas, promovendo uma conexão genuína entre visitantes e habitantes e garantindo que a cultura local seja valorizada e preservada. Fabrino *et al.* (2012, p. 6) comenta que “o TBC parte do princípio de uma relação horizontal entre ‘quem recebe’ e ‘quem visita’, onde o diálogo, a troca e o compartilhamento de vivências são a base desse ‘encontro’”. O Turismo de Base Comunitária (TBC) preza pela valorização dos saberes locais presentes nessas comunidades, para que os visitantes possam realizar esse encontro para obter o compartilhamento de conhecimentos.

Alcântara *et al.* (2015) ressalta que essa valorização dos saberes locais dentro do contexto do Turismo de Base Comunitária (TBC) manifesta-se também por meio

da conservação da biodiversidade e dos modos de vida das comunidades, as quais, assumem um papel central na promoção de sua identidade cultural, já que são elas mesmas as responsáveis por organizar e oferecer serviços aos visitantes, como hospedagem, alimentação e guias turísticos, refletindo assim suas tradições, saberes e práticas locais.

A conservação dos modos de vida dessas comunidades por meio do TBC proporciona o fortalecimento das atividades tradicionais realizadas, em virtude dessas atividades acabarem sendo os principais atrativos desse estilo de turismo (Fabrino et al., 2012).

O Turismo de Base Comunitária (TBC) é uma abordagem que visa o desenvolvimento sustentável, integrando a participação ativa e o protagonismo das comunidades locais. Essa prática não apenas promove o turismo, mas também busca preservar a cultura local, gerar renda e emprego, e fortalecer os vínculos sociais. Ao valorizar os saberes e as tradições das comunidades, o TBC contribui para um modelo de turismo que respeita e integra a identidade cultural, garantindo que os benefícios sejam compartilhados de maneira justa e equitativa. Dessa forma, o TBC não só impulsiona a economia local, mas também promove a preservação ambiental e o respeito às particularidades culturais de cada comunidade (Burgos & Mertens, 2015).

O patrimônio cultural material e imaterial trata da herança que o povo possui e é por meio desta, que se consegue preservar a cultura, relacionada a gostos, tradições, origem, crenças e outras características que conferem a essa comunidade, ou seja trata-se da sua identidade própria e serve para diferenciá-la das demais.

O patrimônio cultural refere-se ao contido de um determinado povo, sendo sua história, englobando as suas ideologias, crenças, costumes, antecedentes, etc. De acordo com Moraes (2021), o que diferencia uma comunidade das outras é a sua identidade única e o seu empoderamento. No Turismo de Base Comunitária (TBC), que valoriza a troca de conhecimento entre a comunidade receptora e os turistas, é essencial que o patrimônio cultural seja preservado. Isso não apenas potencializa essa troca, mas também enriquece a experiência do visitante, permitindo que ele tenha um contato real com a história daquele povo. Ao compartilhar sua cultura, tradições e costumes, a comunidade pode despertar nos visitantes um sentimento de valorização e um reconhecimento externo da própria identidade cultural.

O patrimônio imaterial é um conceito que se refere a elementos culturais intangíveis, como práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas,

utilizados por comunidades, grupos e em alguns casos, indivíduos, como parte essencial de sua cultura (Jhamb, V., & Kaur, K., 2021). Esses elementos, que incluem tradições, rituais, saberes e formas de arte, são transmitidos de geração para geração e desempenham um papel crucial na preservação e continuidade das culturas (Jhamb, V., & Kaur, K., 2021). Diferentemente do patrimônio material, que inclui objetos físicos, o patrimônio imaterial abrange as práticas culturais e os saberes que reafirmam o sentimento de pertencimento e identidade nas comunidades (Barcelos, 2025).

A incorporação do patrimônio imaterial nas práticas de Turismo de Base Comunitária (TBC) permite que as comunidades locais preservem e valorizem suas tradições culturais, ao mesmo tempo em que transformam essas práticas em uma fonte de renda sustentável (Shandidy, M., 2023; Wasela, K., 2023).

As políticas de salvaguarda para esse tipo de patrimônio incluam a participação ativa da comunidade na preservação e produção de suas tradições, o que garante a continuidade das práticas culturais (Bandeira, 2023).

Ao valorizar práticas culturais, as comunidades conseguem atrair visitantes interessados em experimentar essas expressões, o que pode impulsionar o turismo cultural e, por consequência, fortalecer a economia local, gerando renda e oportunidades para seus habitantes (Ceretta et al., 2016). A gastronomia, parte do patrimônio imaterial, é crucial na preservação da identidade cultural e no desenvolvimento comunitário. As tradições alimentares revelam que a comida vai além da mera nutrição, representando as histórias, valores e costumes de um povo (Santilli, 2015). Esse reconhecimento reforça o senso de pertencimento e identidade cultural, além de abrir novas possibilidades econômicas, como o turismo gastronômico e a valorização de produtos locais. Essas iniciativas contribuem para a sustentabilidade e um desenvolvimento que respeita as tradições das comunidades (Santilli, 2015). No âmbito do Turismo Baseado na Comunidade (TBC), a promoção de experiências gastronômicas oferece aos visitantes uma conexão mais profunda com a cultura local, ao mesmo tempo em que se torna uma fonte de rendimento para os moradores (Gabrielli & Nicolau, 2017).

O patrimônio imaterial permitir que as tradições culturais de uma comunidade sejam preservadas e compartilhadas de forma sustentável (Melo, 2019). Permitem que os visitantes vivenciem e aprendam diretamente com a comunidade sobre expressões artísticas, contribuindo para a valorização da cultura local, a preservação das tradições e o fortalecimento do vínculo entre a comunidade e seus costumes.

A participação da comunidade é crucial nos processos de inventariação e na salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. A colaboração entre comunidades e instituições é essencial para a preservação e valorização das práticas culturais, pois garante que essas tradições sejam tratadas com respeito e sejam valorizadas, criando um ciclo de preservação e promoção que beneficia tanto os moradores quanto os visitantes (Querol et al., 2020).

## **2.2 Geração de Renda *versus* Conservação dos Recursos Naturais nas Comunidades Tradicionais**

Segundo Ginanjar (2023), a comunidade local possui um papel crucial no turismo sustentável, isso porque os moradores conhecem melhor as condições e os recursos da região, além de entender as características dos pontos turísticos dessas regiões. Devido a isso, no TBC a comunidade é a principal responsável pelo gerenciamento das atividades turísticas, sendo assim a protagonista da atividade, a fim de se aproveitar o potencial da área turística de maneira mais adequada (Ginanjar, 2023).

O Turismo de Base Comunitária (TBC) caracteriza-se como uma modalidade de turismo alicerçada nos princípios da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável, contribuindo de maneira substancial para o progresso social e econômico das regiões e comunidades onde é implementado (Graciano & Holanda, 2020; Canalejo et al., 2015). Ademais, o TBC tem demonstrado ser uma alternativa viável para o fomento do desenvolvimento socioeconômico de comunidades tradicionais, promovendo a distribuição equitativa da renda gerada pelo turismo e proporcionando benefícios sociais (Proença & Netto, 2022).

De acordo com Campos-Sánchez et al. (2024, p. 2),

“O turismo comunitário destaca-se como uma forma específica de economia popular e solidária, onde os residentes, muitas vezes de comunidades rurais e economicamente marginalizados, oferecem serviços de alojamento e partilham as suas tradições e conhecimento com turistas. Este tipo de turismo não só gera receitas econômicas para comunidades locais, mas também promove a conservação do patrimônio natural e cultural, bem como o desenvolvimento comunitário”.

Os autores Campos-Sánchez *et al* (2024) e Mendoza *et al.* (2022) ressaltam que ao optar pelo TBC as comunidades assumem um papel ativo na administração dos recursos patrimoniais e no controle local, sobre como esses recursos são utilizados e como os benefícios são distribuídos dentro da comunidade.

A renda gerada pelo TBC é frequentemente distribuída internamente, beneficiando diretamente os moradores e membros da comunidade. De acordo com Burgos e Mertens (2016), cerca de 42,5% das famílias em algumas comunidades possuem membros envolvidos na atividade turística, o que demonstra seu potencial não apenas na geração de lucro, mas também na redistribuição de renda, possibilitando seu investimento local (Burgos & Martens, 2016).

Em muitas comunidades, a economia local é influenciada por atividades que variam conforme as estações do ano, como a agricultura e a pesca, o que pode gerar para essas famílias períodos de instabilidade econômica (Dias & Cruz, 2020). O TBC oferece uma alternativa estável, permitindo que os membros da comunidade se envolvam em diversas experiências de lazer ao longo de todo o ano, independentemente das flutuações sazonais. (Dias & Cruz, 2020).

No entanto, uma dependência excessiva do turismo pode gerar impactos econômicos e ambientais para as comunidades (Zanetoni, 2023). Sendo assim, para evitar que o turismo se torne a única fonte de renda, é essencial que as comunidades adotem estratégias de diversificação econômica. Entre as alternativas viáveis estão o fortalecimento da produção artesanal, a adoção de práticas de agricultura sustentável e a implementação da oferta de serviços complementares, como hospedagem e alimentação (Zanetoni, 2023). Além disso, a formação de cooperativas e associações locais pode desempenhar um papel de destaque na dinâmica de desenvolvimento comunitário, promovendo a colaboração entre os moradores e a partilha de recursos, o que contribui para a construção de uma economia mais resiliente e equilibrada (Mielke & Pegas, 2013).

Experiências demonstram que quando planejadas e implementadas de forma estratégica, as práticas de TBC podem levar a um desenvolvimento local sustentável, promovendo a autossuficiência econômica e inclusão social (Almeida & Emmendoerfer, 2022).

Os benefícios econômicos do TBC incluem a melhoria da infraestrutura local, ampliar a capacitação profissional e fortalecer a valorização cultural, contribuindo para a inclusão social e o empoderamento das comunidades (Silva *et al.*, 2022).

A gestão participativa, que é uma característica central do TBC, permite que as comunidades se organizem de forma a maximizar os benefícios econômicos e sociais, ao mesmo tempo em que minimizam os impactos ambientais (Burgos & Mertens, 2015).

O TBC é reconhecido como uma forma específica de Economia Solidária em que moradores locais de comunidades economicamente desfavorecidas ou marginalizadas oferecem serviços turísticos, como hospedagem, e compartilham suas tradições culturais e seus conhecimentos com os visitantes (Castañeda et al., 2020).

Para se compreender melhor, os autores Campos-Sánchez et al. (2024) ressaltam que se torna pertinente abordar o significado de Economia Solidária, visto que é uma forma pela qual o TBC é reconhecido. Para eles:

“A Economia Solidária parte de uma consideração alternativa ao sistema de prioridades em que atualmente a economia neoliberal está fundada. É uma visão e uma prática que justifica a economia como meio – e não como fim – ao serviço do desenvolvimento pessoal e comunitário, como instrumento que contribui para melhorar a qualidade de vida das pessoas e do seu ambiente social (Campos-Sánchez et al, 2024, p. 4) ”.

Na visão dos autores, a economia é vista como um instrumento que deve servir para melhorar a qualidade de vida das pessoas e fortalecer o ambiente social em que elas vivem, implicando em questões como a organização das atividades econômicas de uma forma que beneficiem diretamente as comunidades locais, promovam relações mais igualitárias, sustentáveis e prezem pelo meio ambiente (Campos-Sánchez et al, 2024).

O autor complementa que a Economia Solidária é um movimento que se desenvolve como forma de resposta às dificuldades econômicas enfrentadas por muitas pessoas, especialmente em contextos de desemprego e exclusão social (Botelho et al., 2014). A Economia Solidária busca oferecer alternativas de geração de renda que não dependem das estruturas tradicionais de trabalho, que muitas vezes são desiguais e instáveis (Botelho et al., 2014). Esse estilo de economia baseia-se em princípios de colaboração, autogestão e solidariedade, onde, ao invés de priorizar o lucro a todo custo, as iniciativas da Economia Solidária visam o bem-estar da comunidade e a inclusão social (Botelho et al., 2014). Na Economia Solidária por meio de cooperativas, associações e de outras formas de organizações, grupos de pessoas se unem para produzir bens e serviços, compartilhar recursos e garantir uma forma mais digna de subsistência para o todo. As cooperativas são nada mais nada menos

que “associações de pessoas com interesses em comum e que trabalham de maneira organizada e democrática, com o intuito de promover a igualdade e o respeito ao direito de autonomia dos cooperados” (Bothelho *et al.*, 2014, p. 184).

Essa forma de economia busca promover relações econômicas mais justas, democráticas e sustentáveis, tendo foco no bem-estar coletivo e principalmente na melhoria das condições de vida das comunidades. De acordo com os autores Farias *et al.* (2018) e Locks (2014), desde a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) em 2003, tem ocorrido um esforço concentrado para promover redes de Economia Solidária no Brasil, incluindo apoio ativo para geração trabalho e renda entre as camadas mais pobres da população, através de iniciativas cooperativas e coletivas.

A Economia Solidária no Brasil emergiu como um fenômeno relativamente recente, ganhando visibilidade apenas no final da década de 90, onde desde então tem se expandido e vem ganhando reconhecimento tanto público quanto acadêmico (Gaiger e Kuyven, 2020). De acordo com os autores Gaiger e Kuyven (2020, p. 1), o termo “Economia Solidária” tornou-se reconhecido e oficializado no Brasil “à medida que despontaram iniciativas econômicas baseadas na livre associação de pessoas reconhecidas por sua índole participativa e por seus princípios de cooperação e autogestão”. Esses autores complementam que a Economia Solidária se expandiu para incluir diferentes categorias sociais e formas de organizações, abrangendo desde unidades informais de trabalho até cooperativas populares e bancos comunitários, sendo todas com foco na produção de bens, serviços, comercialização e crédito (Gaiger e Kuyven, 2020). Atualmente, o termo abrange um conjunto diversificado de organizações econômicas, entidades representativas e ações governamentais, simbolizando tanto um tipo específico de empreendimento econômico quanto as redes e organismos que o suportam (Gaiger e Kuyven, 2020).

No contexto brasileiro, a Economia Solidária atravessa uma fase de transformações e reconhecimentos, uma vez que a regulamentação das cooperativas de trabalho pela Lei 12.690/2012 provocou debates sobre a possibilidade de precarização do trabalho nesses estabelecimentos, levantando questões sobre a eficácia das condições laborais oferecidas (Moura & Costa, 2019). Paralelamente, a política pública nacional reconhece as experiências bem-sucedidas da sociedade civil e dos governos dentro desse modo econômico, buscando fortalecê-lo e integrá-lo de maneira mais abrangente, refletindo um compromisso com práticas econômicas

colaborativas e inclusivas (Dias et al., 2018). Além disso, de acordo com o autor Justo (2023), a associação da Economia Solidária ao conceito de “bem viver”, especialmente evidenciada após a II Conferência Nacional de Economia Solidária em 2010, sublinha uma abordagem holística que prioriza não apenas o crescimento econômico, mas também a qualidade de vida das comunidades e a sustentabilidade ambiental.

O Turismo de Base Comunitária (TBC) se configura como uma estratégia fundamental nos princípios da Economia Solidária, os quais enfatizam a coletividade, a autonomia e a equidade nas relações de trabalho (Oliveira et al., 2021). Um dos principais aspectos do Turismo de Base Comunitária (TBC) é o seu potencial para empoderar socialmente as comunidades, especialmente as mulheres e jovens. A participação ativa desses grupos na Economia Solidária e no turismo desempenha um papel estratégico, uma vez que frequentemente assumem funções centrais na administração e na prestação de serviços turísticos (Oliveira et al., 2021). As mulheres, têm se destacado bastante na produção de artesanato e na oferta de serviços relacionados à hospedagem, contribuindo assim para a geração de renda e a preservação de saberes tradicionais nessas comunidades (Oliveira et al., 2021). Já os jovens, por sua vez, podem trazer para suas comunidades novas ideias e inovações para o turismo comunitário, ajudando assim a revitalizar algumas práticas culturais e engajar assim a comunidade em atividades que promovem a identidade local (Moraes et al., 2020).

Além de seu alinhamento com os princípios da Economia Solidária, o Turismo de Base Comunitária (TBC), incorpora estratégias sustentáveis que fortalecem ainda mais sua viabilidade econômica e ambiental. Nesse sentido, a economia circular surge como um método complementar promovendo práticas que minimizam desperdícios, incentiva o reaproveitamento de recursos locais e fortalece a autonomia das comunidades (Ogunmakinde, Sher & Egbelakin, T., 2021). A Economia Circular<sup>4</sup> e o Turismo de Base Comunitária (TBC) são conceitos que se inter-relacionam, especialmente na busca por práticas sustentáveis que minimizem desperdícios e promovam a reutilização de recursos locais.

---

<sup>4</sup> A economia circular é um estilo de produção e de consumo que envolve a partilha, a reutilização, a reparação, a renovação e a reciclagem de materiais e produtos existentes, enquanto possível. Desta forma, o ciclo de vida dos produtos é alargado.

O uso de ingredientes locais e orgânicos não só fortalece a identidade cultural da comunidade, como também diminui a emissão de carbono relacionada ao transporte de alimentos (Santos & Santos, 2020). Além disso, a reciclagem e o reaproveitamento de materiais na construção de pousadas comunitárias são algumas práticas que podem ser integradas ao estilo do TBC. Segundo Novais e Freitas (2024), a construção sustentável envolve a adoção de práticas que reduzem os impactos ambientais, como o uso de materiais reciclados e a aplicação de técnicas que promovem a eficiência energética. Além de beneficiar o meio ambiente, essa abordagem também impulsiona a economia local, gerando empregos e renda para a comunidade (Pinto & Pereira, 2017).

A adoção dessas práticas pode fortalecer iniciativas locais, proporcionando alternativas viáveis para o desenvolvimento sustentável e alinhando-se aos princípios do TBC (Silva et al., 2024)

Por meio do turismo, essas comunidades têm a oportunidade de narrar suas histórias, compartilhar suas tradições e desenvolver um turismo sustentável e socialmente responsável (Vieira & Gomes, 2020).

Diante disso, a capacitação comunitária e a educação ambiental emergem como elementos estratégicos para fortalecer a autonomia das comunidades no Turismo de Base Comunitária (TBC). O acesso a conhecimento e práticas sustentáveis permite que os moradores se engajem na gestão do turismo e na conservação dos recursos naturais, promovendo um desenvolvimento equilibrado e duradouro (Kapatan, Robby & Karmilah, 2023).

Diversos projetos de educação têm promovido boas práticas do TBC. O trabalho de Carvalho et al. (2021) destaca a importância de um ecoturismo que, com foco na minimização do impacto ambiental, oferece retornos econômicos diretos para as comunidades, promovendo a conservação de seus recursos naturais.

A formação em turismo sustentável capacita as comunidades a utilizarem suas tradições de maneira economicamente viável, além de fortalecer sua resiliência diante de mudanças sociais e ambientais. Nascimento et al. (2024) destacam a força de parcerias de longo prazo e redes de cooperação para garantir a participação ativa das comunidades na gestão do turismo. Essas alianças são fundamentais para suprir lacunas de conhecimento e viabilizar estratégias que assegurem um gerenciamento inclusivo e eficiente do turismo sustentável (Nascimento et al., 2024).

Além da capacitação e do fortalecimento das redes comunitárias, a integração entre turismo e conservação ambiental torna-se essencial para garantir a sustentabilidade dessas iniciativas. A adoção de práticas, através da preservação dos recursos naturais pode gerar benefícios duradouros para as comunidades e para os ecossistemas onde o turismo é desenvolvido. Segundo Buckley (2011), a colaboração entre o turismo e a conservação é crucial para garantir a viabilidade econômica e a sustentabilidade ambiental das áreas protegidas, pois o turismo pode gerar receita essencial para a gestão e manutenção dessas áreas, além de criar oportunidades econômicas para as comunidades locais. Reinvestir os recursos do turismo na proteção ambiental e promover a educação dos visitantes sobre a importância da conservação, assegura que as áreas protegidas permaneçam funcionais e atraentes, beneficiando tanto a conservação dos ambientes naturais quanto o crescimento econômico sustentável das regiões envolvidas.

A Educação Ambiental (EA) exerce papel na conscientização dos turistas sobre práticas sustentáveis. O estilo de turismo, por sua escala reduzida e pelo foco na valorização das tradições locais, cria um ambiente propício para a implementação de iniciativas educacionais que promovem a conservação ambiental e o fortalecimento da responsabilidade social (Santos, 2023). Por meio de experiências imersivas, como trilhas interpretativas conduzidas por moradores, os visitantes têm a oportunidade de conhecer a fauna e a flora da região, além de desenvolver uma compreensão mais profunda sobre a importância da preservação dos ecossistemas (Dias, 2024).

As iniciativas comunitárias como as trilhas guiadas, na educação dos turistas, são atividades envolvem uma interação direta com a natureza e a cultura da região, criando uma conexão emocional que pode promover um compromisso maior com a preservação ambiental (Gudergues, 2023). Sensibilizar os participantes sobre a importância da preservação das espécies marinhas, gera recursos que podem ser revertidos em projetos de conservação. Ademais, projetos de educação ambiental que emergem do turismo comunitário têm mostrado em alguns estudos resultados positivos em diversas regiões (Melo & Zaneti, 2021).

A literatura enfatiza quanto a formação de parcerias entre operadores turísticos, organizações não governamentais (ONGs) e comunidades locais como estratégia fundamental para a sustentabilidade das iniciativas de turismo de base comunitária (TBC) (Dias, 2024). Essas colaborações viabilizam a captação de recursos e a incorporação de *expertise*, elementos essenciais para o desenvolvimento de projetos

que não apenas atraem turistas, mas também promovem a educação ambiental e o engajamento comunitário (Dias, 2024). Além das parcerias estratégicas, a inovação tem se mostrado um fator essencial para o fortalecimento do TBC. O uso de novas tecnologias não apenas facilita a gestão dos empreendimentos turísticos comunitários, mas também amplia seu alcance no mercado e melhora a experiência dos visitantes (Liberato et al., 2021). Em um cenário competitivo, as comunidades que adotam soluções inovadoras conseguem otimizar suas operações, diversificando suas fontes de renda e garantindo maior autonomia na condução das atividades turísticas (Liberato et al., 2021).

As inovações tecnológicas em relação a visibilidade e na gestão de destinos turísticos, proporcionando maior eficiência na promoção e na experiência dos visitantes. O avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) tem possibilitado a otimização da divulgação de destinos, além de aprimorar o acolhimento dos turistas por meio de ferramentas que facilitam reservas e o acesso a informações (Guizi, 2024). Ademais, o desenvolvimento de aplicativos para dispositivos móveis tem se consolidado como um recurso essencial para os viajantes, permitindo a obtenção de informações em tempo real e aprimorando a comunicação durante o deslocamento (Rossi & Ramos, 2019). Essa modernização proporciona uma experiência autônoma, atraindo um número maior de visitantes e, conseqüentemente, gerando receita para as comunidades locais.

Outro aspecto relacionado as tecnologias no turismo, refere-se à sustentabilidade, uma vez que a adoção de produtos e soluções que reduzem os impactos ambientais e promovem a conservação dos recursos naturais tem se tornado cada vez mais valorizada pelos consumidores (Hojnik, Ruzzier & Ruzzier, 2019). As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) desempenham um papel estratégico na estruturação de destinos turísticos inteligentes, que incorporam práticas *sustentáveis e respeitam as particularidades culturais e ambientais de cada localidade* (Siqueira et al., 2022).

A interseção entre inovações tecnológicas e organizacionais tem importância no fortalecimento da capacidade adaptativa das comunidades turísticas diante das dinâmicas e desafios do mercado (Rapini et al., 2019). As inovações tecnológicas, embora possam ocorrer independentemente das inovações organizacionais, são essenciais para a consolidação do crescimento sustentável e para a manutenção da competitividade no setor turístico (Cotanda, 2022). Nesse contexto, a implementação

de estratégias inovadoras que envolvem a participação ativa da comunidade local não apenas fortalece a coesão social, mas também garante que as soluções tecnológicas adotadas estejam alinhadas às demandas específicas de cada destino, promovendo uma gestão mais eficaz e socialmente responsável do turismo (Moraes et al., 2021).

A transformação digital, ou seja, a integração de tecnologia digital, configura-se como uma oportunidade fundamental para que os empreendimentos turísticos reestruturem seus modos operacionais e aprimorem a entrega de valor aos consumidores, ao mesmo tempo em que se tornam mais adaptáveis às exigências de sustentabilidade (Cotanda, 2022). Esse processo impacta não apenas a experiência dos visitantes, mas também a gestão e o planejamento dos destinos turísticos, viabilizando o uso de dados analíticos e soluções digitais para otimização de processos (Soares et al., 2024).

Desse modo, após essa explanação sobre a relação entre a conservação dos recursos naturais, a educação ambiental e a mitigação de impactos negativos no contexto do Turismo de Base Comunitária (TBC), apresentaremos na seção 3 uma revisão sistemática da literatura sobre os impactos sociais e econômicos do TBC em comunidades insulares. O TBC tem ganhado destaque como uma alternativa sustentável nessas localidades, onde a preservação cultural e ambiental se faz presente. No entanto, a literatura existente ainda carece de uma análise abrangente sobre seus efeitos nessas regiões. Para tentar preencher essa lacuna, na seção 3 foi realizada uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL), analisando 63 resumos de artigos acadêmicos da base de dados Scopus. Os principais resultados revelam que o TBC é uma abordagem eficaz para promover o desenvolvimento sustentável, destacando a importância de aspectos como "Estratégia", "Sustentabilidade", "Engajamento" e "Identidade". As contribuições deste estudo oferecem *insights* valiosos para formuladores de políticas e gestores turísticos, ajudando a moldar práticas mais inclusivas e sustentáveis. A originalidade do trabalho reside na sua abordagem sistemática e na ênfase em comunidades insulares, um tema que ainda é pouco explorado na literatura sobre turismo sustentável.

### 3 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

O Turismo de Base Comunitária (TBC) tem sido cada vez mais discutido como uma estratégia eficaz para o desenvolvimento sustentável, com potencial para gerar benefícios econômicos e sociais para as comunidades locais, além de contribuir para a preservação do patrimônio cultural e ambiental (Kurniawan et al., 2022). Nos últimos anos, o TBC vem sendo promovido como uma solução para os impactos negativos causados pelo turismo de massa, principalmente em áreas que carecem de infraestrutura turística robusta e em regiões insulares, onde as comunidades são vulneráveis a mudanças econômicas inesperadas, devido à dependência de atividades tradicionais, como pesca e agricultura (Ruiz-Ballesteros, Del Campo Tejedor, 2020). Esse estilo busca empoderar as comunidades ao promover a conservação dos recursos naturais, culturais e sociais, enquanto gera benefícios econômicos diretamente para os habitantes locais (Giampiccoli, Muhsin, Mtapuri, 2020). Segundo Naja et al. (2021), esse tipo de turismo pode variar desde pequenos projetos comunitários até estilos mais amplos de cooperação com governos e ONGs, visando a preservação ambiental e o bem-estar social da comunidade local.

O TBC é um estilo de turismo que tem a comunidade como principal protagonista de suas atividades. Seu conceito está alicerçado na ideia de que as comunidades locais devem ter um papel ativo na concepção e operação de todas as atividades turísticas, permitindo assim que os benefícios econômicos permaneçam dentro da comunidade e reforcem sua sustentabilidade (Polnyotee, Thadaniti, 2015). Esse estilo de turismo diverge do turismo convencional, que muitas das vezes marginaliza as populações locais, relegando-as a papéis secundários ou excluindo-as completamente dos benefícios econômicos gerados pela atividade; benefícios esses que em sua maioria ficam concentrados na mão dos grandes empresários e agências de turismo. No entanto, temos que diferenciar o TBC de outros tipos de turismo sustentável, uma vez que sua principal característica é a autogestão pelas comunidades locais, onde a capacitação e o fortalecimento institucional desempenham um papel fundamental para garantir a continuidade dos projetos (Giampiccoli, Muhsin, Mtapuri, 2020).

Outro aspecto essencial do TBC é sua ênfase na conservação dos recursos naturais e culturais. A autenticidade das experiências proporcionadas aos turistas é um fator central, o que inclui o respeito às tradições locais, a valorização do patrimônio

cultural e a integração de práticas sustentáveis ao longo de toda a cadeia de valor do turismo (Ramkissoon, 2015). Embora o potencial do TBC seja promissor, ainda há lacunas no entendimento dos seus reais impactos sociais e econômicos, principalmente em regiões insulares como as ilhas, onde fatores locais como cultura e grau de envolvimento da população, desempenham um papel crucial (Ramkissoon, 2015).

Apesar da existência de várias pesquisas sobre o Turismo de Base Comunitária (TBC), observa-se que a maioria dos estudos se concentram em destinos turísticos com infraestruturas turísticas já bem estabelecidas. Pesquisas que investigam a aplicação do TBC em comunidades insulares são minorias. Tais comunidades, muitas vezes localizadas em regiões remotas, ou seja, área geográfica que está distante dos centros urbanos e das grandes aglomerações populacionais e com poucos recursos, enfrentam desafios específicos, como limitações de acesso, capacidade de gestão e infraestrutura básica (Manglis et al., 2021). A falta de pesquisas sobre como o TBC dificulta as dinâmicas sociais e econômicas dessas comunidades insulares, limita o entendimento sobre as necessidades e as melhores estratégias para seu desenvolvimento sustentável.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo preencher essa lacuna por meio de uma revisão de literatura, analisando pesquisas já realizadas sobre a influência do Turismo de Base Comunitária (TBC) na dinâmica social e econômica das ilhas, a fim de identificar seus principais benefícios gerados para as comunidades. Para isso, será realizada uma revisão sistemática da literatura com análise bibliométrica e análise de conteúdo.

Ao final, este trabalho contribuirá não só teoricamente para ampliar o entendimento sobre o papel do Turismo de Base Comunitária (TBC) em regiões insulares, mas também na prática, fornecendo diretrizes para formuladores de políticas e gestores turísticos, auxiliando na implementação de estratégias de TBC adaptadas às especificidades dessas comunidades, promovendo um desenvolvimento turístico sustentável e inclusivo.

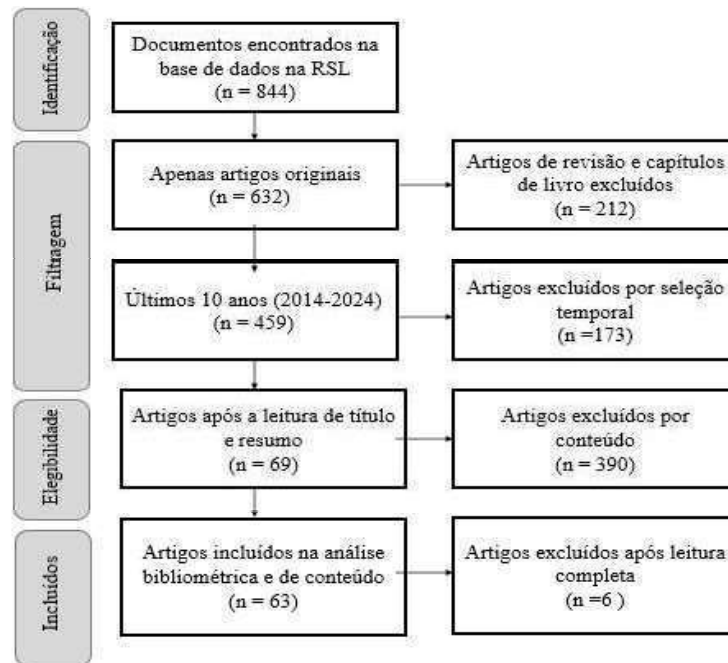
### 3.1 Metodologia

Com o objetivo de apresentar um panorama do conhecimento atual sobre os Impactos Sociais e Econômicos do Turismo de Base Comunitária (TBC) em Comunidades Insulares, este estudo utilizou uma abordagem de Revisão Sistemática da Literatura (RSL). A Revisão Sistemática da Literatura (RSL) é uma metodologia de pesquisa para compilar, avaliar e sintetizar de forma rigorosa as evidências disponíveis sobre um determinado tema (Tanikawa *et al.*, 2021). Segundo Tanikawa *et al.* (2021), a RSL se caracteriza por uma abordagem clara e reprodutível, que reúne estudos com dados primários e apresenta objetivos, materiais e métodos bem definidos. Essa metodologia constrói uma base de evidências científicas de qualidade, permitindo que pesquisadores identifiquem lacunas no conhecimento existente e proponham novas direções para investigações futuras (Tanikawa *et al.*, 2021). A RSL exige um planejamento cuidadoso e uma execução metódica, o que a torna uma abordagem fundamental em qualquer campo de pesquisa que busca integrar e avaliar a literatura existente de maneira eficaz (Gurova *et al.*, 2022). A execução de uma RSL envolve várias etapas rigorosas para garantir a validade e a confiabilidade dos resultados; De acordo com Denyer e Tranfield (2003), as etapas principais incluem a coleta de dados, análise bibliométrica e análise de conteúdo.

A coleta de dados desse estudo foi realizada utilizando a base de dados Scopus, que é reconhecido por sua vasta cobertura de publicações científicas e por fornecer métricas de citação que são cruciais para a avaliação do impacto dos estudos na área (Aksnes & Sivertsen, 2019). A escolha do Scopus, em detrimento de outras bases, se justifica pela sua maior cobertura de documentos e pela facilidade que se obteve no acesso da plataforma. A string de seleção utilizada para a busca na base de dados foi ("community-based tourism" OR "Community Tourism" OR "Sustainable tourism" OR "Participatory tourism") AND island). Essa *string* inclui um conjunto de palavras-chave que refletem os principais temas da pesquisa; sendo essa elaborada de forma a capturar a maior quantidade possível de publicações sobre o tema. A busca foi realizada em setembro de 2024, resultando em um total de 844 documentos encontrados. Após a aplicação dos critérios de exclusão, como: data de publicação (artigos publicados entre 2014 e 2024), tipo de estudo (apenas artigos) e trabalhos associados à pergunta de pesquisa formulada, resultou-se em um total de 459 artigos selecionados para análise. A coleta de dados também

envolveu a extração de informações de cada artigo selecionado, como autores, resumo, ano de publicação, periódico, número de citações e palavras-chave. Essa etapa foi facilitada pelo uso do Mendeley, um software de gerenciamento de referências que permite a organização e a análise dos dados de forma sistemática (Yamakawa et al., 2014). A utilização dessa ferramenta foi fundamental para garantir a precisão na coleta e na análise dos dados bibliográficos. Na sequência, foi realizado o processo de seleção dos artigos conforme a metodologia PRISMA, destacando as etapas de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos, conforme apresentado na figura abaixo:

**Figura 1:** Fluxograma da Seleção de Artigos para Análise Bibliométrica



Fonte: Autor (2024).

O processo ocorreu por meio de quatro etapas, envolvendo a aplicação do protocolo do fluxograma para filtrar a segunda amostra obtida (459) após a aplicação dos critérios de exclusão, tendo esse processo ocorrido da seguinte forma: triagem de título e resumo para eliminar estudos fora do escopo (390); leitura completa para avaliar a elegibilidade dos artigos (6); inclusão da amostra final de 63 estudos. Dentre os estudos fora do escopo estavam trabalhos sobre outros estilos de turismo que não se encaixam nos princípios do Turismo de Base Comunitária (TBC).

Na etapa seguinte, realizou-se a Análise Bibliométrica, onde os dados coletados após o refinamento, seguindo os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, foram exportados para análise.

Os critérios de inclusão referem-se aos estudos geográficos referem-se especificamente à comunidade de Eufrasina e seu entorno, abordando práticas e dados da região. No âmbito temático, a pesquisa se concentra em temas que destacam as potencialidades ambientais, culturais e sociais, examinando como esses fatores impactam o turismo comunitário. Além disso, é fundamental incluir projetos que evidenciem a participação ativa da comunidade local no desenvolvimento das atividades turísticas. Por fim, a documentação abrange publicações e relatórios que contribuem para uma compreensão abrangente do contexto local e das suas dinâmicas, enriquecendo a pesquisa e a produção de conhecimento sobre a comunidade de Eufrasina.

Na presente pesquisa, alguns critérios foram estabelecidos para determinar a inclusão e a exclusão de materiais. Primeiramente, consideram-se estudos e dados que sejam especificamente relacionados à comunidade de Eufrasina e sua área envoltória, evitando conteúdos que tratem de outras localidades sem pertinência para o contexto local. Além disso, é essencial que os materiais abordem temas que se alinhem com os conceitos de sustentabilidade, turismo comunitário e que explorem as potencialidades ambientais, culturais e sociais da ilha.

Outro critério é a participação ativa da comunidade local nos projetos em análise, pois apenas aqueles que envolvem a comunidade nas práticas ou decisões são considerados relevantes. Por fim, documentos e estudos que não apresentem informações substanciais ou que não possuem reconhecimento acadêmico são excluídos da pesquisa, assegurando uma base teórica sólida e confiável para a análise.

O Bibliometrix é um dos pacotes do RStudio e trata-se de uma ferramenta de código aberto projetada para realizar análises bibliométricas, permitindo a pesquisa quantitativa e o mapeamento científico (Aria & Cuccurullo, 2017). Ele se destaca por sua interface intuitiva e por incorporar funcionalidades, como análise de evolução, um procedimento que examina as mudanças e o desenvolvimento de determinado fenômeno ao longo do tempo. Análise de desempenho e espectroscopia de referências, para entender as tendências de pesquisa em diversas áreas do conhecimento (Quintero et al., 2021).

A escolha da utilização do Bibliometrix se deu pelo fato dele nos possibilitar a construção e visualização de redes bibliométricas, facilitando a interpretação de dados específicos e a identificação de padrões emergentes na literatura científica (Silva *et al.*, 2022). Além disso, a versão mais recente do pacote Bibliometrix, que inclui a aplicação Biblioshiny, oferece uma interface gráfica amigável que simplifica a execução de testes bibliométricos, tornando-o acessível mesmo para aqueles que não têm muita experiência em programação (Aria & Cucurullo, 2017).

A metodologia adotada neste estudo baseia-se na Análise de Conteúdo, conforme a sequência sugerida por Elo e Kyngäs (2008), que é uma técnica qualitativa que permite identificar padrões e significados nos textos analisados. A Análise de Conteúdo é um método que possibilita a extração de informações a partir de dados qualitativos, facilitando a compreensão das características. As etapas desse processo incluem a organização, onde temas e categorias são definidos para a análise; a extração de dados, que envolve a identificação de frequências e ocorrências de termos e conceitos; e, finalmente, a interpretação, que consiste em uma análise dos achados (Abadia & Sousa, 2023). Nessa etapa, utilizou-se a ajuda de softwares como Excel e Iramuteq, para a organização e análise dos dados, permitindo uma abordagem sistemática e objetiva na descrição do conteúdo (Santos, 2023).

A metodologia foi aplicada de forma rigorosa, iniciando-se pela organização dos dados encontrados nos artigos em uma planilha de Excel, onde foram organizados por categorias, sendo elas: barreiras, estratégias, tendências e agenda. Em seguida, procedeu-se com remoção de dados, onde foram identificadas as frequências de termos e conceitos, permitindo uma visão mais clara das tendências emergentes. A interpretação dos dados será realizada de maneira crítica, buscando compreender melhor as possíveis implicações dos achados em relação ao Turismo de Base Comunitária (TBC) em regiões insulares.

A coleta de dados da presente pesquisa foi realizada de forma presencial no período de outubro de 2024 a maio de 2025. O instrumento de coleta de dados utilizado nesta pesquisa constituiu em questionários semiestruturados, aplicados a diferentes grupos de atores sociais diretamente envolvidos com a dinâmica do turismo na comunidade de Eufrasina. A escolha desse instrumento justifica-se por sua flexibilidade, permitindo captar percepções, experiências e interpretações dos

entrevistados, ao mesmo tempo em que garante certa padronização temática entre as respostas, aspecto fundamental para a análise qualitativa dos dados.

Foram elaborados três questionários distintos, direcionados a: (i) moradores da comunidade de Eufrasina, (ii) líderes locais da comunidade e (iii) representantes de organizações ligadas ao turismo de base comunitária, especificamente a Rede Caiçara de Turismo e a Acquaplan, os quais se encontram apresentados nos Anexos A, B e C, no final deste trabalho. Essa diferenciação teve como objetivo contemplar a diversidade de papéis, níveis de envolvimento e perspectivas dos atores sociais sobre o turismo de base comunitária no território estudado.

Os questionários foram organizados em blocos temáticos, abordando: o perfil dos entrevistados, as percepções sobre o turismo e seus impactos, o envolvimento da comunidade na gestão das atividades turísticas, os aspectos ambientais e culturais associados ao turismo, o papel das organizações de apoio e, por fim, os potenciais e diretrizes para o desenvolvimento futuro do turismo de base comunitária na comunidade de Eufrasina.

As questões abertas possibilitam que os participantes expressassem livremente suas opiniões, contribuindo para a identificação de categorias analíticas relacionadas as potencialidades, desafios, estratégias e percepções sobre o turismo de base comunitária, elementos centrais para os objetivos desta pesquisa.

A maioria das pessoas que responderam o questionário são pessoas aposentadas, cuja permanência no território está associada a vínculos afetivos, à pesca de subsistência e a modos de vida adaptados ao contexto insular contemporâneo. Esse aspecto assume papel central para a análise do Turismo de Base Comunitária, uma vez que evidencia que o TBC pode se desenvolver também em comunidades não tradicionais, desde que haja organização social, identidade territorial e interesse coletivo.

A Rede de Turismo Caiçara é uma iniciativa que busca valorização e promoção do turismo em regiões caiçaras, que são áreas costeiras do Brasil, especialmente em estados como São Paulo e Paraná. O projeto visa integrar as comunidades locais, preservando a cultura caiçara e seu modo de vida, além de proteger o meio ambiente e promover o desenvolvimento sustentável. A rede costuma envolver pescadores, artesãos, guias locais e empreendedores, oferecendo experiências turísticas que abrangem desde passeios pela natureza até a vivência da cultura local, como a gastronomia típica e as atividades tradicionais. O objetivo é proporcionar uma

experiência autêntica aos visitantes, ao mesmo tempo que gera renda e oportunidades para as comunidades envolvidas (Nascimento, 2021).

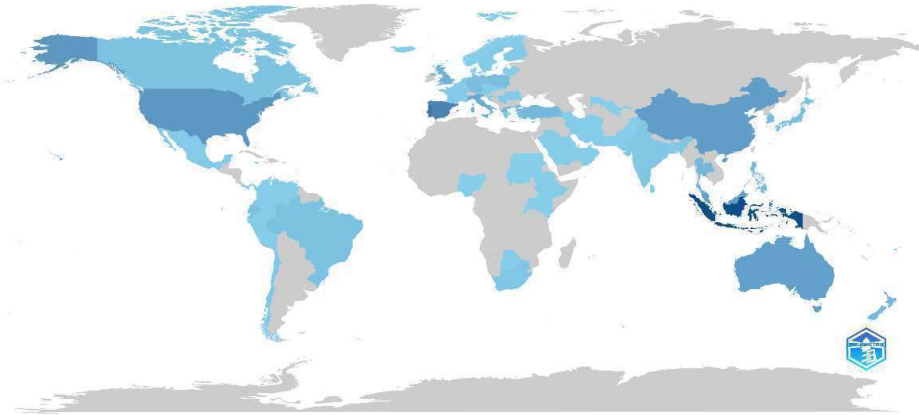
### **3.2 Bibliometria**

O Turismo de Base Comunitária (TBC) é um tema que vem ganhando espaço ao longo dos anos, à medida que mais comunidades ao redor do mundo adotam essa prática como uma alternativa sustentável ao turismo tradicional. A análise bibliográfica realizada neste estudo revelou a distribuição da produção científica relacionada a esse tema, evidenciando os países que mais contribuíram para o desenvolvimento dessa área. A figura dois mostra cores mais intensas (tons mais escuros de azul) em países com maior número de autores. Os países como: Espanha, Estados Unidos e Indonésia se destacam como os principais contribuidores científicos, refletidos pelas tonalidades mais escuras no mapa. Outros países da Europa, América do Sul, Ásia e África também apresentam uma produção sugestiva, embora em níveis mais moderados. Essa distribuição evidencia a relevância global do tema, especialmente em regiões que adotam o turismo comunitário e onde há esforços acadêmicos para investigar os impactos e práticas dessa modalidade.

O mapa também revela uma distribuição geográfica, sugerindo um crescente interesse internacional pelo tema. As contribuições refletem uma variedade de estudos, abrangendo desde o desenvolvimento sustentável até os impactos sociais, econômicos e ambientais nas comunidades locais onde esse tipo de turismo ocorre. Países menos destacados no mapa podem representar áreas com potencial para uma maior produção científica no futuro.

**Figura 2:** Produção Científica do País

Country Scientific Production

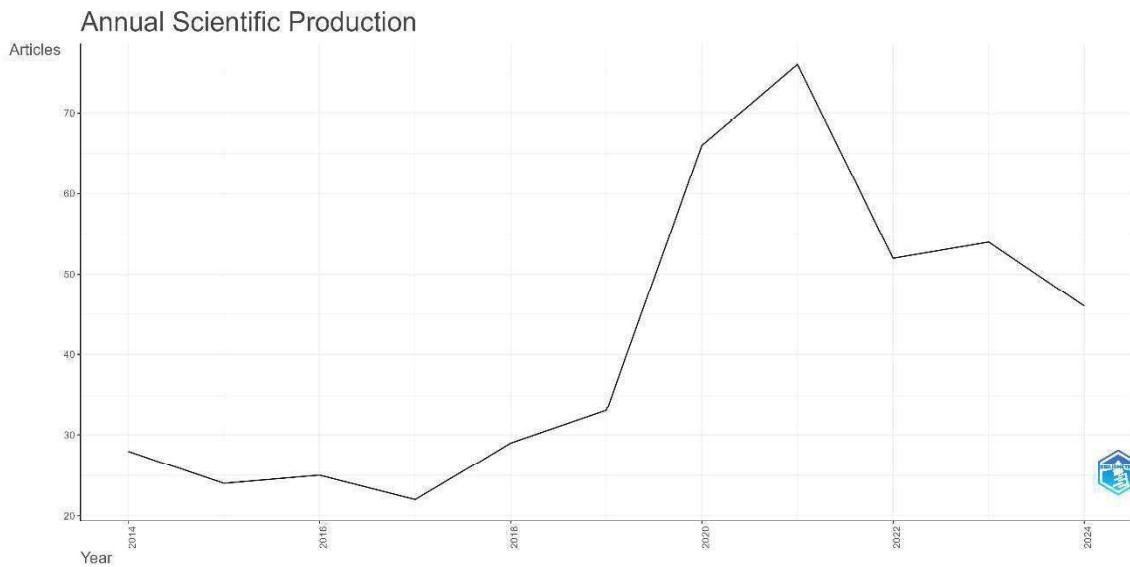


Fonte: O autor (2024).

A produção anual sobre o tema “Turismo de Base Comunitária” apresentou uma tendência de crescimento entre 2018 e 2021 (Figura 2). O número de artigos publicados foi maior em 2021, indicando interesse nas pesquisas durante esse período. Após 2021, observa-se um declínio na produção, mas o número de publicações é relativamente alto, sugerindo que, embora o interesse no tema tenha diminuído um pouco.

Vale ressaltar que os resultados apresentados no Gráfico 1 podem indicar também a influência sofrida por alguns fatores externos, como o impacto da pandemia de COVID-19, que pode ter contribuído tanto para o aumento de estudos relacionados ao turismo em 2021, quanto para o seu declínio posterior. Esse fenômeno pode ter levado à reavaliação de práticas de turismo em comunidades tradicionais e à busca por soluções mais sustentáveis para essa atividade.

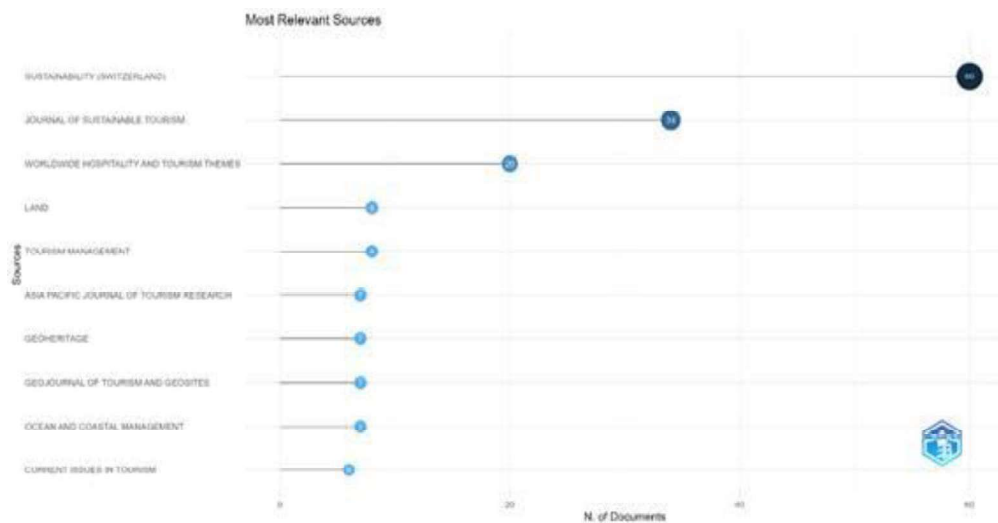
**Gráfico 1: Tendências na Produção Científica Anual**



Fonte: O autor (2024).

A análise bibliométrica revelou um ranking das dez principais fontes de publicações sobre “Turismo de Base Comunitária (TBC)”, destacando revistas renomadas que têm contribuído no campo. O Gráfico 2 mostra que dentre as três primeiras que apresentaram maior destaque estão: Sustainability (60 publicações), o Journal of Sustainable Tourism (34 publicações) e o Worldwide Hospitality and Tourism Themes (20 publicações).

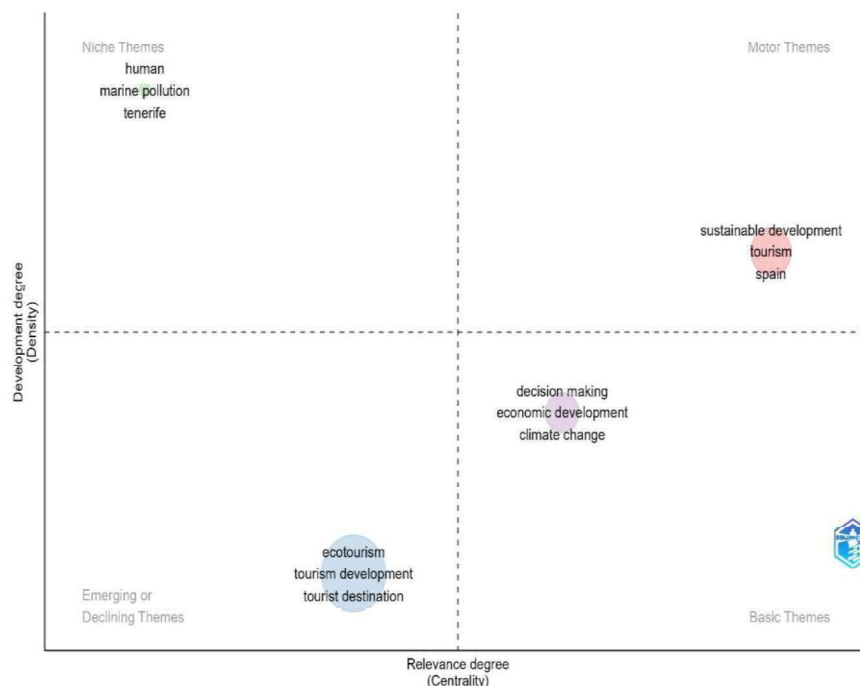
**Gráfico 2: Top 10 – Principais Fontes de Publicações sobre o TBC em Comunidade**



Fonte: O autor (2024).

Para completar a análise, foi elaborado um mapa temático, a fim de compreender melhor a dinâmica dos dados. A Figura 3 apresenta o mapa temático dos principais tópicos abordados nas publicações sobre “Turismo de Base Comunitária (TBC)”. Este mapa fornece uma visualização das interconexões entre diferentes temas, destacando as áreas de maior relevância, como a sustentabilidade, o desenvolvimento comunitário e o impacto econômico do turismo. Os temas representados por clusters, indicam o interesse em práticas de turismo sustentável que envolvem as comunidades locais. Além disso, a dispersão de tópicos sugere a diversidade de enfoques na literatura, desde abordagens teóricas até estudos de caso práticos.

**Figura 3:** Mapa Temático dos Principais Tópicos Abordados nas Publicações sobre TBC em Comunidades



Fonte: O autor (2024).

### 3.3 Análise de Conteúdo

A partir da amostra selecionada, os resumos dos trabalhos acadêmicos foram exportados para o software Iramuteq, onde realizou-se a análise mais detalhada, cujos

resultados serão apresentados nesta seção. Conforme os resultados apresentados no Quadro 1, foram analisados 63 textos. Estes textos passaram por um processo de tratamento, codificação realizada no Excel, e foram inseridos no software Iramuteq para análise. O número mínimo de documentos estabelecido para essa revisão foi de 60 documentos, para que se obtivesse o resultado.

**Quadro 1:** Descrição dos Resultados

<b>Descrição dos Resultados</b>	
Número de textos	63
Número de ocorrências	13027
Número de formas	1864
Número de hápaxes	847
Média de ocorrências por texto	206,78

Fonte: O autor (2024).

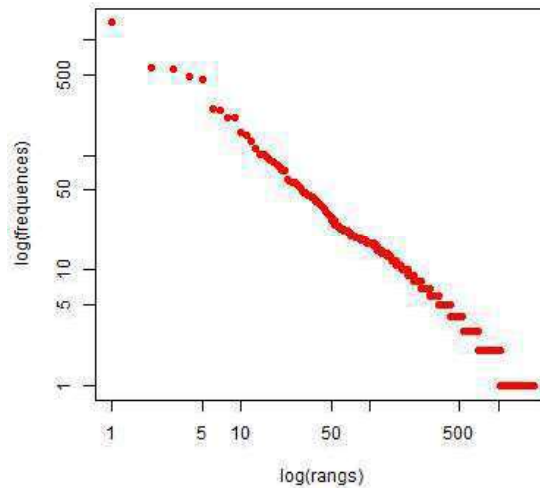
Durante a análise, o software Iramuteq identificou um total de 13.027 ocorrências, no qual representam o número total de palavras contidas nos resumos. Dessas ocorrências, cerca de 1.864 formas ativas foram reconhecidas, ou seja, palavras significativas como os substantivos e verbos, entre outros. Além disso, foram encontradas 847 palavras que apareceram apenas uma vez, conhecidas essas como "hápax". Ademais, vale destacar que a média de ocorrências por texto foi de 206,78, demonstrando assim a consistência na distribuição dos termos ao longo dos textos analisados.

A média de ocorrências foi calculada a partir do número total de ocorrências, divididas pelo número total de textos.

O gráfico 3 apresenta o Diagrama de Zipf, onde no eixo vertical (y), temos as frequências das palavras em ordem decrescente, e no eixo horizontal (x), a quantidade de palavras. O gráfico demonstra que poucas palavras ocorrem com alta frequência, enquanto a maior quantidade de palavras aparece raramente, demonstrando que as palavras mais repetidas estão concentradas no início do gráfico, já os termos que aparecem apenas uma vez, localizam-se mais próximos do eixo horizontal. Vale ressaltar que esses hápaxes são aquelas palavras que não são comuns no texto e, por isso, aparecem com menos frequência. A análise do Diagrama de Zipf confirma esse comportamento esperado: apenas um pequeno conjunto de palavras se destaca

com maior frequência. Os termos mais frequentes são “turismo” (251 vezes), seguido por “desenvolvimento” (147) e “sustentável” (115).

**Gráfico 3:** Diagramas de Zipf das palavras



Fonte: O autor (2024).

A Figura 4 ilustra essa nuvem de palavras, destacando os termos mais representativos relacionados aos Impactos Sociais e Econômicos do Turismo de Base Comunitária (TBC) em Comunidades Insulares. Na imagem, as palavras aparecem com tamanhos proporcionais à sua frequência no *corpus*. No centro da nuvem, destacam-se os termos mais recorrentes, como "turismo", "desenvolvimento" e "sustentável", que indicam os temas centrais da pesquisa. À medida que as palavras se afastam do centro e diminuem de tamanho, sua frequência também diminui, apontando para termos menos recorrentes, mas ainda vinculados ao estudo.



dessas categorias com um nome representativo, sendo eles: 'Estratégia', 'Sustentabilidade', 'Engajamento' e 'Identidade'.

**Tabela 1:** Classificação Hierárquica Descendente de Palavras por Dimensões Temáticas

669 ST - 88,35%

Classe 4 17,60% Identidade			Classe 3 15,90% Engajamento			Classe 2 35,30% Sustentabilidade			Classe 1 31,00% Estratégia		
Palavra	%	n°	Palavra	%	n°	Palavra	%	n°	Palavra	%	n°
Cultural	73,53	80,63	Participação	72,22	45	Impacto	88,89	50,95	Análise	88,89	29,88
Patrimônio	90	36,78	Comunitário	43,75	32,45	Econômico	76,47	28,21	Descoberta	88,89	29,88
Pacífico	100	28,24	Incentivar	100	26,76	Ambiental	69,77	25,81	Interessado	77,27	23,64
Centro	87,5	27,25	Organização	85,71	25,97	Mais	71,88	20,82	Parte	73,08	23,41
Forno	100	23,46	Local	34,85	22,04	Social	70,97	19,11	Grupo	100	22,98
Carvão	100	23,46	Baixo	100	21,34	Desenvolvimento	50	16,65	Baseado	100	22,98
Conservação	85,71	22,56	Estado	52,63	20,25	Desenvolvimento	85,71	16,3	Modelo	67,86	19,48
Localizar	85,71	22,56	Aumentar	66,67	17,76	Negativo	85,71	16,3	TBC	90,91	19,12
Cultura	66,67	20,35	Bem	45,83	17,26	Destino	70,83	14,35	Atitude	80	17,67
Resort	100	18,71	Citar	53,33	16,39	Ação	90	13,53	Melhor	100	15,94
Povo	100	18,71	Salvaguarda	100	15,95	Percepção	76,92	10,29	Estrutura	75	15,25
Histórico	100	18,71	Fundo	100	15,95	Setor	73,33	9,97	Abordagem	70	15,17
Empreendimento	100	18,71	Tomar	80	15,54	Tornar	73,33	9,97	Pesquisa	58,33	14,16
Ano	75	18,35	Karimunjawa	80	15,54	Particularmente	87,5	9,8	Aluno	100	13,62
Grande	75	18,35	Processo	45	13,41	Custo	87,5	9,8	Metodológico	100	13,62
Numero	83,33	17,95	Flural	62,5	13,26	Plano	100	9,32	Crítica	100	13,62
Anfitrião	83,33	23,34	Comunidade	28,75	12,95	Ecossistema	100	9,32	Precisar	87,5	12,25

Fonte: O autor (2024).

A Classe 1 foi nomeada como "estratégia", a qual correspondeu a 31,0% dos segmentos de texto. As palavras mais frequentes nesta classe incluem: "análise", "descoberta", "interessado", "grupo", "modelo", "estrutura", "metodológico" e "crítica", indicando um certo foco em processos investigativos e acadêmicos. As palavras "análise" e "modelo" nos indicam que os estudos existentes investigam os impactos sociais e econômicos do TBC em comunidades insulares, utilizando abordagens metodológicas variadas. Pode-se interpretar também que a presença do termo "metodológico" traz um pequeno indício de uma preocupação quanto às ferramentas e métodos empregados para avaliar esses impactos, enquanto "crítica" reflete uma tendência a estudos reflexivos e a análises mais aprofundadas de casos já existentes sobre o tema. As palavras "modelo", "estrutura" e "baseado" destacam de certa forma a importância da formulação de modelos práticos para o TBC. Além disso, o destaque para os termos "interessados", "parte" e "grupo" indica que o TBC é examinado sob

diferentes perspectivas de atores, incluindo comunidades locais, organizações não governamentais e governo, ressaltando assim a importância do envolvimento de *stakeholders* nessa atividade.

A Classe 2 nomeou-se como “sustentabilidade”, pois destaca os impactos concretos do Turismo de Base Comunitária (TBC) nas comunidades insulares. As palavras mais frequentes nesta classe incluem: “impacto”, “econômico”, “ambiental”, “social”, “desenvolvimento”, “crescimento”, “negativo”, “destino”, “setor”, “plano”, “percepção”, “custo”, “particularmente”. As palavras “econômico”, “social” e “ambiental” indicam que os estudos existentes avaliam os diferentes tipos de impactos que o TBC tem gerado nessas comunidades, sendo esses pontuados como os benefícios centrais desse estilo de turismo. A presença dos termos “negativo” e “crescimento” sugere uma certa dualidade, em que o TBC pode tanto promover o desenvolvimento sustentável, ao gerar crescimento econômico e preservar o ambiente, quanto também gerar efeitos indesejáveis como aumento de custo de vida e a degradação ambiental.

A Classe 3 foi intitulada como “engajamento” porque enfatiza a importância da participação comunitária na implementação e desenvolvimento do TBC. As palavras mais frequentes nesta classe incluem: “participação”, “comunitário”, “incentivar”, “organização”, “local”, “estado”, “bem”, “criar”, “salvaguarda”, “processo”, “comunidade”, “rural”. Ademais, percebe-se a presença da palavra “salvaguarda” que mostra uma certa preocupação com a proteção dos valores locais tanto culturais como naturais, visto que é um dos princípios do TBC. A palavra “processo” ressalta uma visão do TBC como uma dinâmica de longo prazo, onde as comunidades locais desempenham papéis ativos. Sobretudo, a palavra “estado” nos mostra o papel central do governo no apoio e na regulamentação do TBC, evidenciando que a colaboração entre as comunidades e as autoridades importa.

A Classe 4 foi nomeada como “identidade” pelo fato do seu conjunto de palavras parecer focar nos aspectos culturais e na conservação do patrimônio das comunidades insulares. As palavras presentes nessa classe são: “cultural”, “patrimônio”, “conservação”, “centro”, “resort”, “conservar”, “cultura”, “histórico”, “localizar”, “empreendimento”, “povo”, “paisagem”, “ano”. As palavras indicam que grande parte dos estudos exploram sobre como o Turismo de Base Comunitária (TBC) contribui para a preservação da cultura local e do patrimônio histórico. As palavras

“conservação” e “patrimônio” ressaltam a importância da proteção de elementos culturais e naturais que definem a identidade dessas comunidades insulares.

### **3.4 Potencialidades, Barreiras e Estratégias**

A presente revisão sistemática de literatura também realizou um levantamento das principais barreiras, estratégias e tendências, atrelada ao Turismo de Base Comunitária (TBC) em comunidades insulares com base nos 63 artigos. O resultado mostrou que o TBC enfrenta barreiras sustentáveis, abrangendo desafios nas áreas de infraestrutura, impactos econômicos, questões ambientais e limitações sociais.

Naja et al. (2021) destaca que o empoderamento comunitário e a criação de um ambiente colaborativo entre os stakeholders são cruciais para superar as limitações identificadas, que incluem a dificuldade de acesso, o crescimento rápido do turismo, limitações econômicas e administrativas, deterioração ambiental, falta de regulação e confiança nas comunidades, além do impacto da pandemia e da falta de infraestrutura.

Diante disso, as estratégias identificadas para promover o engajamento incluem o uso de tecnologias digitais, que são essenciais para facilitar a comunicação e a colaboração entre os diversos atores envolvidos no turismo nessas regiões, como a comunidade local, o governo, ONGs e outros stakeholders.

Autores como Manglis et al. (2021) sugerem que a descentralização da gestão turística e a criação de mecanismos de participação ativa são fundamentais para o sucesso das iniciativas turísticas a longo prazo. Essas abordagens visam garantir que todos os envolvidos no processo tenham voz e possam contribuir para um desenvolvimento mais sustentável e inclusivo.

Essas barreiras que as comunidades insulares enfrentam na tentativa de implementar um turismo que beneficie os visitantes. Além disso, foram identificadas estratégias específicas que ajudam a mitigar essas barreiras, como o uso da análise SWOT para adaptar o turismo ao contexto insular, o incentivo ao envolvimento comunitário e à autossuficiência, parcerias com ONGs, diversificação da oferta turística e fortalecimento da governança local. Essas estratégias apontam caminhos para um turismo mais sustentável, enquanto as tendências encontradas nos sugerem um aumento na valorização cultural e ambiental, na adoção de tecnologias digitais e

na busca pela resiliência e participação comunitária, promovendo uma integração entre visitantes e comunidade.

O presente estudo identificou diversas barreiras atreladas ao Turismo de Base Comunitária (TBC) nas ilhas, sendo entraves para o sucesso dessa atividade nessas regiões. Uma das principais barreiras identificadas ao TBC em ilhas está relacionada às dificuldades de acesso a essas regiões. Autores como Naja et al. (2021) ressaltam que, devido ao espaço e ao isolamento das ilhas, o acesso é uma preocupação constante, limitando assim o fluxo turístico. Além disso, a falta de infraestrutura impede a replicação de práticas de turismo comunitário bem-sucedidas, pois a variabilidade nas condições estruturais restringe a criação de métodos de desenvolvimento consistentes (McNaughton et al., 2019).

Os autores Silva e Roque (2018) destacam a falta de qualificação, argumentando que a ausência de treinamento e capacitação adequada limita as oportunidades de emprego para os moradores das ilhas no turismo, gerando uma certa dependência de trabalhadores externos e implicando na autonomia da comunidade. De acordo com Ruddy e Richardson (2021), a ausência de relatórios financeiros contínuos dificulta o planejamento econômico de longo prazo, criando incertezas na gestão dos recursos que o turismo proporciona. Situação que limita de certa forma a sustentabilidade econômica e aumenta assim a dependência dessas comunidades insulares em relação aos investimentos externos, o que muitas vezes inviabiliza a construção de um estilo de turismo baseado na participação da comunidade local.

Outro conjunto de barreiras identificado está relacionado às questões ambientais e à sustentabilidade do turismo nas ilhas e comunidades. A tensão entre o desenvolvimento turístico e a preservação ambiental é algo evidente, como aponta Hoang et al. (2022), que ressalta a grande dificuldade de equilibrar o turismo com a necessidade de proteger os ecossistemas insulares. Linnes et al. (2020) também evidencia que o comportamento dos turistas, muitas vezes inadequado, contribui para o desgaste ambiental, prejudicando os esforços de sustentabilidade das ilhas. Já Fichter et al. (2017) menciona que tanto os moradores quanto os turistas, geralmente não possuem conhecimento suficiente sobre práticas ambientais responsáveis, o que agrava ainda mais a manipulação dos recursos naturais. Esses fatores tornam difícil a criação de um turismo comunitário verdadeiramente sustentável e que respeite o

ecossistema local, elemento essencial para garantir a longevidade do turismo nas ilhas.

Por fim, outra barreira identificada está relacionada à preservação da identidade cultural das comunidades insulares. Cheer et al. (2018) destaca que a autonomia dessas comunidades é frequentemente comprometida pela pressão do mercado turístico, que exige adaptações das práticas culturais locais às expectativas dos visitantes, resultando em uma possível perda de identidade desse povo. Esse cenário acaba ameaçando as tradições locais, pois a adaptação ao turismo pode levar à descaracterização cultural, enfraquecendo o vínculo da comunidade com suas práticas e valores originais.

Diante das barreiras mencionadas, os autores revisados mostram que, ao identifica-las, é possível construir formatos de turismo mais inclusivos e sustentáveis que respeitem as especificidades das comunidades insulares e promovam um desenvolvimento equilibrado e participativo. A partir disso, algumas estratégias para mitigar essas barreiras foram identificadas e serão apresentadas na sequência.

Outra estratégia é intensificar o envolvimento da comunidade local na atividade turística, pois como enfatizado por Poort et al. (2021) para o sucesso do Turismo de Base Comunitária (TBC). A participação ativa dos moradores na tomada de decisões fortalece o vínculo com o turismo e reduz conflitos, especialmente em ilhas, onde os laços sociais e familiares são tradições consolidadas. Essa abordagem contribui para maior aceitação das iniciativas turísticas, garantindo que o desenvolvimento atenda às expectativas da população local (Poort et al., 2021).

Ramkissoon (2015) propõe a valorização cultural como princípios-chave do turismo sustentável, visto que em ilhas, onde a identidade cultural atrai visitantes, fomentar a autossuficiência fortalece a autenticidade local, ajudando a preservar o patrimônio contra pressões do turismo de massa. Já McNaughton et al. (2019) reforça sobre a *“pesquisa de ação participativa”* que incentiva a colaboração entre acadêmicos e comunidades, permitindo assim a criação de soluções adaptadas a realidades dessas comunidades. Esse método facilita a troca de conhecimentos e contribui para resolver desafios locais, como a preservação dos recursos naturais, uma questão especialmente sensível em ambientes insulares (McNaughton et al., 2019).

A diversificação da oferta turística é defendida por Silva e Roque (2024) como outra estratégia, visa reduzir a sazonalidade e mitigar a dependência de um único tipo

de atividade. Em comunidades insulares, essa diversificação pode incluir o ecoturismo e o turismo cultural, valorizando a cultura e o ambiente local, e atraindo públicos com interesses variados ao longo do ano.

Outro ponto central é a abordagem de gestão integrada proposto por Fatina et al. (2023), que promove um modo holístico ao unir diferentes *stakeholders* no planejamento e implementação do turismo.

Por fim, Cheer et al. (2017) destaca a importância de fomentar, ou seja, de se empoderar a comunidade local para que ela própria lidere o desenvolvimento turístico, garantindo maior controle sobre os impactos da atividade em suas vidas. Esse aspecto se faz necessário nas ilhas, onde há receio quanto ao impacto do turismo na rotina e no ambiente, permitindo assim que a comunidade tenha uma voz ativa e que os benefícios econômicos e sociais sejam distribuídos de forma equitativa.

As tendências observadas nessa revisão sobre Turismo de Base Comunitária (TBC) em ilhas indicam uma orientação para práticas sustentáveis e o fortalecimento das comunidades locais. Lopes, Pires e Costa (2020) enfatizam a demanda por turismo sustentável, destacando práticas que não apenas respeitam o meio ambiente, mas também garantem que os benefícios do turismo se revertam diretamente para as comunidades locais. Este foco em sustentabilidade, como também pontuado por Silva e Roque (2024), responde às pressões turísticas em regiões ecologicamente sensíveis, onde os impactos do turismo podem ser particularmente intensos.

Outra tendência de estudo está voltada ao turismo cultural sustentável, o qual Manglis et al. (2021) ressalta sobre a promoção da valorização do patrimônio cultural das comunidades insulares. De acordo com Poort et al. (2021), a preservação cultural emerge como um elemento central para oferecer experiências inovadoras e valorizar a identidade local, o que, por sua vez, cria um diferencial competitivo e alinhado aos interesses dos visitantes que buscam inovações mais profundas com os destinos.

A adoção de tecnologias digitais, destacada por McNaughton et al. (2020), aparece como uma tendência que facilita a gestão turística e fortalece o vínculo entre visitantes e a comunidade. O uso dessas tecnologias digitais permite não só o planejamento, mas também potencializa o conhecimento dos turistas sobre as práticas e valores locais.

Por fim, outra tendência identificada está ligada com o fortalecimento da participação comunitária e a busca pela resiliência e alternativas ao turismo de massa. O autor Hwang et al. (2016) destaca a crescente participação das comunidades na

gestão das atividades turísticas, o que promove uma distribuição mais equitativa dos benefícios econômicos. Além disso, Cheer et al. (2017) discute a importância da resiliência, com abordagem em alternativas ao turismo de massa que reduzem os impactos negativos e capacitam as comunidades a se adaptarem às mudanças trazidas pela atividade turística.

### 3.5 Discussão

Com base nos clusters identificados através da análise de conteúdo dos 63 documentos, foi elaborada uma tabela elencando as principais barreiras, estratégias e *stakeholders* identificados em cada uma dessas classes, como pode ser observado na Tabela 3. A análise desses clusters permitiu uma visão integrada das barreiras enfrentadas pelas comunidades locais, das abordagens sugeridas para mitigar tais barreiras e dos diferentes atores envolvidos no processo de desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC) nessas regiões.

A Classe 4 Identidade aborda as barreiras relacionadas à preservação cultural/ambiental e ao reconhecimento das comunidades locais. As ilhas, muitas vezes vistas como destinos exóticos e culturalmente distintos, enfrentam desafios devido ao crescimento rápido do turismo e à deterioração ambiental causada por práticas exploratórias inadequadas (Poort et al., 2021). Essas pressões ameaçam diretamente a cultura das comunidades e podem criar tensões internas, especialmente quando não há regulação ou confiança estabelecida entre as comunidades e os atores externos, como destacado por Lopes et al. (2020).

Para lidar com essas barreiras, a preservação da autenticidade cultural é tomada como algo fundamental. As estratégias sugeridas incluem o uso da análise SWOT como ferramenta para planejamento estratégico, que pode ajudar as comunidades a identificarem seus pontos fortes e fracos, e favorecer a promoção do envolvimento direto da comunidade local na gestão turística (Naja et al, 2021). Esses achados estão alinhados com a literatura de Ramkissoon (2015), que argumenta que o sucesso do turismo comunitário necessita da valorização e preservação das identidades locais.

A Classe Engajamento pontuou desafios ligados à falta de capacitação e à dependência de atores externos como desafios recorrentes, enfatizando a necessidade de uma maior participação e envolvimento das comunidades locais no desenvolvimento turístico (Kurniawan et al, 2022). Entre os desafios identificados, destacam-se a falta de infraestrutura e o financiamento insuficiente para iniciativas comunitárias, que dificultam a implementação de projetos sustentáveis como colocado pelo autor Manglis et al (2021). As restrições legais e a desigualdade social são fatores que agravam ainda mais os desafios enfrentados pelas comunidades insulares, muitas vezes marginalizadas no desenvolvimento decisório (Manglis et al, 2021; Basile et al, 2021). Outro ponto são os conflitos no uso de recursos naturais, especialmente em regiões onde o turismo compete com atividades tradicionais, como pesca e agricultura (Basile et al., 2021). O autor Naja et al. (2021) destaca que o empoderamento comunitário e a criação de um ambiente colaborativo entre os *stakeholders* são cruciais para superar as limitações, como dificuldade de acesso, deterioração ambiental, entre outras. As estratégias identificadas para promover o engajamento incluem o uso de tecnologias digitais para facilitar a comunicação e a *colaboração* entre os diversos atores envolvidos no turismo.

A Classe Sustentabilidade é a maior classe identificada, o que reflete a crescente importância de práticas turísticas que minimizem os impactos ambientais e promovam o uso responsável dos recursos. As barreiras dessa classe incluem a resistência da comunidade local e a falta de participação ativa nas práticas sustentáveis (Lopes et al, 2020). Ramkisson (2015) observa que, em muitos destinos insulares, a pressão por crescimento econômico leva ao crescimento descontrolado do turismo e acaba prejudicando os locais dessas regiões. Entre as estratégias propostas para lidar com essas barreiras, destaca-se o desenvolvimento de uma visão compartilhada entre os *stakeholders* e a implementação de práticas sustentáveis, como sistemas de sazonalidade de turismo e incentivos ao uso de tecnologias verdes (Fatina et al., 2023). Lopes et al. (2020) também enfatiza a importância da capacitação em sustentabilidade, que pode ajudar as comunidades a adotarem uma visão de longo prazo para a preservação dos recursos naturais e culturais.

A Classe Estratégia está ligada à necessidade de superar barreiras estruturais, como a limitação de infraestrutura e a dependência econômica de atividades. Essas barreiras são particularmente evidentes em ilhas com menor diversificação econômica, o que aumenta sua vulnerabilidade a crises, como o caso da pandemia

mencionada por Lopes et al. (2020). As estratégias propostas incluem ofertar capacitação em turismo e empreendedorismo e promover parcerias público-privadas, para que assim possa se proporcionar os recursos e conhecimentos necessários para superar as limitações financeiras e de infraestrutura presentes nessas regiões (Silva e Roque, 2024). Além disso, a criação de políticas de incentivo ao turismo sustentável e a diversificação da economia local é citada como uma solução para garantir a resiliência das ilhas frente às mudanças externas, conforme sugerido por Poort et al. (2021).

Com base na análise de conteúdo das entrevistas realizadas, foi possível identificar um conjunto de elementos recorrentes relacionados às potencialidades, barreiras e estratégias associadas ao desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC) na Comunidade de Eufrasina. Esses elementos foram organizados de forma sistematizada, considerando as falas dos participantes e os padrões emergentes do material empírico, resultando na estrutura apresentada na Tabela 2, que sintetiza as principais categorias analíticas e os stakeholders envolvidos no contexto estudado.

A Tabela 2 apresenta a organização das barreiras, estratégias e stakeholders identificados a partir da Classificação Hierárquica Descendente, permitindo visualizar de maneira integrada as relações entre os desafios enfrentados pela comunidade, as possibilidades de ação e os atores envolvidos no processo de desenvolvimento do TBC. A sistematização dos dados evidencia como as percepções dos entrevistados se distribuem entre aspectos sociais, organizacionais e institucionais, oferecendo subsídios para a compreensão das dinâmicas locais e para a discussão sobre os caminhos possíveis para o fortalecimento do Turismo de Base Comunitária na Comunidade de Eufrasina.

**Tabela 2:** Estrutura das Barreiras, Estratégias e Stakeholders Identificados por Classes

Classe 4	Classe 3	Classe 2	Classe 1
17,80%	15,90%	35,30%	31,00%
<b>Identidade</b>	<b>Engajamento</b>	<b>Sustentabilidade</b>	<b>Estratégia</b>
<p><b>Barreiras:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Dificuldade de acesso;</li> <li>- Crescimento rápido do turismo;</li> <li>- Limitações econômicas e administrativas;</li> <li>- Deterioração ambiental devido à exploração;</li> <li>- Falta de regulação e confiança nas comunidades;</li> <li>- Impacto da pandemia e falta de infraestrutura.</li> </ul>	<p><b>Barreiras:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de infraestrutura adequada e financiamento para iniciativas;</li> <li>- Restrições legais e desigualdade social;</li> <li>- Conflitos de uso de recursos naturais;</li> <li>- Falta de capacitação comunitária;</li> <li>- Concentração de <i>resorts</i> estrangeiros e desempoderamento da comunidade;</li> <li>- Dependência do turismo e desigualdade de acesso aos benefícios;</li> <li>- Problemas ambientais e socioculturais, como poluição e falta de envolvimento da comunidade.</li> </ul>	<p><b>Barreiras:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de participação da comunidade;</li> <li>- Crescimento descontrolado do turismo;</li> <li>- Resistência da comunidade local;</li> <li>- Dependência de ONGs;</li> <li>- Acesso limitado em algumas áreas.</li> </ul>	<p><b>Barreiras:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Limitação de infraestrutura de acesso e logística;</li> <li>- Dependência econômica de poucas atividades;</li> <li>- Ausência de apoio governamental consistente;</li> <li>- Dificuldades de acesso a financiamento;</li> <li>- Baixa tecnologia para o desenvolvimento de projetos turísticos.</li> </ul>

<p><b>Estratégias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilizar análise SWOT para planejamento estratégico;</li> <li>- Promover o envolvimento da comunidade local;</li> <li>- Incentivar o foco na autenticidade e identidade cultural;</li> <li>- Implementar o monitoramento ambiental e biomonitoramento;</li> <li>- Aplicar o uso de metodologias de valorização;</li> <li>- Fortalecer a autonomia da comunidade local.</li> </ul>	<p><b>Estratégias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o engajamento da comunidade e uso de tecnologias digitais;</li> <li>- Estabelecer colaboração multi-<i>stakeholder</i> e ações participativas;</li> <li>- Desenvolvimento de infraestrutura e empreendedorismo comunitário;</li> <li>- Sistema de rodízio de turismo e descentralização do turismo;</li> <li>- Criação de instituições locais e capacitação comunitária;</li> <li>- Uso de realidade virtual e criação de centros de conscientização.</li> </ul>	<p><b>Estratégias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolvimento de uma visão compartilhada entre os <i>stakeholders</i>;</li> <li>- Implementação de práticas de turismo sustentável;</li> <li>- Capacitação e sensibilização através da educação;</li> <li>- Exploração de novos mecanismos de financiamento;</li> <li>- Estabelecimento de escritórios de turismo comunitário.</li> </ul>	<p><b>Estratégias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Implementação de capacitações em turismo e empreendedorismo;</li> <li>- Promoção de parcerias público-privadas para infraestrutura;</li> <li>- Criação de políticas de incentivo ao turismo sustentável;</li> <li>- Fomento à diversificação econômica local;</li> <li>- Estabelecimento de redes de apoio e compartilhamento de boas práticas.</li> </ul>
<p><b>Stakeholders identificados:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Comunidade local e seus líderes;</li> <li>- Administradores do turismo e ambientalistas;</li> <li>- Pesquisadores e acadêmicos;</li> <li>- Visitantes e turistas;</li> <li>- Governos e entidades regulatórias;</li> <li>- Organizações de sustentabilidade e cultura.</li> </ul>	<p><b>Stakeholders identificados:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Comunidade local e líderes comunitários;</li> <li>- Governo e agências de turismo;</li> <li>- Organizações não governamentais (ONGs) e setor privado;</li> <li>- Investidores externos;</li> <li>- Grupos comunitários, como associações de turismo e agricultura;</li> <li>- Instituições educacionais e centros de conscientização ambiental.</li> </ul>	<p><b>Stakeholders identificados:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Comunidades locais;</li> <li>- ONGs (Organizações Não Governamentais);</li> <li>- Governos locais e regionais;</li> <li>- Organizações de financiamento e investidores;</li> <li>- Turistas.</li> </ul>	<p><b>Stakeholders identificados:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Governo local e estadual;</li> <li>- Comunidade local e lideranças comunitárias;</li> <li>- Organizações de apoio ao turismo sustentável;</li> <li>- Empreendedores e associações locais;</li> <li>- Agências de financiamento e desenvolvimento.</li> </ul>

De forma geral, as quatro classes identificadas (Identidade, Engajamento, Sustentabilidade e Estratégia), apresentam uma similaridade ao destacarem a importância do envolvimento dos *stakeholders* para o sucesso do Turismo de Base Comunitária (TBC) nas ilhas. Nas classes, nota-se que as comunidades locais estão no centro das discussões, seja como guardiãs da cultura, gestoras dos recursos ou participantes de estratégias sustentáveis. Além disso, a colaboração entre os atores externos, como governos, ONGs e setor privado, aparece como um elemento comum necessário para superar as barreiras enfrentadas e promover o desenvolvimento de práticas turísticas mais inclusivas e sustentáveis.

Para concluir a discussão, a presente revisão também realizou um levantamento de uma lista de questões para futuras pesquisas e sugestões metodológicas para pesquisadores avançarem na temática sobre o TBC em comunidades e ilhas. Essas questões ficam visíveis na Tabela 3.

A tabela 3 apresentada oferece uma base para orientar futuras pesquisas sobre turismo sustentável e de base comunitária em comunidades insulares. As perguntas de pesquisa abordam aspectos como estratégias de engajamento comunitário, sustentabilidade ambiental e econômica, políticas de preservação e o papel da educação e comunicação na implementação de práticas sustentáveis. Além disso, a tabela sugere metodologias variadas, como entrevistas semiestruturadas, estudos de caso, análises comparativas e estudos longitudinais, oferecendo um leque de abordagens que podem ser adaptadas conforme o contexto e os objetivos específicos de cada estudo.

**Tabela 3:** Agenda de Pesquisa para o Futuro do TBC em Comunidades

Classes	Autores	Pergunta de pesquisa	Sugestão metodológica
1	Silva e Roque (2024); Hardy e Pearson (2016); Prasad e Kumar (2022).	Quais estratégias e passos são essenciais para implementar um turismo sustentável em comunidades insulares, de forma a maximizar os benefícios locais, fortalecer o engajamento das partes interessadas e promover a sustentabilidade de longo prazo?	Conduzir entrevistas semiestruturadas com <i>stakeholders</i> locais para identificar estratégias estratégicas.

1	McNaughton, Rao e Verma (2020); Hwang, Chi e Lee (2016); Dionísio e Nisi (2021)	Quais práticas e tecnologias digitais podem ser aplicadas no turismo comunitário em ilhas para melhorar a sustentabilidade, inclusão social e experiência do visitante, reforçando a confiança entre consumidores e comunidades locais?	Implementar um estudo de caso com análise de impacto de tecnologias digitais no engajamento comunitário.
1	Ruiz-Ballesteros e Tejedor (2020), Ruggieri, Platania e Zarb (2022), Prasad e Kumar (2022)	Como os impactos econômicos e ambientais do turismo sustentável influenciam as dinâmicas sociais e o bem-estar das comunidades insulares em diferentes contextos?	Aplicar questionários para avaliar a percepção dos residentes sobre os impactos econômicos e ambientais.
1	Rizaldi, Ranty e Anindita (2024); Ruggieri, Platania e Zarb (2022); Fichter, Martín e Román (2023)	Como modelos e estratégias de gestão e desenvolvimento insular podem contribuir para a gestão sustentável do turismo em regiões costeiras e ilhas com diferentes características?	Realizar uma análise comparativa entre modelos de gestão adotados em diferentes ilhas.
2	Lopes, Pires e Costa (2020); Fatina, Soesilo e Tambunan (2023); Sayuti (2023).	Quais estratégias educacionais e de comunicação podem ser inovadoras para garantir uma participação eficaz e sustentável dos <i>stakeholders</i> no desenvolvimento do turismo em áreas insulares?	Conduzir entrevistas semiestruturadas com <i>stakeholders</i> locais para identificar estratégias de participação sustentável.
2	Giampiccoli, Mtapuri e Dłużewska (2021); Figueroa e Rotarou (2016); Sheller (2020).	De que maneira políticas específicas podem ser planejadas para regular o uso da terra e propriedade nas ilhas, promovendo práticas de turismo sustentável alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)?	Realizar uma análise de políticas públicas para avaliar regulamentações de uso da terra e alinhamento aos ODS.
2	Prokopiou et al. (2018); Grilli et al. (2021); Bozzato e Pollice (2022).	Como as percepções dos residentes locais sobre o turismo e a sustentabilidade influenciam as políticas locais e a adesão a práticas sustentáveis em áreas insulares?	Conduzir uma pesquisa quantitativa com questionários para medir percepções e atitudes dos residentes locais.
2	Inchausti-Sintes e Voltes-Dorta (2020); Creaney e Niewiadomski (2016); Weis, Chambers e Holladay (2021).	Quais são os efeitos a longo prazo das restrições ou políticas de turismo em ilhas, e como esses efeitos podem diversificar a economia local e beneficiar o ambiente?	Desenvolver um estudo longitudinal para analisar os impactos econômicos e ambientais das restrições de turismo ao longo do tempo.

3	Manglis et al. (2021), Basile et al. (2021), Kurniawan et al. (2022)	Quais estratégias podem ser implementadas para fortalecer a participação comunitária e o controle local no desenvolvimento do turismo em áreas vulneráveis, minimizando a influência externa e promovendo o engajamento sustentável?	Realizar entrevistas semiestruturadas com líderes comunitários para identificar estratégias de fortalecimento da participação local.
3	Gascón e Mamani, (2022), Polnyotee e Thadaniti (2015), Basile et al. (2021)	Como a participação da comunidade pode ser integrada ao turismo para fortalecer a resiliência socioeconômica em tempos de crise, promovendo a sustentabilidade em regiões de vulnerabilidade?	Conduzir estudos de caso com análise longitudinal para avaliar o impacto da resiliência socioeconômica em comunidades turísticas.
3	Faxina, Freitas e Trevizan (2021), Hidayat, Arifin e Putri (2021), Manglis, Fourkiotou e Papadopoulou (2021)	Quais são as práticas ideais para promover o turismo comunitário em destinos de ecoturismo, melhorando a preservação ambiental e a conscientização dos visitantes?	Implementar pesquisas de campo com visitantes e moradores locais para medir percepções de preservação ambiental e práticas sustentáveis.
3	Ertac e Tanova (2020), Ruiz-Ballesteros (2017), Fafurida, Daerobi e Riyanto (2022)	De que maneira as políticas de empoderamento e empreendedorismo podem promover o desenvolvimento de mulheres e minorias em áreas de turismo sustentável, especialmente em regiões de conflitos?	Desenvolver um estudo com grupos focais para explorar o impacto de políticas de empoderamento e empreendedorismo no turismo.
4	Naja et al. (2021), Li et al. (2021), Cheer et al. (2017)	Quais estratégias podem ser inovadoras para fortalecer a sustentabilidade e a preservação cultural em destinos turísticos, promovendo tanto o envolvimento das comunidades locais quanto a atração de turistas?	Realizar entrevistas com <i>stakeholders</i> locais para entender as prioridades culturais e sustentáveis.
4	Ramkissoon (2015), Lim et al. (2023), Canavan (2016)	Como a colaboração entre comunidades e <i>stakeholders</i> externos pode promover a sustentabilidade em áreas de herança cultural, considerando o equilíbrio entre turismo e preservação histórica?	Conduzir um estudo de caso comparativo entre diferentes áreas de herança cultural.

4	Poort et al. (2021), Andolina et al. (2021), Spennemann (2021)	Quais indicadores são mais eficazes para medir os impactos ambientais e culturais do turismo sustentável em regiões insulares e costeiras?	Aplicar uma análise de indicadores ambientais e culturais para avaliar práticas de turismo sustentável.
---	--	--	---

Fonte: O autor (2024).

Esse quadro de questões e métodos pode auxiliar pesquisadores a identificar lacunas no conhecimento atual e definir áreas prioritárias para investigação. A categorização por temas facilita a identificação de tópicos emergentes, como a inclusão de tecnologias digitais no turismo e o empoderamento de minorias, contribuindo para um avanço mais direcionado e colaborativo entre academia e instituições. Essa estrutura não só enriquece a compreensão dos desafios e oportunidades no Turismo de Base Comunitária (TBC) em ilhas, mas também promove o desenvolvimento de práticas aplicáveis que reforçam o potencial dessas comunidades para alcançar a sustentabilidade de forma eficaz.

Em suma, com base em todos os resultados discutidos, vale pontuar que o presente estudo traz consigo algumas implicações em diversas frentes. Em termos gerenciais, destaca-se a importância de práticas que priorizam o envolvimento das comunidades locais e respeitam suas culturas e tradições, promovendo um estilo turístico que também gera benefícios econômicos para esses grupos (Manglis et al. 2021). Essas implicações importam para profissionais e tomadores de decisão que atuam no desenvolvimento de políticas e estratégias sustentáveis para o setor. No âmbito teórico, o estudo abre novos caminhos para a pesquisa acadêmica, incentivando investigações sobre o uso de tecnologias digitais para fortalecer o empoderamento comunitário e promover uma maior sustentabilidade e inclusão social. Para os acadêmicos, essas novas linhas de pesquisa oferecem oportunidades para expandir o conhecimento sobre o papel dessas tecnologias no turismo sustentável. Politicamente, o estudo ressalta a necessidade de políticas públicas que incentivem a descentralização da gestão turística e promovam a participação ativa das comunidades no processo decisório (Poort et al., 2021). Para políticas, isso significa desenvolver mecanismos que garantam que as vozes das comunidades sejam ouvidas, atendendo suas preocupações e garantindo um turismo mais equitativo e inclusivo.

Portanto, o estudo teve como objetivo realizar uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) sobre o Turismo de Base Comunitária (TBC) em comunidades insulares, empregando uma abordagem rigorosa para compilar e sintetizar as evidências disponíveis sobre o tema. A metodologia adotada incluiu a análise de 63 resumos de trabalhos acadêmicos extraídos da base de dados Scopus, permitindo uma compreensão aprofundada das tendências e temas emergentes relacionados ao TBC.

Os principais resultados indicam que o TBC se configura como uma abordagem para promover o desenvolvimento sustentável; destacando aspectos como "Estratégia", "Sustentabilidade", "Engajamento" e "Identidade", que são fundamentais para o sucesso das iniciativas de turismo nas comunidades insulares. A análise revelou que as comunidades insulares estão cada vez mais integrando práticas de turismo que valorizam seus recursos locais, promovendo não apenas benefícios econômicos, mas também sociais e culturais. Termos como "comunidade", "turístico" e "ambiental" destacam a interconexão entre o desenvolvimento sustentável e o turismo, refletindo as preocupações e aspirações das comunidades.

#### 4. A COMUNIDADE DE EUFRASINA E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC)

A presente seção apresenta os principais resultados obtidos a partir da pesquisa de campo realizada na comunidade de Eufрасina, que teve como objetivo principal analisar como as potencialidades ambientais, culturais e sociais da comunidade podem contribuir para o desenvolvimento do TBC. O tema central desta pesquisa foi o Turismo de Base Comunitária (TBC), com objetivo em identificar e compreender as dinâmicas que podem torná-lo uma alternativa sustentável e justa para as comunidades locais.

A Comunidade de Eufрасina, como mencionado anteriormente na introdução deste trabalho, está localizada no Município de Paranaguá, Litoral Norte do Paraná. A comunidade é uma área rica em biodiversidade, abrigando uma comunidade pequena e tradicional, a comunidade tem uma cultura e um modo de vida que se mantêm ao longo do tempo, muitas vezes relacionado às suas atividades econômicas, como a pesca; de cerca de 100 (cem) moradores, composta principalmente por pescadores, sendo a pesca a atividade econômica principal da comunidade (Diretoria de Meio Ambiente da Portos do Paraná, 2021).

A partir da bibliografia analisada, pode-se observar que a Comunidade de Eufрасina possui uma importância cultural e ambiental significativa e a principal forma de se chegar até a comunidade é por meio marítimo. A comunidade possui uma riqueza natural e cultural, além de paisagens e ecossistemas preservados, o que a torna, *a priori*, um potencial para o Turismo de Base Comunitária (TBC) (Rosário, 2022). Atualmente, a comunidade possui atividades voltadas ao TBC, como passeios de barcos, ecoturismo na mata, banho de lama, turismo gastronômico, e ainda permite aos visitantes conhecerem a casa das farinheiras.

As falas dos participantes permitiram identificar aspectos sobre o potencial da Comunidade de Eufрасina para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC), bem como os desafios enfrentados e as estratégias locais de organização e conservação ambiental. Para analisar os resultados obtidos nas entrevistas, eles foram organizados em categorias analíticas, categorias essas nomeadas como eixos temáticos. Foram divididos em 12 eixos temáticos, sendo eles: 1 - Descrição da comunidade; 2 - Atividades Econômicas; 3 - Preservação Ambiental; 4 - Atividades Turísticas; 5 - Impacto do Turismo; 6 - Mudanças Econômicas; 7 - Preocupações com

o Turismo; 8 - Envolvimento Comunitário; 9 - Iniciativas de Turismo Comunitário; 10 - Práticas Ambientais e Culturais; 11 - Potenciais e Recursos; 12 - Visão de Futuro. A categorização por eixos foi definida, a fim de buscar compreender de forma articulada as dinâmicas sociais, econômicas e ambientais que emergem do território estudado. Todos os eixos mencionados são discutidos detalhadamente no tópico seguinte, tomando como base os argumentos dos entrevistados, juntamente com os achados na literatura.

#### **4.1 Entre Desafios e Potencialidades: A Visão Comunitária sobre o Turismo de Base Comunitária (TBC) na Comunidade de Eufrasina**

A análise das entrevistas com moradores da Comunidade de Eufrasina revela um conjunto de atributos que conferem ao território para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC). Esses atributos estão ancorados não apenas na paisagem natural preservada e na riqueza dos recursos ambientais disponíveis, mas, sobretudo, na vivacidade da cultura, na organização comunitária incipiente e na forma como os residentes percebem e se apropriam do território da comunidade.

A descrição da Comunidade de Eufrasina, a partir das percepções dos moradores, revela uma valorização da natureza e da identidade cultural local, a qual refere-se ao conjunto de características, valores, práticas e tradições que definem um grupo social ou uma comunidade. Ela é formada por elementos como língua, religião, modos de vida, artes e costumes, que são transmitidos ao longo do tempo. Essa identidade proporciona um senso de pertencimento e continuidade, ajudando os indivíduos a se reconhecerem como parte de um todo. Além disso, a identidade cultural é fundamental para a diversidade e o intercâmbio entre diferentes culturas. (Figura 5), aspectos frequentemente associados ao Turismo de Base Comunitária (TBC). Falas como a da entrevistada 1, que menciona que *“A Comunidade de Eufrasina é um lugar lindo, tranquilo, com natureza preservada, praias limpas e uma comunidade acolhedora”*; exemplificam a importância que os próprios moradores atribuem ao ambiente em que vivem reafirmando o que autores como Poort et al. (2021) e Manglis et al. (2021) apontam como sendo elementos centrais para atividades turísticas em ilhas: o contato genuíno com um território autêntico, culturalmente potente e ambientalmente preservado.

**Figura 5:** Comunidade de Eufrasina

Fonte: O autor (2024).

A literatura reforça que o modo como os moradores se apropriam e descrevem seu território está diretamente ligado à forma como o turismo se desenvolve (Giampiccoli, Muhsin e Mtapuri (2020). Cheer et al. (2017) argumentam que em comunidades insulares o reconhecimento da paisagem como parte da identidade coletiva é um indicativo de que há base social para experiências turísticas mais profundas e participativas, fortalecendo o papel da comunidade como protagonista do desenvolvimento.

O relato dos entrevistados evidenciou que o reconhecimento da natureza como recurso vital não se restringe à beleza cênica, mas incorpora também a relação de sobrevivência e identidade da comunidade. Como destaca Ramkisson (2015), o vínculo emocional com o ambiente natural é central para a construção de destinos turísticos sustentáveis baseados na comunidade. Isso nota-se nas descrições dos moradores, que não apenas enfatizam a paisagem, mas também a importância dos recursos naturais para a vida cotidiana e para a cultura local, como expressam as

entrevistadas 5: “*A natureza é linda, temos os manguezais, o mar, os animais... é um lugar de muito valor pra gente*” e o entrevistado 4: “*A gente vive da natureza, então sem ela, não tem como continuar. Se a gente não cuidar, a pesca diminui, os turistas deixam de vir...*”. Esses relatos mostram que a Comunidade de Eufрасina apresenta características que se alinham ao que a literatura define como elementos-chave para a promoção de experiências turísticas, sustentáveis e geradoras de pertencimento tanto para os moradores.

A ausência de comunidades tradicionais em Eufрасina tem implicações diretas sobre a dinâmica do turismo. A diversificação das origens dos moradores pode resultar em uma maior flexibilidade na adaptação de práticas e na inovação de ofertas turísticas, por outro lado, pode limitar a profundidade das narrativas culturais que frequentemente atraem turistas interessados na autenticidade. A construção de um turismo que valorize a nova identidade da comunidade, sem desconsiderar sua necessidade de um sentido de lugar, será essencial para a sua sustentabilidade.

Além disso, a interação entre turistas e locais pode ser estéril se não houver um reconhecimento claro das histórias e culturas que compõem a nova comunidade. Portanto, estratégias que promovam a valorização da história de Eufрасina, bem como a capacitação da população local para atuar como mediadora de experiências culturais, são fundamentais para o desenvolvimento de um turismo respeitoso e sustentável.

As entrevistas revelam que as atividades econômicas tradicionais da Comunidade de Eufрасina ainda são ligadas à pesca artesanal e à maricultura, mas que o turismo vem se consolidando como uma alternativa crescente de geração de renda. Essa coexistência evidente nas falas é evidenciada nas falas dos moradores da comunidade. O entrevistado 8, por exemplo, observa que “*A maioria das famílias vive da pesca artesanal. A maricultura também tem crescido... e agora tem aparecido mais o turismo*”, enquanto o entrevistado 4 relata: “*Tenho uma pousadinha e trabalho com artesanato, a renda vem principalmente disso*”. Esses relatos indicam uma transição econômica parcial, que busca complementar a renda com iniciativas ligadas à recepção de visitantes.

Na literatura, essa articulação entre economia tradicional e novas oportunidades trazidas pelo turismo é frequentemente destacada como característica central do Turismo de Base Comunitária (TBC). Segundo Manglis et al. (2021), o TBC em ilhas tende a incorporar práticas econômicas locais ao invés de substituí-las,

valorizando a cultura do trabalho e favorecendo a inclusão de diferentes perfis sociais. Isso é perceptível na fala da entrevistada 1, ao afirmar que *“As principais atividades são a pesca artesanal, a maricultura e alguns trabalhos ligados ao turismo, como hospedagem e alimentação para visitantes”*, demonstrando que o turismo não rompeu com a base produtiva da comunidade, mas passou a coexistir com ela, em um estilo mais flexível e adaptado à realidade local.

Além disso, como destaca Poort et al. (2021), a diversidade é um fator de resiliência para comunidades insulares, que enfrentam sazonalidades e vulnerabilidades naturais. A ampliação de possibilidades econômicas, por meio da oferta de hospedagem, alimentação, passeios e venda de artesanato, não apenas diversifica as fontes de renda, mas também fortalece o protagonismo local. O entrevistado 3 reconhece essa mudança ao afirmar que *“A pesca sempre foi a base da economia, mas o turismo vem crescendo bastante nos últimos anos”*, sinalizando que há um movimento de reestruturação econômica gradual.

Outro ponto atrelado ao quesito econômico da comunidade é que essa transformação ocorre sem a descentralização do modo de vida local, o que reforça a sustentabilidade cultural e econômica do processo. Para os autores Giampiccoli, Muhsin e Mtapuri (2020), a manutenção das práticas tradicionais aliada à inovação comunitária é uma das principais formas de assegurar que os benefícios do turismo sejam distribuídos de forma justa e duradoura. Assim, a Comunidade de Eufrasina acaba demonstrando que o fortalecimento das atividades econômicas não exige a substituição da tradição, mas sim a valorização de seus saberes em diálogo com novas oportunidades sustentáveis.

A preocupação com a preservação ambiental aparece nos relatos dos moradores de Eufrasina, refletindo assim um senso de responsabilidade coletiva em relação aos recursos naturais que sustentam tanto a vida cotidiana desses povos, quanto as possibilidades de desenvolvimento turístico. A entrevistada 1 sintetiza esse entendimento muito bem ao afirmar que: *“A preservação é fundamental, porque dependemos do meio ambiente para sobreviver. Se o ambiente for destruído, perdemos nossa fonte de renda e nossa qualidade de vida”*. Esse posicionamento é compartilhado por outros entrevistados, como entrevistado 4, que ressalta: *“A gente vive de natureza, então, sem ela, não tem como continuar”*, e a entrevistada 5, que complementa: *“Se a gente não cuidar da natureza, a pesca acaba e o turismo também não tem mais motivo para existir”*.

As falas dos entrevistados evidenciam o que Ramkissoon (2015) chama de *place attachment*, que significa ligação afetiva e funcional com o meio ambiente, ou seja, a consciência de que os recursos naturais não são apenas atrativos turísticos, mas componentes estruturantes da própria identidade e sobrevivência comunitária. Em comunidades insulares, essa relação é ainda mais evidente, uma vez que o isolamento geográfico torna a dependência dos ecossistemas locais ainda mais direta e imediata. O reconhecimento dessa interdependência é um dos pilares do Turismo de Base Comunitária (TBC), que pressupõe o uso sustentável dos recursos como forma de garantir o bem-estar da comunidade local no longo prazo.

Em relação a preservação do meio ambiente, a comunidade possui, mesmo que em ambiente de mata, diversas lixeiras para os visitantes depositarem seus lixos e placas informativas, que reforça cuidados sobre a gestão de resíduos da comunidade e ilustra orientações como: “Proibido jogar lixo”, “Separe o lixo reciclado dos restos de comida”, “Deposite o lixo nos locais indicados pela associação” e “Cuidar da comunidade é dever de todos”. Porém, apesar das inúmeras informações sobre o cuidado com a natureza e as lixeiras distribuídas ao longo do trajeto, observou-se durante a trilha diversos resíduos jogados no solo, sendo a maioria garrafas pet e embalagens em geral, entre outros objetos.

Além da percepção dos moradores sobre a importância da natureza, observa-se também uma preocupação de que o turismo só será viável se estiver comprometido com a conservação ambiental. O entrevistado 3 reforça esse ponto ao afirmar que: *“Tudo aqui depende da natureza. A pesca, o turismo, até a nossa qualidade de vida”*. Esse tipo de posicionamento é coerente com o que apontam Poort et al. (2021) e Manglis et. al. (2021), ao indicarem que projetos de TBC bem-sucedidos em ilhas são aqueles que conseguem associar o desenvolvimento econômico com a proteção dos ecossistemas locais. Esse equilíbrio é alcançado, sobretudo, quando a comunidade participa ativamente da gestão ambiental e também do ordenamento das atividades turísticas como forma de evitar impactos negativos e garantir o uso racional dos espaços naturais.

A consciência ambiental revelada entre os entrevistados também aponta um processo de formação e sensibilização ambiental já em curso. O entrevistado 4 menciona que *“Muitos projetos trazem educação ambiental.”*, o que indica que a atuação de redes como a Rede Caiçara e empresas como a Acquaplan têm fomentado práticas educativas na comunidade. Essa dimensão educativa é reforçada por

Giampiccoli, Muhsin e Mtapuri (2020), que destacam a educação ambiental comunitária como um fator de empoderamento local e de fortalecimento da gestão participativa dos recursos naturais.

Essa importância atribuída à atuação em rede é reforçada pelo entrevistado 9, ao destacar que:

*“A Rede Caiçara nasceu justamente da demanda de várias comunidades tradicionais, principalmente costeiras e insulares, que enfrentam as mesmas dificuldades em relação ao turismo predatório, à invisibilidade e à falta de políticas públicas adequadas. Juntas, elas entenderam que só com união poderiam fortalecer suas lutas e construir alternativas próprias, como o Turismo de Base Comunitária (TBC).”*

Em uma definição, a Rede Caiçara de Turismo Comunitário é uma iniciativa que reúne comunidades da Baía de Paranaguá, no litoral do Paraná, com o objetivo de desenvolver o Turismo de Base Comunitária (TBC) como instrumento de valorização cultural, educação ambiental e geração de renda local (Rede Caiçara, 2024). Criada no ano de 2013, no contexto de um projeto de sensibilização socioambiental, a rede busca incentivar práticas turísticas sustentáveis que fortaleçam o modo de vida caiçara e respeitem os limites ecológicos do território (Rede Caiçara, 2024). As atividades promovidas incluem passeios com enfoque cultural e ambiental, experiências gastronômicas tradicionais e o envolvimento direto dos moradores na recepção de visitantes, permitindo que o turismo seja conduzido conforme os interesses da própria comunidade (Rede Caiçara, 2024).

Outro fomentador de práticas educativas na comunidade insular é a Acquaplan. A Acquaplan Tecnologia e Consultoria Ambiental Ltda. é uma empresa brasileira fundada em 22 de abril de 2004, com sede em Balneário Camboriú - SC, que atua no desenvolvimento e gerenciamento de projetos técnico-científicos inter e multidisciplinares na área ambiental (GRUPO ACQUAPLAN, 2025). A equipe da empresa é composta por profissionais de diversas áreas, como oceanografia, engenharia ambiental, biologia, direito ambiental, geografia, engenharia civil, geofísica marinha, antropologia, arqueologia, sociologia, engenharia florestal, química e educação ambiental (GRUPO ACQUAPLAN, 2025b). A Acquaplan mantém escritórios em Paranaguá (PR), Imbituba e São Francisco do Sul (SC), além de bases operacionais em cerca de dez cidades do litoral brasileiro, abrangendo desde São Luís (MA) até Rio Grande (RS) (GRUPO ACQUAPLAN, 2025).

Segundo a entrevistada 2, representante da Acquaplan, na região das ilhas “O papel da instituição tem sido apoiar as comunidades locais no desenvolvimento de atividades sustentáveis, incluindo o Turismo de Base Comunitária (TBC), com foco na valorização da cultura local, conservação dos recursos naturais e geração de renda”. Essas ações se refletem em benefícios concretos para a comunidade de Eufrasina, como a capacitação dos moradores, o apoio técnico à estruturação da Rede Caiçara e o incentivo à participação da comunidade nas decisões coletivas. A Acquaplan também colabora na produção de materiais educativos e no desenvolvimento de práticas sustentáveis, contribuindo diretamente para que a conservação ambiental seja uma prioridade na atividade turística.

A Acquaplan atua no fortalecimento da autonomia comunitária. Por meio de projetos de capacitação, oficinas e apoio à infraestrutura, a empresa contribui para que os moradores tenham condições de liderar suas próprias iniciativas. A mesma presta serviços para a empresa pública Portos do Paraná, principalmente relacionados a projetos. A entrevistada 2 em sua fala menciona “*melhorias de infraestrutura, como saneamento básico*”, aqui ela se refere a um projeto de implantação dos biodigestores. A Comunidade de Eufrasina também se destaca como referência em gestão ambiental no litoral paranaense, sendo uma das comunidades pioneiras na implementação de biodigestores para tratamento de esgoto doméstico. A ação foi conduzida pela empresa Pública Portos do Paraná, que implantou sistemas de tratamento alternativo com biodigestores na escola local e também na sede da Associação de Moradores da ilha (Portos do Paraná, 2023). Posteriormente, a empresa também ministrou oficinas para capacitar os moradores na instalação dos sistemas em suas próprias residências, promovendo o protagonismo comunitário na gestão dos recursos sanitários (Portos do Paraná, 2023). Essa tecnologia sustentável, além de reduzir os impactos do saneamento inadequado (um desafio comum em áreas insulares), transforma resíduos orgânicos em biofertilizante, contribuindo para a conservação ambiental e a saúde pública. A iniciativa fortalece o compromisso da comunidade com práticas ecológicas e se alinha aos princípios do TBC, ao mostrar que a sustentabilidade ambiental pode caminhar junto da autonomia local e da educação ambiental.

**Figura 6:** Biodigestores Artesanais da Comunidade de Eufrasina



Fonte: O autor (2024).

Porém, as iniciativas de empresas que, em sua essência, buscam mitigar o impacto ambiental negativo através de ações de capacitação e desenvolvimento local, como as promovidas pela Aquaplan, devem ser analisadas criticamente. Embora a capacitação de comunidades seja uma ação necessária, é fundamental que as intervenções tenham um caráter genuinamente sustentável e que não sirvam apenas como mecanismos de "violação" ambiental. A prática do chamado "greenwashing" – onde empresas aparentam ser ambientalmente responsáveis sem um verdadeiro compromisso com a sustentabilidade – pode ter um efeito nocivo, uma vez que pode criar uma falsa impressão de que as operações turísticas estão alinhadas com práticas de responsabilidade social e ambiental.

A dinâmica turística em Eufrasina enfrenta desafios, especialmente no que diz respeito à capacidade de suportar um número crescente de visitantes. O influxo exagerado de turistas não apenas sobrecarrega a infraestrutura local, com impactos diretos na qualidade de vida dos habitantes, mas também gera uma pressão sobre os recursos naturais da comunidade, que, por sua natureza, é limitada. O uso excessivo

de áreas para atividades turísticas pode resultar em degradação ambiental, desmatamento, poluição hídrica e comprometimento da biodiversidade.

Um fator que deve ser considerado é a composição demográfica das comunidades que habitam a comunidade. Apesar de ser um território com grande potencial para o turismo comunitário, a presença de moradores provenientes de diferentes regiões do país pode dificultar a formação de uma identidade local coesa e a valorização das culturas tradicionais que poderiam enriquecer a experiência turística. Essa heterogeneidade, se não gerida adequadamente, pode resultar em um turismo que prioriza a exploração dos aspectos superficiais da cultura, colocando em risco a autenticidade e a essência cultural da Comunidade de Eufrasina.

A análise das entrevistas mostrou que as atividades turísticas em Eufrasina ainda são incipientes e pontuais, mas as falas dos moradores revelam um repertório de práticas com potencial de estruturação. A pesca, por exemplo, é mencionada não apenas como meio de subsistência para a comunidade, mas também como uma prática cultural que desperta o interesse dos visitantes. Alguns entrevistados relatam que os turistas demonstram curiosidade em acompanhar a rotina pesqueira, desde a saída dos barcos até a limpeza e preparo do pescado, o que sinaliza a possibilidade para experiências turísticas de base comunitária baseado no cotidiano local. Um dos entrevistados até afirmou que *“Tem gente que já veio para a ilha só para ver como é que a gente puxa a rede, como limpa peixe, como cozinha”*.

A recente inclinação da comunidade em direção a um turismo de experiência — caracterizado pela introdução de feirinhas de exposições e eventos que visam atrair um público mais amplo — levanta questões significativas sobre as suas repercussões no contexto local.

As feirinhas de exposições, embora possam ser vistas como uma estratégia para diversificar a economia local, têm gerado um impacto negativo perceptível na dinâmica social e cultural da comunidade. Primeiramente, a presença de produtos e experiências que não são genuinamente oriundos da cultura local pode diluir a autenticidade da identidade e das práticas tradicionais. A comunidade, habitada em sua maioria por indivíduos que não pertencem a comunidades tradicionais, acaba por refletir um panorama onde as características culturais são, muitas vezes, superpostas por influências externas. Esse fenômeno não apenas compromete a singularidade da experiência turística, mas também pode levar à marginalização das narrativas e costumes locais.

O entrevistado 3 menciona a preocupação com o crescimento excessivo do turismo e a falta de respeito com as regras locais por parte dos visitantes. Desta forma, a entrada de tais iniciativas pode provocar uma transformação no modo de vida dos moradores. A pressão para atender às demandas do turismo de massa pode incentivar a adoção de práticas que priorizam a lucratividade em detrimento da sustentabilidade ambiental e cultural. Assim, a genuína oferta de experiências, que caracteriza o TBC, pode ser substituída por uma mercantilização das tradições locais, resultando em um turismo que não respeita nem valoriza adequadamente o patrimônio social e cultural da comunidade.

A preocupação do entrevistado 4 com o “*excesso de turistas e a falta de estrutura*” evidencia um ponto crítico: o desequilíbrio entre a capacidade de suporte da comunidade e a demanda turística. Essa relação entre estrutura inadequada e pressão antrópica é um dos principais fatores de impacto ambiental em regiões costeiras, conforme destacado por Martins et al. (2011). A infraestrutura limitada pode comprometer tanto a conservação ambiental quanto a qualidade de vida dos moradores, além de reduzir a experiência turística sustentável.

Outro conjunto de atividades citado pelos entrevistados envolve o turismo de trilhas e contemplação da natureza. A região é descrita como rica em paisagens naturais, com trilhas que cruzam áreas de mata, costões rochosos e pontos de observação.

Dentre as diversas trilhas existente na ilha, existem a:

- Trilha Caixa D'Água: Essa trilha leva até uma antiga caixa d'água, passando por riachos e vegetação densa (WIKILOC, 2025).
- Trilha Tabaquara: Com cerca de 2,5 km, essa trilha conecta as comunidades da Ilha de Eufrasina e Europinha, sendo utilizada tanto pelos moradores, quanto por visitantes (WIKILOC, 2025).
- Trilha até o Rio dos Meu Canecos: Essa trilha leva até um rio de água doce, proporcionando uma experiência única de contato com a natureza (“Cardápio Turístico Eufrasina”, 2025).

Além dessas trilhas, a comunidade possui diversos outros trajetos e belezas encantadoras. Um dos entrevistados destaca a diversidade de recursos naturais que poderiam ser aproveitados para roteiros ecológicos, ressaltando que “*o lugar é bonito demais, mas falta mostrar para quem vem*”. Percepções como essas reforçam a ideia

de que a valorização do território e do conhecimento local pode ser a base para uma proposta turística sustentável.

Atividades informais, já ocorrem nos finais de semana e feriados prolongados, como a venda de refeições e o oferecimento de passeios de barco. Tais iniciativas ainda são realizadas de forma autônoma e desarticulada, mas apontam para uma demanda já existente por parte dos visitantes. Como relatam os entrevistados: *“Tem muita gente que vem de fora e quer conhecer, passear de barco, comer peixe”* e *“No final de semana vem bastante gente, mas a gente ainda não tem nada direito”*. As falas dos moradores evidenciam a presença de um fluxo turístico espontâneo e a consciência, por parte da comunidade, da necessidade de melhorar a organização para que esses encontros se transformem efetivamente em oportunidades de renda e valorização cultural. O entrevistado 3 resumiu essa expectativa ao afirmar que *“Se tivesse mais organização, dava para ganhar um dinheirinho bom”*.

Com a vinda de muitos turistas, observa-se que a infraestrutura existente na comunidade não é adequada para suportar um fluxo elevado de turistas. A combinação do crescimento descontrolado do turismo e da limitada infraestrutura pode resultar em degradação ambiental, sobrecarga dos recursos naturais locais e deterioração das características culturais da cidade.

A presença de turistas em grande número pode provocar uma transformação nas dinâmicas sociais locais, levando à mercantilização da cultura e à perda de identidade entre os habitantes. Com um número excessivo de visitantes, o caráter genuíno das interações sociais pode ser comprometido, tornando-se uma experiência superficial tanto para os turistas quanto para os moradores.

O entrevistado 5, por sua vez, alerta para os efeitos práticos e visíveis da falta de controle turístico, como lixo, degradação da fauna e invasão de áreas sensíveis. Sua fala menciona que *“por isso precisa de apoio”* aponta para ausência de políticas públicas ou parcerias institucionais que ofereçam suporte à comunidade na gestão do turismo. Os autores Burgos e Mertens (2015) já defendiam que o TBC só é possível com o fortalecimento da autogestão e da participação ativa da comunidade, associadas a políticas de apoio técnico, ambiental e educacional.

Essa preocupação reforça a necessidade de um formato alternativo baseado na sustentabilidade, na conservação ambiental e no respeito à identidade cultural, princípios que norteiam o TBC conforme descritos por Alcântara et al. (2015) e Fabrino et al. (2012).

No quesito impacto econômico, observou-se que os impactos do turismo na comunidade de Eufrasina já se faz perceptíveis pela comunidade local. As falas dos moradores indicam que mesmo em estágio inicial, o turismo tem contribuído para a geração de renda, o fortalecimento da cultura local e a ampliação das oportunidades de trabalho. O entrevistado 1 observa que *“O turismo tem trazido renda para algumas famílias e ajudado a divulgar a cultura da ilha. Mas ainda é algo pequeno...”*, apontando para o caráter incipiente, porém promissor da atividade. O entrevistado 3 relata: *“O turismo trouxe mais renda para a comunidade. Algumas famílias que antes viviam só da pesca agora têm uma renda extra com os turistas”*, evidenciando a diversificação econômica promovida pelo turismo em relação à dependência histórica da pesca.

Essas percepções dialogam com o que afirmam Graciano & Holanda (2020), ao descreverem o Turismo de Base Comunitária (TBC) como uma estratégia que fortalece a economia local por meio da participação ativa da comunidade na gestão das atividades turísticas, promovendo uma distribuição mais equitativa da renda e o empoderamento social.

A partir dos relatos dos entrevistados na comunidade de Eufrasina, evidencia-se que o Turismo de Base Comunitária (TBC) vem promovendo, ainda que de forma emergente, transformações econômicas no contexto insular. Essas mudanças estão em consonância com as discussões presentes na literatura, particularmente as apontadas por Graciano e Holanda (2020) e Fabrino et al. (2012), que enfatizam que o Turismo de Base Comunitária (TBC) contribui para dinamizar as economias locais, estimular o empreendedorismo popular e fortalecer a autonomia das comunidades. Conforme destacado pelos entrevistados 3 e 4 *“a economia ficou mais diversificada”* e *“a renda melhorou para várias famílias, principalmente para quem consegue oferecer hospedagem ou vender alguma coisa para os turistas”*, o que reforça a ideia de que o turismo, mesmo que em fase inicial, tem potencial para diversificar as atividades produtivas tradicionais, até então centradas predominantemente na pesca.

Os relatos também evidenciam que alguns moradores passaram a investir em melhorias nas próprias residências com o objetivo de atrair visitantes, refletindo uma estratégia de adaptação. Essas constatações confirmam a tendência apontada na revisão de que o Turismo de Base Comunitária (TBC) leva a valorização do patrimônio cultural e natural, incentivando aprimoramentos na infraestrutura local para a recepção de turistas. Como observa o entrevistado 1: *“Algumas pessoas começaram a investir*

*em melhorar suas casas para receber turistas*”, o que sugere uma mudança na logística produtiva, na qual o turismo começa a inserir-se na dinâmica cotidiana da comunidade.

A compreensão do impacto econômico do Turismo de Base Comunitária (TBC) na comunidade de Eufrasina também deve considerar o fato de que os relatos indicam que a atividade ainda está em estágio inicial e seu potencial de contribuição para o desenvolvimento local depende de ações de suporte institucional, capacitação e políticas públicas que favoreçam a ampliação do acesso aos benefícios (Manglis et al., 2021). Essa perspectiva está alinhada com os conceitos abordados na revisão, que enfatizam a importância de uma gestão participativa e de estratégias de desenvolvimento que promovam a inclusão social e o fortalecimento de capacidades locais (Gil, 2008).

No quesito atrelado à preocupação com o turismo, as falas dos entrevistados da Comunidade de Eufrasina revelam uma apreensão comum em relação aos possíveis impactos negativos do turismo, especialmente quando desorganizado ou mal gerido. A entrevistada 1, por exemplo, destaca que o turismo desorganizado *“pode prejudicar o meio ambiente e mudar a cultura local”*. Esse temor ressoa diretamente com a crítica ao turismo de massa apontada por diversos autores da literatura, como Graciano e Holanda (2020) e Huffner et al. (2018), que ressaltam os efeitos adversos de estilos turísticos que priorizam o lucro e a exploração dos recursos em detrimento da sustentabilidade ambiental e cultural.

Assim, os relatos dos moradores de Eufrasina reforçam as premissas teóricas já discutidas pela literatura, indicando que o protagonismo comunitário, o planejamento participativo e a educação ambiental são caminhos indispensáveis para que o turismo se torne um vetor de desenvolvimento e não de degradação.

O entrevistado 3 e o entrevistado 4 enfatizam o esforço coletivo da comunidade em participar de associações, que buscam encontrar formas de garantir benefícios compartilhados. Esse tipo de envolvimento é coerente com os princípios do TBC, que segundo Alcantara et al. (2015), propõe uma gestão participativa e horizontal, em que a comunidade se organiza em rede para tomar decisões coletivas. No entanto, o depoimento da entrevistada 8 revela outro aspecto: *“Se envolvem como podem; alguns preferem ser contratados, mas não participam do planejamento”*. Isso evidencia que apesar de haver participação em determinadas etapas, ainda existe uma divisão entre quem atua na execução das atividades turísticas e quem se engaja

na sua gestão, o que pode gerar desigualdades na apropriação dos benefícios do turismo. A literatura aponta que o envolvimento comunitário não se limita à prestação de serviços, mas inclui a tomada de decisões estratégicas e a gestão dos recursos locais (Fabrino et al., 2012; Burgos & Mertens, 2015). Quando os moradores são incluídos apenas como mão de obra, sem voz nas decisões, há risco de reprodução das desigualdades que o TBC busca justamente combater. A fala da entrevistada 8 ilustra essa realidade e reforça a necessidade de ações que promovam maior equidade no acesso à informação, formação e representação dentro dos espaços de decisão.

A falta de capacitação técnica mencionada pelo entrevistado 1 reforça o argumento de Ginanjar (2023), que o papel estratégico da formação continuada para que os próprios moradores possam identificar e gerir os recursos turísticos de maneira sustentável. Nesse sentido, serviços privados voltados à educação ambiental, ao turismo sustentável e à gestão comunitária são fundamentais para fortalecer a autonomia da comunidade e evitar a dependência de agentes externos.

A organização em associações, mencionadas pelo entrevistado 3, é uma estratégia positiva com o estilo defendido por Campos-Sánchez et al. (2024), para quem a Economia Solidária, da qual o TBC faz parte, valoriza o trabalho coletivo e as decisões compartilhadas como forma de fortalecer o tecido social. Entretanto, a entrevistada 1, a união entre os membros da comunidade precisa ser continuamente cultivada, o que exige não apenas boa vontade, mas também mecanismos institucionais que favorecem a coesão e o planejamento participativo.

As respostas obtidas nas entrevistas revelam também que a Comunidade de Eufrasina já conta com turismo comunitário, ainda que em fase inicial. O entrevistado 1 e o entrevistado 3 destacam a parceria com a Rede Caiçara de Turismo, que tem promovido visitas guiadas, hospedagem familiar e apoiado projetos locais. Essa articulação em redes já consolidadas no território caiçara é estratégica para fomentar o Turismo de Base Comunitária (TBC), uma vez que, conforme apontam Graciano e Holanda (2020), o fortalecimento de redes solidárias e colaborativas amplia a capacidade organizativa e a visibilidade das comunidades envolvidas.

A fala do entrevistado 9, representante da Rede Caiçara, explica a origem dessas iniciativas e como elas se estruturam: a partir de capacitações socioambientais e da formação de comissões comunitárias voluntárias. Essa construção participativa está plenamente alinhada aos princípios do TBC, conforme descrito por Fabrino et al.

(2012), que a horizontalidade nas decisões e o protagonismo dos moradores como pilares para a sustentabilidade do turismo. O formato de rede de comissões locais reforça a gestão descentralizada e permite que cada comunidade se organize com base em suas especificidades, promovendo autonomia e adaptabilidade, características essenciais ao sucesso do TBC (Burgos & Mertens, 2015).

As ações descritas também evidenciam o desenvolvimento de um processo de estruturação do turismo comunitário como alternativa ao turismo convencional, permitindo que a própria comunidade estabeleça o ritmo e os limites do desenvolvimento turístico, como recomendam Alcântara et al. (2015). A utilização de recursos locais, como a culinária tradicional e os conhecimentos sobre trilhas e biodiversidade, fortalece o sentimento de pertencimento e promove a conservação do patrimônio natural e cultural, conforme discutem Canalejo et al. (2015) e Pinho (2021).

O apoio da Rede Caiçara, da Acquaplan e a organização da comunidade em grupo e comissões demonstram que há potencial de replicabilidade e expansão dessas práticas para outras comunidades insulares do litoral do Paraná, apesar do potencial de replicação, as iniciativas ainda são incipientes e que outra Rede Caiçara já está implantando um estilo semelhante. Como bem observado por Campos-Sánchez et al. (2024), experiências de turismo comunitário são geralmente sustentadas por articulações em rede e pela participação ativa da comunidade local na definição dos rumos do desenvolvimento. Logo, as iniciativas já existentes na Comunidade de Eufrosina podem ser vistas como exemplos práticos do potencial do TBC como possibilidade viável e sustentável para a região.

Os relatos dos participantes demonstram uma percepção sobre a importância de um turismo alinhado à preservação ambiental. Os entrevistados 1 e 3 ressaltam que o turismo consciente contribui para a valorização da natureza e atua como um incentivo à preservação. Esses apontamentos encontram respaldo em autores como Huffner et al. (2018) e Graciano e Holanda (2020), que afirmam que o TBC promove a conservação ambiental justamente por incluir os moradores na gestão dos recursos e incentivar práticas sustentáveis voltadas ao coletivo. O TBC, integra a paisagem, os saberes e os modos de viver como parte essencial da experiência turística. O entrevistado 4 destaca que *“a presença dos turistas faz com que a gente valorize mais o que temos”*, sinalizando o papel da visitação como elemento de reforço da autoestima comunitária e da consciência ecológica.

Por sua vez, a entrevistada 5 destaca práticas culturais como a culinária caiçara, os “causos” e o modo de vida tradicional como elementos centrais da experiência turística na comunidade. Essa dimensão cultural está conectada à noção de patrimônio imaterial discutida por Gabrielli e Nicolau (2017), que afirmam que o TBC é uma via estratégica para preservar expressões culturais vivas, como a oralidade, a música, a gastronomia e as tradições locais. A fala da entrevistada 5 revela que, mais do que produtos turísticos, essas estratégias são formas de resistência cultural que permitem à comunidade afirmar sua identidade diante das transformações externas trazidas pelo turismo.

Além das práticas ambientais e culturais já desenvolvidas na comunidade de Eufрасina, como a pesca sustentável e coleta seletiva do lixo, é fundamental destacar os recursos e potencialidades locais que contribuem diretamente para a viabilidade de um Turismo de Base Comunitária (TBC) sustentável. A identificação dessas ações é essencial para o planejamento de atividades turísticas que respeitem os modos de vida tradicionais e promovam o protagonismo comunitário.

Os apontamentos dos entrevistados mostraram que a comunidade de Eufрасina dispõe de elementos naturais, culturais e sociais que refaçam seu potencial como destino de Turismo de Base Comunitária (TBC). A entrevistada 1 destaca a natureza preservada, a autenticidade da cultura caiçara e a hospitalidade dos moradores como grandes atrativos. Esses aspectos estão diretamente ligados ao conceito de “experiências autênticas” defendido por Fabrino et al. (2012), que consideram que o diferencial do TBC está justamente na oferta de vivências reais e não padronizadas, promovendo o encontro genuíno entre visitantes e comunidade.

O entrevistado 2 complementa essa visão ao destacar a beleza natural da ilha. O reconhecimento desses recursos reforça o que apontam Gabrielli & Nicolau (2017) ao enfatizarem que o patrimônio imaterial, como os saberes tradicionais e os processos produtivos locais, é parte essencial da experiência no TBC, além de contribuir para a valorização da identidade cultural. A cultura da farinha, por exemplo, é mais do que uma atividade econômica: é um símbolo de resistência cultural e da memória coletiva da comunidade.

Na Comunidade de Eufрасina, essa tradição ganha ainda mais força por meio das “farinheiras”, mantidas por famílias locais, muitas delas chefiadas por mulheres. A produção de farinha é realizada artesanalmente, seguindo um processo transmitido pelos moradores mais antigos da comunidade, descendentes de nativos que mantêm

viva a prática do cultivo da mandioca e o preparo completo da farinha, desde a colheita até a torrefação. Trata-se de um saber antigo que atravessa gerações e que hoje é também um atrativo turístico e educativo. Como forma de valorizar essa herança cultural, os próprios moradores produziram um vídeo com o passo a passo da fabricação da farinha, disponível no perfil da comunidade no Instagram (link: <https://www.instagram.com/reel/DDDWj2DuFFj/?igsh=NzBlaDVmZnNyMHc4> ), demonstrando não apenas a técnica, mas também o orgulho em compartilhar esse patrimônio com os visitantes (“Antony on Instagram, 2020). A farinha, nesse contexto, ultrapassa sua função alimentar e torna-se elo entre passado e presente, tradição e inovação, reforçando o papel do TBC como instrumento de preservação da identidade cultural e de fortalecimento da economia local. Abaixo, os registros fotográficos de uma das farinheiras presente na comunidade:

**Figura 7:** Casas das Farinhas da Comunidade



Fonte: O autor (2024).

A imagem acima mostra uma das farinheiras da comunidade e entender todo o processo produtivo da farinha. A farinheira da imagem foi recentemente reformada e alguns processos de fabricação foram otimizados e adaptados para melhorar o processo produtivo. Os moradores afirmam que a farinha da comunidade é considerada uma das melhores.

A potencialidade de oferecer essas experiências e a participação em rotineiras, também é citada pelo entrevistado 2. Essa perspectiva se alinha com o que defendem Boulhosa (2020) e Khatri (2023), ao sugerirem que o TBC proporciona uma imersão cultural transformadora, onde o turista não é apenas espectador, mas participante ativo. Essa forma de turismo valoriza o intercâmbio de saberes e contribui para o fortalecimento do sentimento de pertencimento dos moradores.

O reconhecimento das práticas já desenvolvidas e os recursos disponíveis, os entrevistados também demonstraram expectativas e projeção em relação ao turismo em sua comunidade. As falas evidenciam não apenas esperanças em relação ao desenvolvimento sustentável, mas também apontam condições essenciais para que esse futuro desejado se concretize, como o envolvimento da comunidade, a proteção do meio ambiente e o respeito à cultura local. Essas visões contribuem para entender como a própria comunidade enxerga seu papel no processo de construção de um Turismo de Base Comunitária (TBC) de sucesso e quais caminhos consideram mais viáveis para alcançar esse objetivo.

As expectativas dos entrevistados quanto ao futuro do turismo na comunidade de Eufrasina revelam uma visão esperançosa, porém crítica, em relação à forma como essa atividade deve ser conduzida. O entrevistado 1 ressalta que o crescimento do turismo deve ocorrer de maneira organizada, com geração de renda, mas sem que isso implique em destruição ambiental ou descaracterização cultural.

O entrevistado 3 reforça a importância do envolvimento da comunidade no processo, afirmando que o futuro mostra potencial se o turismo continuar sendo feito de forma sustentável. Essa fala está diretamente ligada ao princípio central do Turismo de Base Comunitária (TBC), que, conforme afirmam Alcântara et al. (2015) e Graciano e Holanda (2020), depende da atuação coletiva, da autogestão e da valorização dos saberes locais para alcançar seus objetivos sociais, econômicos e ambientais. A

sustentabilidade mencionada pelo entrevistado 3 envolve não apenas a proteção ambiental, mas também o empoderamento das comunidades receptoras.

O entrevistado 5 traz uma perspectiva prática e integradora, sugerindo que o turismo pode gerar renda, manter os jovens na comunidade e promover o cuidado com a natureza. Essa visão dialoga com os benefícios do TBC identificados por Campos-Sánchez et al. (2024), que destacam o fortalecimento da economia local e a inclusão social como aspectos fundamentais desse estilo. Manter os jovens na comunidade, citado pelo entrevistado 5, é um indicador de vitalidade social e continuidade cultural, frequentemente observado em experiências bem-sucedidas de turismo comunitário, como mostram os estudos de Fias e Cruz (2020).

A fala da entrevistada 8 expressa um desejo de maior reconhecimento e visibilidade da comunidade de Eufrasina no cenário turístico regional, especialmente dentro da lógica do TBC. Seu anseio de ver a comunidade “*no mapa do Turismo*” representa uma demanda por valorização do território e por integração em redes de turismo sustentável. Tal posicionamento reforça a importância da articulação em rede, como a Rede Caiçara de Turismo e de estratégias de divulgação que respeitem as particularidades locais, como defendem Fabrino et al. (2012) e Burgos & Mertens (2015).

Observa-se, a partir das entrevistas, que parte dos moradores associa o desenvolvimento do turismo à atuação direta do poder público, especialmente no que se refere à infraestrutura e à organização das atividades. No entanto, essa percepção revela um distanciamento em relação aos princípios centrais do Turismo de Base Comunitária, cuja essência está na autogestão, na organização coletiva e na autonomia da comunidade. Nesse sentido, mais do que a ausência de políticas públicas, evidencia-se a necessidade de fortalecimento dos processos internos de mobilização comunitária e de apropriação conceitual do TBC pelos próprios moradores.

Sendo assim, a visão de futuro da comunidade de Eufrasina projeta um turismo ideal fundamentado em três pilares: sustentabilidade, participação comunitária e valorização da identidade cultural. As falas dos entrevistados revelam o desejo de um desenvolvimento que seja equilibrado, que não apenas gere benefícios econômicos, mas que também reforce o pertencimento, a preservação ambiental e a continuidade dos modos de vida locais.

## 4.2 Potencialidades, Barreiras e Estratégias para o Turismo de Base Comunitária (TBC) na Comunidade de Eufрасina

A partir da análise das entrevistas e da revisão bibliográfica, foi possível identificar um conjunto de potencialidades, barreiras e estratégias relacionadas à consolidação do Turismo de Base Comunitária (TBC) de Eufрасina. Esses elementos oferecem uma visão da realidade local, bem como o que favorece, dificulta ou orienta o desenvolvimento sustentável do turismo na comunidade. As potencialidades evidenciam o que a comunidade já possui em recursos naturais, culturais e sociais que podem ser fortalecidos; as barreiras apontam os desafios estruturais, sociais e institucionais ainda presentes; e as estratégias sugerem caminhos possíveis para ampliar o protagonismo comunitário e garantir que o turismo ocorra de maneira participativa e alinhada aos princípios do TBC. A seguir, serão apresentados e discutidos esses três aspectos com base no Quadro 2 elaborado a partir da pesquisa.

**Quadro 2:** Potencialidades. Barreiras e Estratégias para o TBC na Comunidade de Eufрасina

Categoria	Elementos Identificados
<p style="text-align: center;"><b>Potencialidades</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Natureza preservada (praias, trilhas, mata atlântica)</li> <li>• Cultura caiçara (culinária, farinheiras, pesca artesanal, festas)</li> <li>• Hospitalidade da comunidade</li> <li>• Atividades conduzidas por moradores (barcos, trilhas, hospedagens)</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>Barreiras</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de infraestrutura básica (saneamento, coleta de lixo)</li> <li>• Desorganização na gestão do turismo</li> <li>• Ameaças à biodiversidade (lixo, pisoteio, pesca predatória)</li> <li>• Falta de capacitação para atendimento ao turista</li> <li>• Desrespeito às normas culturais e ambientais por parte dos visitantes</li> </ul>

<p><b>Estratégias</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cursos de capacitação e oficinas comunitárias</li> <li>• Apoio e fortalecimento de organizações locais (Rede Caiçara)</li> <li>• Planejamento participativo com envolvimento dos moradores</li> <li>• Valorização cultural por meio de feiras e vivências</li> <li>• Regras claras para visitação e preservação ambiental</li> </ul>
---------------------------	---

Fonte: O autor (2024).

A Comunidade de Eufрасina apresenta potencialidades para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC), destacando-se pela integração entre seus recursos naturais, culturais e humanos. A natureza preservada da comunidade, composta por praias de baixa intervenção, trilhas ecológicas e remanescentes de Mata Atlântica, representa um ativo ambiental, não apenas estético, mas também educativo e ecológico.

No campo cultural, sobressai a autenticidade da cultura caiçara, expressa por meio da culinária local, como o preparo do peixe, da mandioca e da farinha artesanal, das práticas de pesca artesanal e das festas religiosas. Essas manifestações culturais, vivas e cotidianas constituem um patrimônio imaterial de grande riqueza e têm potencial para proporcionar ao visitante, conforme apontam autores como Gabrielli e Nicolau (2017) e Fabrino et al. (2012), ao destacarem o valor dos saberes tradicionais no TBC.

**Figura 8:** Prato de peixe fresco preparado por uma moradora da comunidade



Fonte: O autor (2024).

Outro elemento central é a hospitalidade da comunidade local. O acolhimento e a disposição em compartilhar experiências reforçam o sentimento de pertencimento e fortalecem o vínculo entre moradores e visitantes, um aspecto valorizado no turismo comunitário. Além disso, muitas das atividades turísticas já são conduzidas pelos próprios moradores, como passeios de barco, trilhas guiadas e hospedagens familiares, o que demonstra organização e de autonomia local. Esse protagonismo reforça os princípios do TBC ao garantir que os benefícios gerados pela atividade turística permaneçam na comunidade, estimulando a autogestão e a sustentabilidade socioeconômica.

Dessa forma, as potencialidades identificadas em Eufrasina revelam não apenas os atrativos naturais e culturais, mas, sobretudo, a existência de uma base comunitária dedicada a fortalecer um estilo de turismo que respeita o território, valoriza a identidade local e promove desenvolvimento com equidade.

Apesar das potencialidades evidentes, o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC) na Comunidade de Eufrasina ainda enfrenta diversas barreiras que limitam a consolidação de um estilo sustentável e participativo. Uma das principais limitações é a infraestrutura básica, especialmente no que se refere ao saneamento e à coleta de resíduos sólidos. Embora algumas iniciativas, como a instalação de biodigestores, representem avanços, ainda existem dificuldades que comprometem tanto a qualidade de vida dos moradores quanto a experiência dos visitantes.

Outro ponto crítico são as ameaças à biodiversidade causadas por práticas inadequadas, como o descarte de lixo, o pisoteio em áreas sensíveis e a pesca predatória. Esses impactos evidenciam a urgência de ações de educação ambiental direcionadas tanto aos moradores quanto aos visitantes, além da implementação de normas de uso sustentável do território. A pouca capacitação específica para o atendimento ao turista também limita o potencial da comunidade de oferecer experiências de qualidade, o que pode comprometer a imagem do destino e restringir as oportunidades econômicas para os moradores.

Ademais, observa-se pouco caso frequente por parte de alguns visitantes às normas culturais e ambientais da comunidade, o que não apenas gera conflitos, mas também contribui para a descaracterização da cultura local e para o desgaste dos recursos naturais. Esse comportamento reforça a importância de campanhas educativas, sinalização adequada e mecanismos de sensibilização turística, que possam alinhar as expectativas dos visitantes aos valores da comunidade anfitriã.

Essas barreiras, embora desafiadoras, também apontam de certa forma para o caminho do fortalecimento do TBC, na medida em que evidenciam a necessidade de políticas públicas específicas, investimentos em infraestrutura e ações de formação e articulação comunitária que permitam à comunidade de Eufrasina superar suas fragilidades e avançar rumo a um estilo de turismo sustentável, justo e autogerido.

Diante das barreiras identificadas, algumas estratégias já vêm sendo adotadas e outras sugeridas, como caminhos possíveis para fortalecer o Turismo de Base Comunitária (TBC) em Eufrasina. A realização de cursos de capacitação e oficinas comunitárias é apontada como uma ação fundamental para qualificar os moradores.

Outro aspecto é o fortalecimento de organizações locais, como a Rede Caiçara de Turismo, que atua de forma articulada em diversas comunidades do litoral paranaense. Apoiar essas redes significa investir em mecanismo de cooperação, ampliar a troca de saberes e garantir maior representatividade das comunidades nas decisões relacionadas ao turismo. Essa articulação em rede também contribui para a difusão de boas práticas e a construção coletiva de soluções.

O planejamento participativo com envolvimento dos moradores surge como uma estratégia-chave para enfrentar a desorganização na gestão do turismo e garantir que as ações estejam em consonância com os interesses e valores da comunidade. A construção de planos coletivos, com escuta ativa e tomada de decisões compartilhadas, é um dos fundamentos do TBC para permitir que o turismo seja pensado de forma integrada, inclusiva e sustentável.

Por fim, destaca-se a necessidade de estabelecer regras para a visitação e a preservação ambiental, de modo a orientar o comportamento dos visitantes e proteger os ecossistemas sensíveis da comunidade. A definição de limites, sinalização, adequada, campanhas de educação ambiental participativa são medidas que podem garantir maior controle sobre os impactos da atividade turística e promovem uma convivência mais harmoniosa entre turismo, comunidades e natureza. Essas estratégias, quando pensadas de forma integrada e conduzidas com participação ativa da comunidade, têm o potencial de transformar desafios em oportunidades, consolidando Eufrasina como referência em turismo comunitário sustentável e territorialmente comprometido.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições deste estudo são significativas tanto teoricamente quanto na prática. Teoricamente, ele amplia o entendimento sobre o TBC, oferecendo uma base para futuras investigações e discussões acadêmicas. Praticamente, os resultados podem informar políticas públicas e iniciativas de desenvolvimento que busquem fortalecer o papel das comunidades insulares no turismo, promovendo um estilo mais sustentável e inclusivo. Além disso, as descobertas podem servir como um guia para a implementação de projetos de TBC que respeitem e valorizem a cultura local.

O impacto ambiental gerado por uma alta concentração de visitantes atraídos por feirinhas e eventos que não estão alinhados com as potencialidades ecológicas da região. O aumento no fluxo turístico pode resultar em degradação dos recursos naturais da comunidade, acarretando em consequências adversas para a biodiversidade local que, paradoxalmente, é um dos principais atrativos turísticos.

Portanto, é imperativo que o desenvolvimento do turismo na Comunidade de Eufрасina busque harmonizar a valorização de suas potencialidades ambientais, culturais e sociais com as práticas consolidadas do turismo de base comunitária. Para isso, é essencial fomentar diálogos entre visitantes e moradores, permitindo que as experiências turísticas promovam um intercâmbio real e respeitoso entre culturas. Assim, será possível garantir que a comunidade preserve sua identidade única, enquanto se lança em um futuro sustentável no campo do turismo, permitindo que os benefícios advindos do setor sejam efetivamente compartilhados entre todas as partes envolvidas.

Portanto, para que a Comunidade de Eufрасina possa efetivamente se transformar em um destino de turismo de base comunitária, é essencial desenvolver um planejamento que considere não apenas a preservação dos recursos naturais e culturais, mas que também fomente a inclusão e a voz dos moradores locais na construção de políticas turísticas. A promoção do turismo em Eufрасina deve ser, assim, uma oportunidade para fortalecer a identidade local, respeitar os limites naturais do ambiente e garantir que os benefícios econômicos cheguem à comunidade, assegurando um desenvolvimento equitativo e sustentável. Em última análise, o verdadeiro potencial da comunidade de Eufрасina reside na capacidade de harmonizar o turismo com as necessidades e características de sua população,

promovendo uma relação simbiótica entre visitantes e a rica herança cultural e natural que o local abriga.

Entretanto, o estudo apresenta algumas limitações, como a restrição à análise de resumos disponíveis na base de dados Scopus, o que pode não refletir a totalidade da produção científica sobre o tema. Sugere-se que pesquisas futuras explorem uma gama mais ampla de fontes e metodologias, incluindo estudos de caso e análises empíricas, para aprofundar a compreensão do impacto do TBC em diferentes contextos e comunidades. Além disso, a investigação de como as políticas públicas podem ser adaptadas para apoiar o TBC em comunidades insulares é uma área que apresenta possibilidades para futuras pesquisas

## REFERÊNCIAS

- Abadia, L.R. e Sousa, C.Â. d. M. (2023). Como Fazer Análise de Conteúdo? ETD – Educação Temática Digital, 25, e023003. <https://doi.org/10.20396/etd.v25i00.8664015>
- Aksnes, D. W. and Sivertsen, G. (2019). A Criteria-based Assessment of the Coverage of Scopus and Web of Science. *Journal of Data and Information Science*, 4(1), 1-21. <https://doi.org/10.2478/jdis-2019-0001>
- Alcântara, L., Feuser, S., & Sampaio, C. (2015). Turismo de Base Comunitária (TBC): Uma Experiência na Zona de Educação para o Ecodesenvolvimento do Rio Sagrado (Morretes, Paraná, Brasil). *Turismo e Sociedade*, 8(2). <https://doi.org/10.5380/tes.v8i2.39332>
- Almeida "Desenvolvimento Local Sustentável a Partir do Turismo de Base Comunitária (TBC)" - *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional* (2024) DOI:10.54399/rbgdr.v20i3.7484
- Almeida and Emmendoerfer - "Turismo de Base Comunitária (TBC) e Desenvolvimento Local Sustentável" - *Revista de Turismo Contemporâneo* (2022) DOI:10.21680/2357-8211.2023v11n1id29163.
- Alves, "Políticas de Identidade e Políticas de Educação: Estudo Sobre Identidade" *Psicologia & Sociedade* (2017) DOI:10.1590/1807-0310/2017v29172186.
- Alves, L. (2021). Proposta de Integração do Capital Social ao Ciclo de Vida do Turismo de Base Comunitária (TBC). *Revista Turismo em Análise*, 32(3), 476-493. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v32i3p476-493>.
- Alves, Lynn Rosalina Gama; Pretto, Nelson. *Escola: Um Espaço de Aprendizagem Sem Prazer. Comunicação & Educação*, n. 16, p. 29-35, 1999.
- Alves, T. and Nascimento, O. (2019). A Frágil Democracia Brasileira e o Mal Estar Sofrido no Âmbito Cultural: Os Desafios do MINC e das Políticas Culturais. *Políticas Culturais em Revista*, 12(2), 72. <https://doi.org/10.9771/pcr.v12i2.32665>.
- Andolina, Cristina et al. Environmental Effects of Tourism and its Seasonality on Mediterranean Islands: The Contribution of the Interreg Med Blueislands Project to Build up an Approach Towards Sustainable Tourism. **Environment, Development and Sustainability**, v. 23, p. 8601-8612, 2021.
- Anthony on Instagram: "01.12.2024 - Dia de Fazer Farinha de Mandioca em Família - Mantendo as Tradições ♡". Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/DDDWj2DuFFj/?igsh=NzBlaDVmZn>>. Acesso em: 18 maio. 2025.

Ardoin, N., Bowers, A., & Gaillard, E. (2020). Resultados da Educação Ambiental para a Conservação: Uma Revisão Sistemática. *Conservação Biológica*, 241, 108224. <https://doi.org/10.1016/j.biocon.2019.108224> .

Aria, Massimo; Cuccurullo, Corrado. Bibliometrix: Uma Ferramenta R para Análise Abrangente de Mapeamento Científico. **Journal of Informetrics** , v. 11, n. 4, p. 959-975, 2017.

Arroyo, J. and Agurto, J. (2021). Fortalecimiento de la Identidad Cultural en la Educación Básica Regular. *Educare Et Comunicare Revista de Investigación de la Facultad de Humanidades*, 9(1), 47-58. <https://doi.org/10.35383/educare.v9i1.600>.

Ballesteros, Carmem et al. Análise da Promoção Cultural como Ferramenta de Fortalecimento da Identidade Afro-Esmeralda. *Revista Pesquisa Lassaliana*, v. 15, Não. 2 P. 367-377, 2018.

Barcelos, J. M. (2025). Educação Patrimonial como ferramenta pedagógica: Cultura, Patrimônio e Turismo em Comunidades Caiçaras de Guaraqueçaba-PR. V. 25 n.01: Dossiê Interface Saúde Mental e Educação: Tecendo Saberes Interdisciplinares. DOI: <https://doi.org/10.21680/1984-3879.2025v25n01ID40194>

Bardin, L. Análise de Conteúdo. Ed.70 LTDA, 225p., 1977.

Bardin, Laurence. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

Barros "Turismo Comunitario Y Sostenible: Una Revisión de Iniciativas Exitosas en Países en Desarrollo" *Ciencia Latina Revista Científica Multidisciplinar* (2024) DOI:10.37811/cl\_rcm.v8i5.14253.

Basile, Gianpaolo et al. Community Participation as a Driver of Sustainable Tourism. The Case of an Italian Village: Marettimo Island. **Sinergie Italian Journal of Management**, v. 39, n. 1, p. 81-102, 2021.

Bassinello et al. "A Importância da Dimensão da Cultura nos Processos de Qualificação em Turismo nos Territórios Brasileiros da Rota Bioceânica" - *Interações (Campo Grande)* (2023) DOI:10.20435/inter.v24i4.4188.

Borba et al. "Como Criar Valor com a Transformação Digital?" - *GV-Executivo* (2023) DOI:10.12660/gvexec.v22n4.2023.89711.

Botelho, L., Wuerges, A., Thiele, J., Macedo, M., & Trindade, E. (2014). Revisão Integrativa dos Artigos sobre Economia Solidária publicados no ENANPAD entre 2004 e 2013. *International Journal of Knowledge Engineering and Management*, 3(7), 171. <https://doi.org/10.47916/ijkem-vol3n7-2014-9>

Boulhosa - "Turismo de Base Comunitária (TBC): Em Busca de Caminhos Sustentáveis para o Turismo na Ilha do Marajó (Edição 524)" - *Papers do NAEA* (2020) DOI:10.18542/papersnaea.v1i3.10461

Bozzato, Simone et al. Perspectives for Community-driven Tourism in Cape Verde. 2022.

Brant, I. C. (2021). Acessibilidade, Direito e Patrimônio de Todos. Ciências Sociais Aplicadas: A Sociedade em sua Integralidade. <https://doi.org/10.37423/210804605>

Brito, L. T. d., Silva, J. R. H., & Sousa, S. M. d. A. (2024). Identidade Cultural. Marketing & Tourism Review, 9(1). <https://doi.org/10.29149/mtr.v9i1.8303>.

Buckley, R. (2011). Tourism and Environment. Annual Review of Environment and Resources, 36(1), 397-416. <https://doi.org/10.1146/annurev-environ-041210-132637>.

Burgos and Mertens "As Redes de Colaboração no Turismo de Base Comunitária (TBC): Implicações para a Gestão Participativa" Tourism & Management Studies (2016) DOI:10.18089/tms.2016.12203.

Burgos and Mertens "Os Desafios do Turismo no Contexto da Sustentabilidade: As Contribuições do Turismo de Base Comunitária (TBC)" Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural (2015) DOI:10.25145/j.pasos.2015.13.004

Burgos, Andrés; Mertens, Frédéric. A Perspectiva Relacional na Gestão do Turismo de Base Comunitária (TBC): O Caso da Prainha do Canto Verde. 2015.

Bursztyn and Bartholo "Processo de Comercialização do Turismo de Base Comunitária (TBC) no Brasil." Sustainability in Debate (2012) DOI:10.18472/sustdeb.v3n1.2012.7198.

Cardápio Turístico Eufrasina. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <[https://redecaicara.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/03/cardc3a1pio\\_eufrasina\\_2017.pdf?utm\\_source=chatgpt.com](https://redecaicara.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/03/cardc3a1pio_eufrasina_2017.pdf?utm_source=chatgpt.com)>. Acesso em: 19 maio. 2025.

Calderón and Duque "Indicadores de Gestión Comunitaria a partir de los Ejes del Turismo Comunitario. Caso: Emprendimientos de la Nacionalidad Waorani en Yasuní." Chakiñan Revista de Ciencias Sociales y Humanidades (2021) DOI:10.37135/chk.002.15.08.

Campos et al., "O patrimônio Arqueológico no Licenciamento Cultural: Legislação, Políticas Culturais e Gestão Integrada" Oculum Ensaios (2017) DOI:10.24220/2318-0919v14n2a3858.

Campos-Sánchez et al. Economía Solidaria: La situación del Turismo Comunitario en Ecuador. MQRInvestigar, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 5917–5933, 2024. DOI: 10.56048/MQR20225.8.1.2024.5917-05933. Disponível em: <https://www.investigarmqr.com/ojs/index.php/mqr/article/view/1216>.

Canalejo, Ana María Castillo et al. Resident Perceptions of Community Tourism in Cape Verde. Tourism Culture & Communication, v. 15, n. 2, p. 103-119, 2015. <http://dx.doi.org/10.3727/109830415X14401707765926>.

Canavan, Brendan. Tourism Culture: Nexus, Characteristics, Context and Sustainability. **Tourism Management**, v. 53, p. 229-243, 2016.

Carvalho et al. "Ecoturismo – Uma Proposta de Implantação na Reserva Particular de Patrimônio Natural Fazenda Pantanal, Codó.

Castañeda, S., Ussa, J., & Rodríguez, J. (2020). Modelo Conceptual para la Creación de Valor en el Turismo Rural Comunitario. *Espacios*, 41(47), 176-190. <https://doi.org/10.48082/espacios-a20v41n47p13>

Cheer, Joseph M. et al. Tourism and IslandScapes: Cultural Realignment, Social-ecological Resilience and Change. **Shima**, v. 11, n. 1, 2017.

Coelho - "Refletindo sobre Turismo de Base Comunitária (TBC) em Unidades de Conservação através de uma Perspectiva Amazônica" - Revista Brasileira de Ecoturismo (RBECOTUR) (2013) DOI:10.34024/rbecotur.2013.v6.6181.

Coelho and Gontijo - "Viagens ao Amanã: Experiências, Relatos e Propostas de Base Comunitária na Amazônia" - Revista Brasileira de Ecoturismo (RBECOTUR) (2021) doi:10.34024/rbecotur.2021.v14.11044.

Cotanda - "Sindicatos frente às Inovações Tecnológicas e Organizacionais: A Experiência Brasileira." *Século XXI - Revista de Ciências Sociais* (2022) DOI:10.5902/2236672564268

Creaney, Rachel; Niewiadomski, Piotr. Tourism and Sustainable Development on the Isle of Eigg, Scotland. **Scottish Geographical Journal**, v. 132, n. 3-4, p. 210-233, 2016.

Descola, Philippe. Além de Natureza e Cultura. *Tessituras, Pelotas*, v. 3, n. 1, p. 7-33, jan./jun. 2015.

Dias - "Feline Watching Tourism in South America: Conservation, Sustainability and Impacts in the Pantanal and Patagonia" (2024) DOI:10.56238/levv15n38-007.

Dias and Cruz - "Territórios (Re)Significados de Comunidades Indígenas em Unidades de Conservação do Baixo Rio Negro.

Dias, G., Silva, E., Lima, J., Cavalcante, T., & Santana, P. (2018). Outra Economia Acontece em Pernambuco. <https://doi.org/10.29327/15169.11-34>

Diniz, R., Miné, G., & Tubaldini, M. (2014). (Re)Significação e (Re)Invenção Cultural Quilombola: As Espacialidades Afro-Brasileiras do Conjunto da Marujada e do Grupo Curiango no Vale do Jequitinhonha / MG. *Geotextos*, 10(1). <https://doi.org/10.9771/1984-5537geo.v10i1.9954>

Dionisio, Mara; Nisi, Valentina. Leveraging Transmedia Storytelling to Engage Tourists in the Understanding of the Destination's Local Heritage. **Multimedia Tools and Applications**, v. 80, n. 26, p. 34813-34841, 2021.

Ditta-Apichai, M., Kattiyapornpong, U., & Gretzel, U. (2020). Platform-mediated Tourism Micro-entrepreneurship: Implications for Community-based Tourism in Thailand. *Journal of Hospitality and Tourism Technology*, 11(2), 223-240. <https://doi.org/10.1108/jhtt-05-2019-0079>.

Dolezal, Claudia; Novelli, Marina. Power in Community-based Tourism: Empowerment and Partnership in Bali. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 30, n. 10, p. 2352-2370, 2022.

Dressler, W., Balieiro, M., & Santos, J. (2017). Cultural Consonance in Life Goals and Depressive Symptoms in Urban Brazil. *Journal of Anthropological Research*, 73(1), 43-65. <https://doi.org/10.1086/690610>.

Dressler, W., Balieiro, M., & Santos, J. (2018). What You Know, What You Do, and How You Feel: Cultural Competence, Cultural Consonance, and Psychological Distress. *Frontiers in Psychology*, 8. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.02355>.

Elo, S., and H. Kyngäs. 2008. The Qualitative Content Analysis Process. *Journal of Advanced Nursing* 62 (1):107–15. DOI: 10.1111/j.1365-26 48.2007.04569.x.

Ernawati, Ni Made; Sanders, Dale; Dowling, Ross. Host–guest Orientations of Community-based Tourism Products: A Case Study in Bali, Indonesia. **International Journal of Tourism Research**, v. 19, n. 3, p. 367-382, 2017.

Ertac, Murude; Tanova, Cem. Flourishing Women Through Sustainable Tourism Entrepreneurship. **Sustainability**, v. 12, n. 14, p. 5643, 2020.

Fabrino et al. "Turismo de Base Comunitária (TBC): Elementos-chave para Aferir seu Desempenho na Perspectiva da Sustentabilidade" - *Revista Brasileira de Ecoturismo (RBECOTUR)* (2012) DOI:10.34024/rbecotur.2012.v5.6224.

Fachini et al. "Utilização de Aglomerante Alternativo na Construção Civil – A Aplicação da Sustentabilidade" - *Revista Políticas Públicas & Cidades* (2023) DOI:10.23900/2359-1552v12n2-3-2023.

Fafurida, Daerobi, Ahmad; Riyanto, Guntur. Implementation Model of Community-based Tourism on Rural Tourism. **International Journal of Sustainable Development and Planning**, v. 17, n. 2, p. 507-512, 2022.

Fang, H., Sun, M., & Li, R. (2018). The Influence of Cultural Diversity on the Import of Chinars Core Cultural Products. <https://doi.org/10.2991/iceemr-18.2018.185>.

Farias, M., Silva, A., & Olave, M. (2018). O Fortalecimento dos Bancos Comunitários a partir da Organização em Rede: O Caso da Rede Baiana de BCDS. <https://doi.org/10.17648/egepe-2018-83535>.

Farmaki, Anna et al. Politics and Sustainable Tourism: The Case of Cyprus. **Tourism Management**, v. 47, p. 178-190, 2015.

Fatina, Shana; Soesilo, Tri Edhi Budhi; Tambunan, Rudy Parluhutan. Collaborative Integrated Sustainable Tourism Management Model Using System Dynamics: A Case of Labuan Bajo, Indonesia. **Sustainability**, v. 15, n. 15, p. 11937, 2023.

Faxina, Fabiana; Freitas, Lara Brunelle Almeida; Trevizan, Salvador Dal Pozzo. Environmental Sustainability in Fishing Communities within Tourist Destinations: The Case of Mem de Sá Island-Brazil. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 10, n. 1, p. 1-21, 2021.

Fenitra, Rakotoarisoa Maminirina et al. Understanding Younger Tourist'intention Toward Environmentally Responsible Behavior. **Geo Journal of Tourism and Geosites**, v. 36, p. 646-653, 2021.

Ferrarini, A., Gaiger, L., & Schiochet, V. (2018). O Estado da Arte e a Agenda de Pesquisa em Economia Solidária no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia - RBS*, 6(12). <https://doi.org/10.20336/rbs.238>.

Fichter, Tim; Martín, Juan Carlos; Román, Concepción. Young Segment Attitudes Towards the Environment and Their Impact on Preferences for Sustainable Tourism Products. **Sustainability**, v. 15, n. 24, p. 16852, 2023.

Figuroa B, Eugenio; Rotarou, Elena S. Sustainable Development or Eco-collapse: Lessons for Tourism and Development from Easter Island. **Sustainability**, v. 8, n. 11, p. 1093, 2016.

Fitzpatrick, S., Thompson, V., Poteate, A., Napolitano, M., & Erlandson, J. (2016). Marginalization of the Margins: The Importance of Smaller Islands in Human Prehistory. *The Journal of Island and Coastal Archaeology*, 11(2), 155-170. <https://doi.org/10.1080/15564894.2016.1192568>.

Gabrielli, C. and Nicolau, G. (2017). Turismo de Base Comunitária (TBC) e Patrimônio Cultural Imaterial no Nordeste Brasileiro. *Caderno Virtual de Turismo*, 16(3). <https://doi.org/10.18472/cvt.16n3.2016.1168>.

Gagnon, Yves-Chantal. O Estudo de Caso como Método de Pesquisa. Presses de l'Université du Québec, 2009. Projeto MUSE, <https://doi.org/10.1353/book15527>.

Gaiger, Luiz Inácio Germany; Kuyven, Patrícia Sorgatto. Economia Solidária e Trajetórias de Trabalho - Uma Visão Retrospectiva a Partir de Dados Nacionais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 35, n. 103, p. e3510304, 2020. <https://doi.org/10.1590/3510304/2020>.

Gascón, Jordi; Mamani, Kevin S. Community-based Tourism, Peasant Agriculture and Resilience in the Face of COVID-19 in Peru. **Journal of Agrarian Change**, v. 22, n. 2, p. 362-377, 2022.

Gascón, Jordi; Milano, Claudio. Community Based Tourism: A Global South Perspective. **Tourism & Management Studies**, v. 20, n. 3, p. 27-37, 2024.

Gavino et al. "Desarrollo del Turismo Comunitario en la Amazonía Ecuatoriana; Análisis de los Beneficios Sociales para las Comunidades Indígenas de Ecuador"

LATAM - Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales y Humanidades (2024)  
DOI:10.56712/latam.v5i6.3023.

Giampiccoli, Andrea; Mtapuri, Oliver; Dłużewska, Anna. Sustainable Tourism and Community-based Tourism in Small Islands: A Policy Analysis. In: **Forum Geographic**. University of Craiova, Department of Geography, 2021. p. 92.

Giampiccoli, Andrea; Muhsin, Basma Abdul; Mtapuri, Oliver. Community-based Tourism in the Case of the Maldives. **Geo Journal of Tourism and Geosites**, v. 29, n. 2, p. 428-439, 2020.

Gil, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

Ginanjjar, R. (2023). Community Empowerment in Tourism Development: Concepts and Implications. *The Eastasouth Management and Business*, 1(03), 111-119. <https://doi.org/10.58812/esmb.v1i03.82>

Graciano & Holanda (2020) - Graciano, P. and Holanda, L. (2020). Análise Bibliométrica da Produção Científica sobre Turismo de Base Comunitária (TBC) de 2013 a 2018. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 14(1), 161-179. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v14i1.1736>.

Graeff, Lucas. Interpretação do Patrimônio e Empoderamento Cultural. In: III Seminário Nacional sobre Patrimônio Histórico. 2018.

Grelaud, Michael; Ziveri, Patrizia. The Generation of Marine Litter in Mediterranean Island Beaches as an Effect of Tourism and its Mitigation. **Scientific Reports**, v. 10, n. 1, p. 20326, 2020.

Grilli, Gaetano et al. Prospective Tourist Preferences for Sustainable Tourism Development in Small Island Developing States. **Tourism Management**, v. 82, p. 104178, 2021.

Grimm, I., Sampaio, C., & Garcia, M. (2017). Estrategias de Desarrollo: La Investigación Científica en el Campo del Turismo de Base Comunitaria. *Gestión Turística*, (27), 44-65. <https://doi.org/10.4206/gest.tur.2017.n27-04>.

Grupo Acquaplan – Quem Somos. 2025a. Disponível em: <https://grupoacquaplan.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 2 maio 2025.

Grupo Acquaplan – Nossa Equipe. 2025b. Disponível em: <https://grupoacquaplan.com.br/acquaplan/>. Acesso em: 2 maio 2025.

Grupo Acquaplan. Empresas Associadas. 2025c. Disponível em: <https://grupoacquaplan.com.br/>. Acesso em: 2 maio 2025.

LinkedIn. Grupo Acquaplan – Perfil Institucional. 2025. Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/grupoacquaplan/>. Acesso em: 2 maio 2025.

Gudergues - "A Importância do Turismo Sustentável como Modo de Educação Ambiental: Estudo de Caso da Temporada de Baleias no Instituto Baleia Jubarte -

Praia do Forte (BA)" - Revista Brasileira de Educação Ambiental (REVBEA) (2023)  
DOI:10.34024/revbea.2023.v18.14280

Guizi - "O turismo em Meio à Sociedade 5.0: Estudo em Materiais da Organização Mundial do Turismo de 2016 a 2023", Turismo - Visão e Ação (2024)  
DOI:10.14210/tva.v26.20140

Gurova, T., Barbosa, O., Lima, A., Ferreira, L., Matta, P., Pereira, R., ... & Almeida, J. (2022). Técnica de Validação. *Technology Sciences*, 4(2), 16-24. <https://doi.org/10.6008/cbpc2674-6425.2022.002.0003>.

Güss CD (2015) The Brain and Thinking Across Cultures. *Front. Young Minds*. 3:12.  
DOI: 10.3389/frym.2015.00012.

Hall, S. - A Centralidade da Cultura: Notas sobre as Revoluções Culturais do nosso Tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 2, v. 22, p. 5, 1997.

Hanai and Espíndola - "Programa de Sensibilização Sustentável do Turismo: Uma Proposta para Envolvimento e Participação de Comunidades Locais" - *Revista Turismo em Análise* (2011), DOI:10.11606/issn.1984-4867.v22i1p4-24.

Hardy, Anne; Pearson, Leonie J. Determining Sustainable Tourism in Regions. *Sustainability*, v. 8, n. 7, p. 660, 2016.

Hidayat, Nur et al. Kerentanan Sosial Ekonomi dan Keberlanjutan Masyarakat Desa Dalam Pembangunan Pariwisata di Kabupaten Kepulauan Anambas. *Journal of Natural Resources and Environmental Management*, v. 11, n. 2, p. 285-297, 2021.

Hidayattuloh, M., Bambang, A., & Amirudin, A. (2020). The Green Economy Concept as Development Strategy of Cempaka Tourism Village Toward Sustainable Tourism Development. *The Indonesian Journal of Planning and Development*, 5(1), 30-37. <https://doi.org/10.14710/ijpd.5.1.30-37>.

Hoang, Chien Thi; Kirby, Mitchell; Tran, Lan Dinh. User Willingness to Pay for Natural Resource Conservation at Bach Long Vy Island, Vietnam. *Vietnam Journal of Earth Sciences*, v. 44, n. 2, p. 239-256, 2022.

Hojnik, J., Ruzzier, M., & Ruzzier, M. (2019). Transição para a Sustentabilidade: Adoção de Ecoprodutos entre Consumidores. *Sustentabilidade*. <https://doi.org/10.3390/SU11164308>.

Hsu, Cheng-Yu; Chen, Mei-Yen; Yang, Shih-Chieh. Residents' Attitudes Toward Support for Island Sustainable Tourism. *Sustainability*, v. 11, n. 18, p. 5051, 2019.

Huffner, J., Martins, M., & Bastos, M. (2018). A possível Atuação do Ecomuseu da Amazônia no Desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC) na Ilha de Cotijuba - PA. *Turismo - Visão e Ação*, 20(2), 235. <https://doi.org/10.14210/rtva.v20n2.p235-248>.

Hwang, Doohyun; CHI, Sang-Hyun; Lee, Byeongcheol. Collective Action that Influences Tourism: Social Structural Approach to Community Involvement. **Journal of Hospitality & Tourism Research**, v. 40, n. 4, p. 497-515, 2016.

Inchausti-Sintes, Federico; Voltes-Dorta, Augusto. The Economic Impact of the Tourism Moratoria in the Canary Islands 2003–2017. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 28, n. 3, p. 394-413, 2020.

Jácome, V.M., Salinas, S.R., & Sánchez, A.D. (2018). La Vinculación desde las Instituciones de Educación Superior como Apoyo al Desarrollo del Turismo Comunitario y la Conservación del Manglar en la Isla Costa Rica, El Oro, Ecuador.

Junaid, Ilham; Sigala, Marianna; Banchit, Azilawati. Implementing Community-based Tourism (CBT): Lessons Learnt and Implications by Involving Students in a CBT Project in Laelae Island, Indonesia. **Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education**, v. 29, p. 100295, 2021.

Justo, M. (2023). Bem Viver e Economia Solidária. P2p e Inovação, 9, 81-96. <https://doi.org/10.21728/p2p.2023v9nesp.p81-96>.

Kapatan, S., Robby, I., & Karmilah, M. (2023). Construindo um Caráter Sustentável por Meio da Educação Ambiental Baseada na Comunidade. *International Journal of Integrative Sciences*. <https://doi.org/10.55927/ijis.v2i11.6610>.

Khalid, S., Ahmad, M., Ramayah, T., Hwang, J., & Kim, I. (2019). Community Empowerment and Sustainable Tourism Development: The Mediating Role of Community Support for Tourism. *Sustainability*, 11(22), 6248. <https://doi.org/10.3390/su11226248>.

Khatri, K. (2023). Income Generation Through Home Stay Tourism: A Case of Ilam Municipality. *Res. J.*, 8(1), 64-76. <https://doi.org/10.3126/rj.v8i1.60992>.

Klant, LM e Santos, VS d. (2021). O Uso do Software Iramuteq na Análise de Conteúdo - Estudo Comparativo Entre os Trabalhos de Conclusão de Curso do Profepto e os Referenciais do Programa. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 10(4), e8210413786. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i4.13786>.

Kurniawan, Edi; Astuti, Tri Marhaeni Pudji; Syifauddin, Mohamad. Community Participation in Creating Sustainable Community-based Tourism. 2022.

Lara, F., Siqueira, D., & Siqueira, A. (2023). Revisão Sistemática da Literatura como Técnica de Revisão de Literatura na Área do Direito. *Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas (Unifafibe)*, 10(3), 82-110. <https://doi.org/10.25245/rdspp.v10i3.1319>.

Lemes et al. "Contribuição do Ecoturismo e Educação Ambiental em um Balneário Localizado no Município de Nobres (MT)" - *Revista Brasileira de Ecoturismo (RBECOTUR)* (2014) DOI:10.34024/rbecotur.2014.v7.6317.

Lenao, Monkogoi. Community, State and Power-relations in Community-based Tourism on Lekhubu Island, Botswana. In: **Tourism Planning and Development**. Routledge, 2019. p. 177-195.

Li, Xiubai; KIM, Jinok Susanna; Lee, Timothy J. - Collaboration for Community-based Cultural Sustainability in Island Tourism Development: A Case in Korea. **Sustainability**, v. 13, n. 13, p. 7306, 2021.

Liberato et al. "Propriedade Intelectual: Levantamento de Patentes no Setor de Turismo" - Revista Brasileira de Administração Científica (2021) DOI:10.6008/cbpc2179-684x.2021.002.0025.

Lim, Chen-Kim; Tan, Kian-Lam; Farid Ahmed, Minhaz. Conservation of Culture Heritage Tourism: A Case Study in Langkawi Kubang Badak Remnant Charcoal Kilns. **Sustainability**, v. 15, n. 8, p. 6554, 2023.

Lima and Alves - "Dificuldades e Oportunidades do Turismo de Base Comunitária (TBC) em Serra Grande/Uruçuca-BA" - Cultura - Revista de Cultura e Turismo (2023) DOI:10.36113/cultur.v17i1.3211.

Linnes, Cathrine et al. What Tourists Want, a Sustainable Paradise. **Tourism and Hospitality**, v. 3, n. 1, p. 164-183, 2022.

Lobato - "Turismo de Base Comunitária (TBC) e Desenvolvimento Socioespacial: um Diálogo Possível" - Revista Brasileira de Ecoturismo (RBECOTUR) (2013) DOI:10.34024/rbecotur.2013.v6.6083.

Ukman, Kevin Muhamad et al. Tourism Impacts on Small Island Ecosystems: Public Perceptions from Karimunjawa Island, Indonesia. **Journal of Coastal Conservation**, v. 26, n. 3, p. 14, 2022.

Machado, "A Regra e o Jogo: Identidade, Hegemonia e Políticas Públicas para as Culturas Populares no Brasil Contemporâneo" - Revista Extraprensa (2019) DOI:10.11606/extraprensa2019.153959.

Manglis, Angelos; Fourkiotou, Anastasia; Papadopoulou, Dimitra. A Roadmap for the Sustainable Valorization of Accessible Underwater Cultural Heritage Sites. **Heritage**, v. 4, n. 4, p. 4700-4715, 2021.

Manglis, Angelos; Fourkiotou, Anastasia; Papadopoulou, Dimitra. The Accessible Underwater Cultural Heritage Sites (AUCHS) as a Sustainable Tourism Development Opportunity in the Mediterranean Region. **Tourism: An International Interdisciplinary Journal**, v. 68, n. 4, p. 499-503, 2020.

Marsiglia, Regina Maria Giffoni. Orientações Básicas para a Pesquisa. Serviço Social e Saúde: Formação e Trabalho Profissional. São Paulo: OPAS, OMS, Ministério da Saúde, p. 1-18, 2006.

Martins, C., Seyffert, B., Braun, J., & Fillmann, G. (2011). Input of Organic Matter in a Large South American Tropical Estuary (Paranaguá Estuarine System, Brazil)

Indicated by Sedimentary Sterols and Multivariate Statistical Approach. *Journal of the Brazilian Chemical Society*, 22(8), 1585-1594. <https://doi.org/10.1590/s0103-50532011000800023>.

Mcnaughton, Maurice; RAO, Lila; VERMA, Sameer. Building Smart Communities for Sustainable Development: Community Tourism in Treasure Beach Jamaica. **Worldwide Hospitality and Tourism Themes**, v. 12, n. 3, p. 337-352, 2020.

Mcnaughton, Maurice; RAO, Lila; Verma, Sameer. Building Smart Communities for Sustainable Development: Community Tourism in Treasure Beach Jamaica. *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, v. 12, n. 3, p. 337-352, 2020.

Melo and Zaneti - "Pitadas de Cerrado": Turismo e Gastronomia em Prol da Educação Ambiental" - *Ágora* (2021) DOI:10.17058/agora.v23i1.15946.

Melo et al. "Consumo e Sustentabilidade em Turismo: Panorama, Conceitos e Métodos Aplicados no Contexto de Pesquisas no Brasil" - *Revista de Turismo Contemporâneo* (2021) DOI:10.21680/2357-8211.2021v9n2id21641

Mença, C. C. Diversidade cultural: respeito, identidade e memória. 2025. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/diversidade-cultural-mdash-respeito-identidade-e-memoria> Acesso em: 07 jan. 2026.

Mendonça Neto, M. T.; Nascimento, M. A. L. (2024). Turismo de Base Comunitária e Gestão Participativa em Áreas Protegidas. <https://doi.org/10.55028/at.v8i1.19539>

Mendoza, Á., Montalván, P., Morales, M., & Párraga, Y. (2022). El Turismo Comunitario como Apuesta de Diversificación en Destinos Sol y Playa. Caso de la Comuna Ancestral de Ligüiqui. Manta - Ecuador. *Rotur Revista De Ocio Y Turismo*, 16(1), 100-118. <https://doi.org/10.17979/rotur.2022.16.1.8603>.

Mesoudi (2015) - Mesoudi, A. (2015). Evolução Cultural: Uma Revisão da Teoria, Descobertas e Controvérsias. *Biologia Evolutiva*, 43, 481 - 497. <https://doi.org/10.1007/s11692-015-9320-0>.

Mielke and Pegas - "Turismo de Base Comunitária (TBC) no Brasil. Insustentabilidade é uma Questão de Gestão" - *Revista Turismo em Análise* (2013) DOI:10.11606/issn.1984-4867.v24i1p170-189.

Mitha, S. (2024). Emerging Technologies and Higher Education Libraries: A Bibliometric Analysis of the Global Literature. *Library Hi Tech*. <https://doi.org/10.1108/lht-02-2024-0105>.

Mohan, Preeya. Sustainable Tourism and the Sustainable Development Goals in Sub-national Island Jurisdictions: The Case of Tobago. **Island Studies Journal**, v. 17, n. 2, p. 168-191, 2022.

Moraes et al. "Comunidade Ribeirinha Santo Ezequiel Moreno: Inovações Sociais em Torno do Açaí Relacionadas à Organização" - *Amazônia Organizações e Sustentabilidade* (2021) DOI:10.17648/aos.v10i2.2420.

Moraes et al. "Turismo de Base Comunitária (TBC) à Luz da Teoria Ator-rede: Novos Caminhos Investigativos no Contexto Brasileiro" - Revista Crítica de Ciências Sociais (2020) DOI:10.4000/rccs.10761.

Moraes et al. "Turismo de Base Comunitária (TBC) em Unidades de Conservação de Uso sustentável no Brasil: Para Pensar Práticas de Gestão" Turismo - Visão e Ação (2024) DOI:10.14210/tva.v26.19133.

Moraes, G. M. C. (2021). Saberes artesanais e o Turismo de Base Comunitário (TBC): um novo olhar para o desenvolvimento da comunidade Ilha Grande dos Paulinos em Tutóia. Universidade Federal do Maranhão. <https://hdl.handle.net/123456789/5353>

Moura, A. and Costa, M. (2019). A Regulamentação e a Precarização do Trabalho nos Estabelecimentos Solidários a Partir das Decisões do TRT da 4ª Região. Revista de Direito, 10(2), 27-65. <https://doi.org/10.32361/20181022104>.

Munn, Z., Peters, M., Stern, C., Tufănar, C., McArthur, A., & Aromataris, E. (2018). Systematic Review or Scoping Review? Guidance for Authors When Choosing Between a Systematic or Scoping Review Approach. BMC Medical Research Methodology, 18(1). <https://doi.org/10.1186/s12874-018-0611-x>.

Naja, Danis Arbabun et al. A Study on the Social Network Analyses of Dive Centers and Sustainable Tourism Development in Pemuteran Bali, Indonesia. **Geo Journal of Tourism and Geosites**, v. 36, p. 603-615, 2021.

Nascimento et al. "Ecoturismo e Turismo Comunitário em uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável no Nordeste Brasileiro" - Revista Caderno Pedagógico (2024) DOI:10.54033/cadpedv21n5-148.

Ngan, Nguyen Ngoc Chau; Omar, Shida Irwana; NGOC, Ho Nhu. Local Perceptions Towards the Environmental Impact of Tourism on the Chàm Islands, Vietnam. **Planning Malaysia**, v. 20, 2022.

Nordin, Aleff Omar Shah; Ismail, Fathilah; Jamal, Nurain Asmin Mohd. Impact of Tourism Development on the Quality of Life: A Case Study of Perhentian Island, Malaysia. 2020.

Nurhayati, E. e Nurhayati, S. (2023). Educação Comunitária para Gestão de Resíduos: Estratégias e Impactos. *Jurnal Dimensi*. <https://doi.org/10.33373/dms.v12i3.5582> .

O'Dwyer, E. (2007). Terras de Quilombo: Identidade Étnica e os Caminhos do Reconhecimento. Revista Tomo, (11), 43-58. <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i11.446>.

Ogunmakinde, O., Sher, W., & Egbelakin, T. (2021). Pilares da Economia Circular: Uma Revisão Semi-sistemática. *Tecnologias Limpas e Política Ambiental*, 23, 899 - 914. <https://doi.org/10.1007/s10098-020-02012-9>.

Okoli, Chitu; Schabram, Kira. A Guide to Conducting a Systematic Literature Review of Information Systems Research. 2015. <https://doi.org/10.17705/1CAIS.03743>.

Oliveira et al. "Lazer e Protagonismo Social: Uma Experiência de Turismo Comunitário no Nordeste Brasileiro" - *Cadernos de Geografia* (2021) DOI:10.14195/0871-1623\_43\_5.

OMT. (2020). Glossário de Termos Turísticos | OMT. Recuperado em 8 de fevereiro de 2020, em [https:// www.unwto.org/es/glosario-terminos-turisticos](https://www.unwto.org/es/glosario-terminos-turisticos).

Oyserman, D. (2017). Cultura de Três Maneiras: Cultura e Subculturas dentro dos Países. *Revisão Anual de Psicologia*, 68, 435–463. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-122414-033617>.

Park, Sunwoo; Chung, Namho; Lee, Won Seok. Preserving the Culture of Jeju Haenyeo (Women Divers) as a Sustainable Tourism Resource. *Sustainability*, v. 12, n. 24, p. 10564, 2020.

Paulino and Pizzio - "Turismo Comunitário e Desenvolvimento na Perspectiva dos Quilombolas no Parque Estadual do Jalapão (TO) e Adjacências" - *Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEOTUR)* (2023) DOI:10.34024/rbecotur.2023.v16.14531.

Pegas, F., Grignon, J., & Morrison, C. (2015). Interdependencies Among Traditional Resource Use Practices, Sustainable Tourism, and Biodiversity Conservation: A Global Assessment. *Human Dimensions of Wildlife*, 20(5), 454-469. <https://doi.org/10.1080/10871209.2015.1037939>.

Pelegriani, T., Sanguinet, E., Lorenzoni, R., Dörr, A., Rossato, M., & Klinger, A. (2013). Economia Solidária de Santa Maria: Estudo da Difusão de seus Valores e Perfil dos Participantes. *Revista Eletrônica em Gestão Educação e Tecnologia Ambiental*, 11(11). <https://doi.org/10.5902/223611708798>.

Pereira, L. K. B. (2025). Festividades Culturais como vetores de desenvolvimento na economia criativa. Universidade Federal do Maranhão. <http://hdl.handle.net/123456789/10276>

Pereiro, Xerardo. *Património Cultural: o Casamento entre Património e Cultura*. 2006.

Pinho, T. (2021). Experiências de Base Comunitária na Região dos Lençóis Maranhenses (Brasil): Potencialidades e Limitações. *Rotur - Revista De Ocio Y Turismo*, 15(2), 146-167. <https://doi.org/10.17979/rotur.2021.15.2.7551>.

Pinto and Pereira - "Retorno Econômico do Aproveitamento de Resíduos Gerados na Produção de Frutas no Semiárido Cearense" - *Revista IPECEGE* (2017) DOI:10.22167/r.ipecege.2017.4.7.

Polnyotee, Maythawin; Thadaniti, Suwattana. Community-based Tourism: A Strategy for Sustainable Tourism Development of Patong Beach, Phuket Island, Thailand. *Asian Social Science*, v. 11, n. 27, p. 90, 2015.

Poort, Marije Eileen et al. "Authenticity" as a Pathway to Sustainable Cultural Tourism? The Cases of Gotland and Rapa Nui. *Sustainability*, v. 13, n. 11, p. 6302, 2021.

Portos do Paraná ensina Comunidade da Ilha de Eufrasina a Instalar Sistema Alternativo de Esgoto. Disponível em: <<https://www.portosdoparana.pr.gov.br/Noticia/Portos-do-Parana-ensina-comunidade-da-ilha-de-Eufrasina-instalar-sistema-alternativo-de>>. Acesso em: 18 maio. 2025.

Prasad, Navneel Shalendra; Kumar, Nikeel Nishkar. Resident Perceptions of Environment and Economic Impacts of Tourism in Fiji. **Sustainability**, v. 14, n. 9, p. 4989, 2022.

Proença and Netto - "Turismo em Territórios Indígenas" - Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (2022) DOI:10.7784/rbtur.v16.2408.

Prokopiou, Dimitris et al. Tourism Development of the Cyclades Islands: Economic, Social and Carrying Capacity Assessment and Consequences. **WIT Transactions on Ecology and the Environment**, v. 217, p. 509-521, 2018.

Queiroz, MJ d. e Motta, GHMB (2015). Privacidade e Transparência no Setor Público: Um Estudo de Caso da Publicação de Microdados do INEP. Anais do XV Simpósio Brasileiro de Segurança da Informação e de Sistemas Computacionais (SBSeg 2015). <https://doi.org/10.5753/sbseg.2015.20116>.

Quintero, W., Blanco-Ariza, A., & Garzón-Castrillón, M. (2021). Intellectual Capital: A Review and Bibliometric Analysis. *Publications*, 9(4), 46. <https://doi.org/10.3390/publications9040046>.

Quispe, R. (2022). Praxis del Derecho de Identidad Cultural Aimara Según la Constitución Política del Perú. *Revista Pacha Derecho Y Visiones*, 3(1). <https://doi.org/10.56036/rp.v3i1.66>.

Ramkissoon, Haywantee. Authenticity, Satisfaction, and Place Attachment: A conceptual Framework for Cultural Tourism in African Island Economies. **Development Southern Africa**, v. 32, n. 3, p. 292-302, 2015.

Ranieri, Francesca et al. Sustainable Tourism in the Tremiti Islands (South Italy). **Scientific Reports**, v. 14, n. 1, p. 19021, 2024.

Rapini et al. "Inovações Tecnológicas e Organizacionais nos Serviços Intensivos em Conhecimento no Brasil" (2019) DOI:10.5151/iv-enei-2019-5.5-044.

Rede Caiçara. Disponível em: <https://redecaicara.wordpress.com/>. Acesso em: 2 maio 2025.

Rizaldi, Artamevia Salsabila; Rumanti, Augustina Asih; Andrawina, Luciana. Sustainable Tourism Industry in Indonesia through Mapping Natural Tourism Potential: Taxonomy Approach. **Sustainability**, v. 16, n. 10, p. 4201, 2024.

Rosa, M., Rover, A., Schnitzler, E., Santos, N., & Faraon, V. (2023). A Implementação de Técnicas de Mineração de Dados na Área de Controle Externo das Contas Públicas. *Revista Foco*, 16(1), e838. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n1-110>.

Rosário, Daniely do. (2022). Educação ambiental na prática do pedagogo da educação infantil da rede municipal de ensino de Paranaguá-PR. 2022. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/handle/tede/1922> Acesso em: 15 jan. 2026.

Rossi and Ramos "A relevância do Uso de Smartphones durante a Experiência Turística" *Turismo - Visão e Ação* (2019) DOI:10.14210/rtva.v21n3.p265-290.

Ruggieri, Giovanni; Platania, Marco; ZARB, Julian. Island Development Model Specialization: A Panel Data Analysis Comparing Evolutionary Tourism Model, Industrial to Community-Based (2010–2019). *Economies*, v. 10, n. 9, p. 208, 2022.

Ruiz-Ballesteros, Esteban. Community, Commons and Tourism in Floreana (Galapagos Islands). *Revista de Antropologia Social*, v. 26, n. 2, p. 333-354, 2017.

Ruiz-Ballesteros, Esteban; Del Campo Tejedor, Alberto. Community Based Tourism as a Factor in Socio-ecological Resilience. Economic Diversification and Community Participation in Floreana (Galapagos). *Sustainability*, v. 12, n. 11, p. 4724, 2020.

Rutty, Michelle; Richardson, Robert B. Tourism Research in Cuba: Gaps in Knowledge and Challenges for Sustainable Tourism. *Sustainability*, v. 11, n. 12, p. 3340, 2019.

Sampaio, C., Zechner, T., Henríquez, C., Coriolano, L., & Fernandes, S. (2014). Turismo Comunitário a partir de Experiências Brasileiras, Chilenas e Costarriquenha. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 8(1), 42-58. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v8i1.575>.

Santos - "Arranjo Produtivo Local (APL) do Turismo de Base Comunitária (TBC) na Região da Valéria no Município de Parintins-AM" *Observatorio de la Economía Latinoamericana* (2023) DOI:10.55905/oelv21n10-066.

Santos and Santos - "Os caminhos do Turismo Comunitário" - *Revista Campo-território* (2020) DOI:10.14393/rct153918.

Santos, C. (2018). Evolução da Produção Científica em Economia Solidária: O Cenário Brasileiro. *Revista Org & Demo*, 19(1), 97-112. <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2018.v19n1.07.p97>.

Santos, D. (2023). A Análise de Conteúdo com Apoio do Software Gratuito RQDA. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 11(28), 805-824. <https://doi.org/10.33361/rpq.2023.v.11.n.28.612>.

Sayed, T. (2017). Os Efeitos do Turismo de Massa: Um Estudo Avaliativo em Cox's Bazar, Bangladesh. *Jornal IOSR de Humanidades e Ciências Sociais (IOSR-JHSS)*, 22 (5), 31–36.

Sayuti, Rosiady Husaenie. Community Readiness in Implementing Sustainable Tourism on Small Islands: Evidence from Lombok, Indonesia. **Sustainability**, v. 15, n. 12, p. 9725, 2023.

Scheyvens, Regina A.; Movono, Apisalome; Auckram, Sophie. Pacific Peoples and the Pandemic: Exploring Multiple Well-beings of People in Tourism-dependent Communities. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 31, n. 1, p. 111-130, 2023.

Selva-Pareja, L., Ramos, A., Mercadé-Melé, P., & Espart, A. (2022). Evolution of Scientific Production on Health Literacy and Health Education — A Bibliometric Analysis. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(7), 4356. <https://doi.org/10.3390/ijerph19074356>.

Sheller, Mimi. Reconstructing Tourism in the Caribbean: Connecting Pandemic Recovery, Climate Resilience and Sustainable Tourism Through Mobility Justice. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 29, n. 9, p. 1436-1449, 2021.

Silva et al. "Compósito Têxtil Produzido Através de Resíduos Têxteis, Celulose Vegetal e Microbiana" *Brazilian Journal of Development* (2024) DOI:10.34117/bjdv10n1-062.

Silva et al. "Contribuições da Educação Ambiental para o Turismo em Bragança (PA) (Amazônia Atlântica): Uma Perspectiva Participativa" - *Revista Brasileira de Ecoturismo (RBECOTUR)* (2013) DOI:10.34024/rbecotur.2013.v6.6338.

Silva et al. "O Potencial do Turismo de Base Comunitária (TBC) e os Negócios com Impacto Social em Bonito/MS" - *Research Society and Development* (2022) DOI:10.33448/rsd-v11i16.37565.

Silva et al. "Turismo de Base Comunitária (TBC) no Antigo Quilombo Cabula" - *Caderno Virtual de Turismo* (2016) DOI:10.18472/cvt.16n2.2016.1149.

Silva, Francisco; Roque, Miguel. Building the Framework for Sustainable Tourism in Príncipe Island. **Tourism and Hospitality**, v. 5, n. 1, p. 225-236, 2024.

Silva, M., Oliveira, V., & Correia, S. (2022). Scientific Mapping in Scopus with Biblioshiny: A Bibliometric Analysis of Organizational Tensions. *Contextus - Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 20, 54-71. <https://doi.org/10.19094/contextus.2022.72151>.

Silva-Melo et al. "Turismo Sustentável: Alternativa para o Desenvolvimento da APA Baía Negra, Pantanal de Mato Grosso do Sul" - *Revista Brasileira de Ecoturismo (RBECOTUR)* (2019) DOI:10.34024/rbecotur.2019.v12.6738

Silva, V. V. (2024). Uma proposta de turismo de base comunitária no povoado de São Raimundo, em São Bernardo – MA: possibilidades e desafios. <https://hdl.handle.net/123456789/8132>

Siqueira et al. "Tecnologia e Sustentabilidade: Caminhos do Turismo Pós-Pandemia" *Revista Augustus* (2022) DOI:10.15202/1981896.2022v31n58p159.

Soares et al. "A Gestão do Turismo na Floresta Nacional do Tapajós" - Biodiversidade Brasileira - BioBrasil (2022) DOI:10.37002/biobrasil.v12i3.1990.

Soares et al. "ANPTUR 20 anos" - Marketing & Tourism Review (2024) DOI:10.29149/mtr.v9i1.8099

Spennemann, Dirk HR. Groundwater, Graves and Golf: Layers of Heritage Tourism on a Fiji Resort Island. **Sustainability**, v. 13, n. 11, p. 5863, 2021.

Spillman, L. (2016). Culture's Coherence: How the Trees Compose the Woods. *The American Sociologist*, 47(4), 416-429. <https://doi.org/10.1007/s12108-016-9311-3>.

Steil, Carlos Alberto; Gomes, Ana Maria R.; Carvalho, Isabel Cristina de Moura. 44| 2015 Cultura e Aprendizagem.

Tanikawa, L., Ferreira, S., & Retondario, A. (2021). Protocolo de Revisão de Escopo e Revisão Sistemática na Área de Alimentos. *Visão Acadêmica*, 22(2). <https://doi.org/10.5380/acd.v22i2.79568>.

Toledo, R. B. (2024). Educação no espaço municipal: território político-administrativo de participação social e expressão do poder local. Universidade Estadual Paulista (Unesp). <https://hdl.handle.net/11449/255843>

Toparslan, E., Karabağ, K., & Bilge, U. (2020). A Workflow with R: Phylogenetic Analyses and Visualizations using Mitochondrial Cytochrome B Gene Sequences. *Plos One*, 15(12), e0243927. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0243927>.

Torres, A. P. A. P. (2024). O olhar local das comunidades tradicionais sobre as políticas públicas de turismo em Diamantina/MG. Universidade Federal de Minas Gerais. <https://hdl.handle.net/1843/79369>

Tranfield, D., D. Denyer, and P. Smart. Rumo a uma Metodologia para Desenvolver Conhecimento de Gestão Baseado em Evidências por meio de Revisão Sistemática. **British Journal of Management**, v. 14, n. 3, p. 207-222, 2003.

Trysrandi, A. (2023). Concept of Community-based Tourism Development in Situ Tandon Ciater. *Journal of Tourism Sustainability*, 3(2), 101-105. <https://doi.org/10.35313/jtospolban.v3i2.34>.

Udok, M. (2020). Cultura. Manual de Pesquisa sobre o Impacto da Cultura na Prevenção de Conflitos e na Construção da Paz. <https://doi.org/10.4018/978-1-7998-2574-6.ch004>.

Velicko et al. "Alternativas de Reutilização de Resíduos Têxteis" Research Society and Development (2020) DOI:10.33448/rsd-v9i11.10613.

Vieira and Gomes - "Produção Científica Internacional de Turismo Comunitário" - Revista Americana de Empreendedorismo e Inovação (2020) DOI:10.33871/26747170.2020.2.3.3231.

Weis, Kristin; Chambers, Catherine; Holladay, Patrick J. - Social-ecological Resilience and Community-based Tourism in the Commonwealth of Dominica. In: **Island Tourism Sustainability and Resiliency**. Routledge, 2022. p. 97-117.

Wikiloc. As Melhores Trilhas em Eufrasina, Paraná (Brasil) | Wikiloc. Disponível em: <[https://pt.wikiloc.com/trilhas/outdoor/brasil/parana/eufrasina?utm\\_source=chatgpt.com](https://pt.wikiloc.com/trilhas/outdoor/brasil/parana/eufrasina?utm_source=chatgpt.com)>. Acesso em: 18 maio. 2025.

Yamakawa, E., Kubota, F., Beuren, F., Scalvenzi, L., & Miguel, P. (2014). Comparativo dos Softwares de Gerenciamento de Referências Bibliográficas: Mendeley, Endnote e Zotero. *Transinformação*, 26(2), 167-176. <https://doi.org/10.1590/0103-37862014000200006>.

Zanetoni "Ecossistema de Negócios com Impacto Social e o Potencial Desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC) em Bonito-MS" - Cuadernos de Educación y Desenvolvimento (2023) DOI:10.55905/cuadv15n10-008.

Zanetoni et al. "Economia Social Solidária e Turismo de Base Comunitária (TBC): Aproximações Teóricas e Teórico-empíricas" - Caderno Virtual de Turismo (2023) DOI:10.18472/cvt.23n3.2023.2099.

Zmyslowski et al. "Parcerias Público-privadas em Unidades de Conservação Ameaçam o Turismo de Base Comunitária e a Sustentabilidade de Comunidades Tradicionais" - Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental (2021) DOI:10.19177/rgsa.v10e32021293-316.

## **APÊNDICES**

Título centralizado, em negrito e em caixa alta. Início sem recuo, após dois espaçamentos com entrelinhas de 1,5. Deve ser precedido da palavra **APÊNDICE**, identificado por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelo respectivo título. Consultar NBR 14724/2011. Exemplo:

**APÊNDICE A – Título do apêndice**

## ANEXOS

### ANEXO A – MORADORES DA ILHA DE EUFRASINA

#### Perfil do entrevistado

1. Qual a sua idade?
2. -Você é nativo da ilha? (Caso não, perguntar a quanto tempo reside)
3. - Qual é a sua ocupação atual? De onde vem sua renda?

#### Perguntas Gerais sobre a Ilha de EufRASINA

4. Como você descreveria a Ilha de EufRASINA para alguém que nunca a visitou?
5. Quais são as principais atividades econômicas na ilha?
6. Qual a importância da preservação ambiental para a comunidade local?
7. Quais são as principais atividades turísticas oferecidas na Ilha de EufRASINA e como essas atividades são desenvolvidas e geridas pela comunidade local?

#### Experiência e Percepção sobre o Turismo

8. Como o turismo tem impactado a vida na Ilha de EufRASINA até agora?
9. Você percebe alguma mudança na economia local devido ao turismo? Se sim, quais mudanças?
10. Quais são as principais preocupações da comunidade em relação ao turismo na ilha?
11. Você já hospedou algum turista em sua casa? (Caso não, teria interesse em recebê-los?)

#### Envolvimento da Comunidade

12. Como os moradores da ilha participam na gestão e no desenvolvimento do turismo local?
13. Quais são os mecanismos existentes para a comunidade expressar suas opiniões sobre o turismo?
14. Existem iniciativas ou projetos de turismo comunitário atualmente em andamento na ilha? Se sim, quais?

#### Aspectos Ambientais e Culturais

15. De que maneira o turismo contribui para a conservação dos recursos naturais na ilha?
16. Quais são as práticas culturais locais que são promovidas através do turismo?
17. Há desafios específicos relacionados à preservação da biodiversidade devido ao turismo?

#### Percepções sobre as Organizações de Turismo Comunitário

18. Qual é o papel das organizações como a Rede Caiçara de Turismo e a Acquaplan na promoção do turismo na Ilha de EufRASINA?
19. Como essas organizações apoiam a comunidade local e a sustentabilidade ambiental?

### **Potenciais e Diretrizes para Futuro Desenvolvimento**

20. Quais você considera serem os maiores potenciais da Ilha de Eufrasina para o turismo de base comunitária?
21. Que tipo de apoio ou recursos a comunidade precisa para fortalecer o turismo comunitário?
22. Que práticas recomendaria para outras ilhas da região, baseando-se na experiência da Ilha de Eufrasina?

### **Sugestões**

23. Qual é a sua visão sobre o futuro do turismo na Ilha de Eufrasina?
24. Há algo mais que gostaria de acrescentar sobre a relação entre o turismo e a comunidade local?

## **ANEXO B – LÍDERES LOCAIS DA ILHA DE EUFRASINA**

### **Perfil do entrevistado**

1. Qual a sua idade?
2. -Você é nativo da ilha? (Caso não, perguntar a quanto tempo reside)
3. - Qual é a sua ocupação atual? De onde vem sua renda?

### **Perguntas Gerais sobre a Ilha de Eufrasina**

4. Como você descreveria a Ilha de Eufrasina para alguém que nunca a visitou?
5. Quais são as principais atividades econômicas na ilha?
6. Qual a importância da preservação ambiental para a comunidade local?
7. Quais são as principais atividades turísticas oferecidas na Ilha de Eufrasina e como essas atividades são desenvolvidas e geridas pela comunidade local?

### **Experiência e Percepção sobre o Turismo**

8. Como o turismo tem impactado a vida na Ilha de Eufrasina até agora?
9. Você percebe alguma mudança na economia local devido ao turismo? Se sim, quais mudanças?
10. Quais são as principais preocupações da comunidade em relação ao turismo na ilha?
11. Você já hospedou algum turista em sua casa? (Caso não, teria interesse em recebê-los?)

### **Envolvimento da Comunidade**

12. Como os moradores da ilha participam na gestão e no desenvolvimento do turismo local?

13. Quais são os mecanismos existentes para a comunidade expressar suas opiniões sobre o turismo?
14. Existem iniciativas ou projetos de turismo comunitário atualmente em andamento na ilha? Se sim, quais?

#### **Aspectos Ambientais e Culturais**

15. De que maneira o turismo contribui para a conservação dos recursos naturais na ilha?
16. Quais são as práticas culturais locais que são promovidas através do turismo?
17. Há desafios específicos relacionados à preservação da biodiversidade devido ao turismo?

#### **Percepções sobre as Organizações de Turismo Comunitário**

18. Qual é o papel das organizações como a Rede Caiçara de Turismo e a Acquaplan na promoção do turismo na Ilha de Eufrasina?
19. Como essas organizações apoiam a comunidade local e a sustentabilidade ambiental?

#### **Potenciais e Diretrizes para Futuro Desenvolvimento**

20. Quais você considera serem os maiores potenciais da Ilha de Eufrasina para o turismo de base comunitária?
21. Que tipo de apoio ou recursos a comunidade precisa para fortalecer o turismo comunitário?
22. Que práticas recomendaria para outras ilhas da região, baseando-se na experiência da Ilha de Eufrasina?

#### **Questões Específicas para Líderes Locais e Representantes de Organizações**

23. Como a liderança local da ilha de Eufrasina está envolvida no planejamento e implementação das atividades turísticas?
24. Que estratégias estão sendo adotadas para garantir a participação efetiva da comunidade nas decisões sobre o turismo?
25. Como a colaboração entre diferentes stakeholders (moradores, governo, organizações) tem sido gerida?

#### **Sugestões**

26. Qual é a sua visão sobre o futuro do turismo na Ilha de Eufrasina?
27. Há algo mais que gostaria de acrescentar sobre a relação entre o turismo e a comunidade local?

## **ANEXO C – RESPONSÁVEIS PELA REDE CAIÇARA DE TURISMO E ACQUAPLAN**

### **Perfil do entrevistado**

1. Instituição?
2. Qual é o papel da sua instituição no turismo de base comunitária em Paranaguá e, em especial, nas ilhas do litoral do Paraná?

### **Perguntas Gerais sobre a Ilha de Eufrasina**

3. Como você descreveria a Ilha de Eufrasina para alguém que nunca a visitou?
4. Quais são as principais atividades econômicas na ilha?
5. Qual a importância da preservação ambiental para a comunidade local?
6. Quais são as principais atividades turísticas oferecidas na Ilha de Eufrasina e como essas atividades são desenvolvidas e geridas pela comunidade local?

### **Experiência e Percepção sobre o Turismo**

7. Como o turismo tem impactado a vida na Ilha de Eufrasina até agora?
8. Você percebe alguma mudança na economia local na Ilha de Eufrasina devido ao turismo? Se sim, quais mudanças?

### **Envolvimento da Comunidade**

9. Como os moradores da ilha de Eufrasina participam na gestão e no desenvolvimento do turismo local?
10. Quais são os mecanismos existentes para a comunidade da ilha de Eufrasina expressar suas opiniões sobre o turismo?
11. Existem iniciativas ou projetos de turismo comunitário atualmente em andamento na ilha de Eufrasina? Se sim, quais?

### **Aspectos Ambientais e Culturais**

12. De que maneira o turismo contribui para a conservação dos recursos naturais na ilha de Eufrasina?
13. Quais são as práticas culturais locais que são promovidas através do turismo na ilha de Eufrasina?
14. Há desafios específicos relacionados à preservação da biodiversidade devido ao turismo na ilha de Eufrasina?

### **Percepções sobre as Organizações de Turismo Comunitário**

15. Qual é o papel das organizações como a Rede Caiçara de Turismo e a Acquaplan na promoção do turismo na Ilha de Eufrasina?
16. Como essas organizações apoiam a comunidade local e a sustentabilidade ambiental?
17. Quais são as principais conquistas e desafios enfrentados por essas organizações?

### **Potenciais e Diretrizes para Futuro Desenvolvimento**

18. Quais você considera serem os maiores potenciais da Ilha de Eufrasina para o turismo de base comunitária?
19. Que tipo de apoio ou recursos a comunidade precisa para fortalecer o turismo comunitário?
20. Que diretrizes ou práticas recomendaria para outras ilhas da região, baseando-se na experiência da Ilha de Eufrasina?

### **Questões Específicas para Líderes Locais e Representantes de Organizações**

21. Como a liderança local da ilha de Eufrasina está envolvida no planejamento e implementação das atividades turísticas?
22. Que estratégias estão sendo adotadas para garantir a participação efetiva da comunidade nas decisões sobre o turismo?
23. Como a colaboração entre diferentes stakeholders (moradores, governo, organizações) tem sido gerida?

#### **Feedback e Sugestões**

24. Qual é a sua visão sobre o futuro do turismo na Ilha de Eufrasina?
25. Há algo mais que gostaria de acrescentar sobre a relação entre o turismo e a ilha de Eufrasina?